



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Departamento de Ciências Agrárias

Mestrado em Engenharia do Ambiente

**PERCEÇÃO DE RISCO DOS
INTERVENIENTES NAS TOURADAS À
CORDA NA ILHA TERCEIRA-AÇORES-
PORTUGAL**

Carina Andreia Ormonde Mendonça

Orientadores:

**Professor Doutor António Félix Flores Rodrigues e
Professora Doutora Emília Leonilde Dinis Gil Soares da Silva**

**Angra do Heroísmo
2012**



UNIVERSIDADE DOS AÇORES
Departamento de Ciências Agrárias

**PERCEÇÃO DE RISCO DOS
INTERVENIENTES NAS TOURADAS À
CORDA NA ILHA TERCEIRA-AÇORES-
PORTUGAL**

Dissertação apresentada à Universidade dos Açores para obtenção do grau
de Mestre em Engenharia do Ambiente.

Carina Andreia Ormonde Mendonça

Orientadores:

Professor Doutor António Félix Flores Rodrigues e
Professora Doutora Emília Leonilde Dinis Gil Soares da Silva

Angra do Heroísmo
2012

Agradecimentos

Aos meus orientadores, professor Félix Rodrigues e professora Emiliana Silva, pelo constante apoio e motivação que me prestaram na realização desta tese, mesmo quando a disponibilidade era pouca.

À minha família e amigos, pelo apoio, motivação, compreensão e paciência que me dispensaram ao longo desta caminhada, assim como pela sua disponibilidade de colaborar na recolha dos dados.

Ao Sr. José Henrique Pimpão, pelo interesse e disponibilidade que me dispensou no fornecimento de informações.

A todos aqueles que dispensaram um pouco do seu tempo para preencher os inquéritos, permitindo que este estudo se realizasse, nomeadamente capinhas, pastores e ganaderos, principais figuras das touradas à corda terceirenses, que se mostraram incansáveis nos seus esclarecimentos, partilhando a sua paixão, e ao público pela colaboração.

Muito Obrigado!

Índice

Agradecimentos	iii
Índice	iv
Lista de Figuras	viii
Lista de Tabelas	xii
Abstract	xiii
Resumo	xv
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Contextualização da tourada à corda na ilha Terceira.....	1
1.2 Pertinência da investigação	4
1.3 Objetivos e questões associadas	6
2 A TOURADA À CORDA	7
2.1 Origem da tourada à corda.....	7
2.2 Características da tourada à corda	8
2.3 Os intervenientes	10
2.3.1 Os ganaderos.....	10
2.3.2 Os pastores.....	11
2.3.3 Os capinhas.....	12
2.3.4 O touro.....	12
2.3.5 O público	13
2.3.6 O ambiente plural.....	13
2.4 Diferentes visões das touradas	14
2.5 Interesse socioeconómico	16
3 O RISCO	17
3.1 Perceção de risco	19

3.1.1 Teoria psicométrica.....	23
3.1.2 Abordagem sociocultural	25
3.2 Comunicação de risco.....	28
3.2.1 A visibilidade do risco	29
3.2.2 A confiança.....	30
3.2.3 O afeto.....	31
3.2.4 A aceitabilidade do risco	33
3.2.5 A amplificação social do risco.....	34
4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO	36
4.1 Modelo de investigação	36
4.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados	38
4.2.1 O inquérito por questionário.....	39
4.2.1.1 A estrutura do questionário.....	40
4.2.1.2 A validação/testagem do questionário.....	41
4.3 População	43
4.4 Caracterização da amostra	43
5 RESULTADOS E TRATAMENTO DE DADOS.....	46
5.1 Entre a adolescência e a idade adulta: a tomada de decisão de enfrentar um touro.....	46
5.2 A decisão de ser ganadero.....	50
5.3 Profissionalismo ou amadorismo nas touradas à corda?	52
5.4 A perceção de risco de morte nas touradas à corda.....	53
5.5 A vulnerabilidade ao risco e a perceção de risco nas touradas à corda.....	56
5.6 A perceção de risco de morte nas touradas à corda, em função da naturalidade.....	58
5.7 A perceção de risco de morte nas touradas à corda, em função do género... 59	

5.8 A percepção de risco de morte nas touradas à corda, em função da idade.....	60
5.9 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda.....	61
5.10 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda.....	64
5.11 A negação e a atenuação do risco.....	65
5.12 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função da naturalidade.....	66
5.13 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função do género.....	67
5.14 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função da idade.....	68
5.15 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função da naturalidade.....	69
5.16 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função do género.....	70
5.17 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função da idade.....	70
5.18 A percepção de risco de morte, na lide do touro no seu habitat.....	72
5.19 Representações religiosas.....	74
5.20 Domínio do risco pelo sagrado.....	77
5.21 Posição dos indivíduos em relação a temas controversos como o aborto e a eutanásia.....	78
5.22 Valorização da sociedade.....	80
5.23 Valorização do ambiente.....	84
5.24 Valorização da tourada à corda.....	87
5.25 Valorização da profissão.....	90
5.26 O afeto pelos animais.....	93
5.27 Valores ético-morais e sociais.....	96
5.28 Os capinhas e a adrenalina associada às touradas à corda.....	101

5.29 A preocupação com fenómenos de risco	102
5.30 O “espetáculo” versus segurança.....	121
5.31 A autoestima e a submissão voluntária ao risco.....	121
6 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	131
ANEXOS.....	139

Lista de Figuras

Figura 3.1 – Componentes de análise do risco, adaptadas de Slovic & Weber (2002).....	20
Figura 4.1 – Esquema representativo das variáveis em estudo e respetivas interações.	36
Figura 5.1 – Correlação/Proporcionalidade entre o início de atividade de toureio dos capinhas em praças/tentaderos e nos arraiais das touradas à corda.	47
Figura 5.2 – Correlação/Proporcionalidade entre o ano de nascimento e o início de atividade dos capinhas inquiridos.....	48
Figura 5.3 – Correlação/Proporcionalidade entre o ano de nascimento e o início de atividade dos pastores inquiridos.....	49
Figura 5.4 – Perceção de risco de morte associado às touradas à corda pelos capinhas.	53
Figura 5.5 – Perceção de risco de morte associado às touradas à corda pelos pastores.	54
Figura 5.6 – Perceção de risco de morte associado às touradas à corda pelos ganaderos.	55
Figura 5.7 – Perceção de risco de morte associado às touradas à corda pelo público.	55
Figura 5.8 – Comparação das perceções do risco de morte associadas às touradas à corda pelos quatro grupos inquiridos.....	57
Figura 5.9 – Perceção de risco de morte associada às touradas à corda, do público terceirense e não terceirense.....	58
Figura 5.10 – Perceção de risco de morte associada às touradas à corda, do público, de acordo com o género.	60
Figura 5.11 – Perceção de risco de morte associada às touradas à corda do público, de acordo com o escalão etário.....	61
Figura 5.12 – Perceção de risco de invalidez associado às touradas à corda pelos capinhas.	62
Figura 5.13 – Perceção de risco de invalidez associado às touradas à corda pelo público.	63
Figura 5.14 – Comparação das perceções de risco de invalidez entre o público e os capinhas.....	63

Figura 5.15 – Perceção de risco de ferimentos ligeiros associados às touradas à corda pelo público.	64
Figura 5.16 – Comparação das perceções de risco de morte, invalidez e ferimentos ligeiros do público.....	65
Figura 5.17 – Perceção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público terçoirense e não terçoirense.....	66
Figura 5.18 – Perceção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público, de acordo com o género.	67
Figura 5.19 – Perceção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público, de acordo com o escalão etário.....	68
Figura 5.20 – Perceção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público terçoirense e não terçoirense.....	69
Figura 5.21 – Perceção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público, de acordo com o género.	70
Figura 5.22 – Perceção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público, de acordo com o escalão etário.....	71
Figura 5.23 – Perceção de risco de morte associado à lide do touro no pasto pelos pastores.	72
Figura 5.24 – Perceção de risco de morte associado à lide do touro no pasto pelos ganaderos.	73
Figura 5.25 – Comparação das perceções de risco de morte associado à lide do touro no pasto dos pastores e ganaderos.....	73
Figura 5.26 – Representações da religiosidade dos capinhas.	74
Figura 5.27 – Representações da religiosidade dos pastores.	75
Figura 5.28 – Representações da religiosidade dos ganaderos.	76
Figura 5.29 – Representações da religiosidade do público.....	76
Figura 5.30 – Comparação entre as representações de religiosidade dos grupos inquiridos.	77
Figura 5.31 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos capinhas.....	80
Figura 5.32 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos pastores.	81
Figura 5.33 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos ganaderos.	82

Figura 5.34 – Importância atribuída à vida em sociedade pelo público.....	82
Figura 5.35 – Comparação da importância atribuída à vida em sociedade pelos grupos inquiridos.....	83
Figura 5.36 – Importância atribuída ao ambiente pelos capinhas.....	84
Figura 5.37 – Importância atribuída ao ambiente pelos pastores.....	85
Figura 5.38 – Importância atribuída ao ambiente pelos ganaderos.....	85
Figura 5.39 – Importância atribuída ao ambiente pelo o público.	86
Figura 5.40 – Comparação da importância atribuída ao ambiente pelos grupos inquiridos.	87
Figura 5.41 – Importância atribuída às touradas à corda pelos pastores.....	88
Figura 5.42 – Importância atribuída às touradas à corda pelos ganaderos.....	88
Figura 5.43 – Importância atribuída às touradas à corda pelo público.....	89
Figura 5.44 – Comparação da importância atribuída às touradas à corda pelos grupos inquiridos.....	90
Figura 5.45 – Importância atribuída à profissão pelos pastores.....	91
Figura 5.46 – Importância atribuída à profissão pelos ganaderos.....	91
Figura 5.47 – Importância atribuída à profissão pelo público.	92
Figura 5.48 – Comparação da importância atribuída à profissão pelos grupos inquiridos.	93
Figura 5.49 – Dendrograma da análise de clusters, referente aos agrupamentos das perceções dos inquiridos neste estudo, relativamente aos animais.	94
Figura 5.50 – Importância atribuída pelos capinhas a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.	97
Figura 5.51 – Importância atribuída pelos pastores a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.	98
Figura 5.52 – Importância atribuída pelos ganaderos a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.....	99
Figura 5.53 – Importância atribuída pelo público a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.	100

Figura 5.54 – Importância atribuída por todos os inquiridos a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.....	101
Figura 5.55 – Representação do grau de adrenalina sentido pelos capinhas durante uma tourada à corda.....	102
Figura 5.56 – Preocupações dos capinhas inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.....	105
Figura 5.57 – Escala de preocupações médias dos capinhas, associadas aos fenómenos de risco apresentados.....	107
Figura 5.58 – Preocupações dos pastores inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.....	108
Figura 5.59 – Escala de preocupações médias dos pastores, associadas aos fenómenos de risco apresentados.....	110
Figura 5.60 – Preocupações dos ganaderos inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.....	112
Figura 5.61 – Escala de preocupações médias dos ganaderos, associadas aos fenómenos de risco apresentados.....	114
Figura 5.62 – Preocupações do público inquirido acerca dos vários fenómenos de risco.....	115
Figura 5.63 – Escala de preocupações médias do público, associadas aos fenómenos de risco apresentados.....	117
Figura 5.64 – Preocupações de todos os grupos inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.....	118
Figura 5.65 – Escala de preocupações médias de todos os grupos inquiridos, associadas aos fenómenos de risco apresentados.....	120
Figura 5.66 – Escala de autoestima dos grupos inquiridos.....	125
Figura 6.1 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos capinhas.....	126
Figura 6.2 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos pastores.....	127
Figura 6.3 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos ganaderos.....	128
Figura 6.4 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco do público.....	128

Lista de Tabelas

Tabela 4.1 – Setores/áreas profissionais da amostra (capinhas).	43
Tabela 4.2 – Setores/áreas profissionais da amostra (pastores).	44
Tabela 4.3 – Setores/áreas profissionais da amostra (ganaderos).	44
Tabela 4.4 – Setores/áreas profissionais da amostra (público).	45
Tabela 5.1 – Datas de nascimento e início de atividade dos capinhas.	47
Tabela 5.2 – Datas de início de atividade dos pastores.	49
Tabela 5.3 – Datas de início de atividade dos ganaderos.	51
Tabela 5.4 – Posição dos quatro grupos de inquiridos quanto ao aborto e a eutanásia.	79
Tabela 5.5 – Grau de preocupação dos capinhas para os riscos apresentados (n=10).	106
Tabela 5.6 – Grau de preocupação dos pastores para os riscos apresentados (n=7).	109
Tabela 5.7 – Grau de preocupação dos ganaderos para os riscos apresentados (n=9).	113
Tabela 5.8 – Grau de preocupação do público para os riscos apresentados (n=24).	116
Tabela 5.9 – Grau de preocupação de todos os grupos inquiridos para os riscos apresentados (n=50).	119
Tabela 5.10 – Pontuação obtida pelos capinhas inquiridos no questionário de autoestima.	122
Tabela 5.11 – Pontuação obtida pelos pastores inquiridos no questionário de autoestima.	123
Tabela 5.12 – Pontuação obtida pelos ganaderos inquiridos no questionário de autoestima.	123
Tabela 5.13 – Pontuação obtida pelo público inquirido no questionário de autoestima.	124
Tabela 5.14 – Pontuação obtida pelos inquiridos no questionário de autoestima.	124

Abstract

Traditional Terceira island bullfights are part of the heritage of the Terceira island, secular and unifying tradition of crowd, shows up more stronger and already has been appreciated by people of the other islands. Despite being a very popular activity, is also subject of intense controversy, not only as regards animal rights, but also as regards of voluntary risk exposure by many people. In this context, it was intended to investigate how different actors perceive, conceive and position themselves against the dead or physical risk associated with this activity, but also make an inventory of the involved values, to provide information for an effective risk communication.

The methodology research used, consisted on a survey done to four different traditional Terceira island bullfight involved groups, which were designated: “bullfighters”, “men at the rope”, “ranchers” and general public (N=50).

The psychometric paradigm and concepts such as concern and importance, were used to assess risk perceptions of the respondents and their positioning, associated with ethical-moral, social and environmental values.

The risk profile in the traditional Terceira island bullfights was very different from group to group, as well as the risk perception associated with different “tasks” that each plays.

The risk of bullfights was more valued by the groups which are more exposed, with no denial of risk by those who are more vulnerable to it.

People from Terceira island, of the public group, perceived higher dead risks than non Terceira island people, unlike to what was observed for invalidity and minor injuries risks.

The youngest and women respondents of public group, perceived higher risks than older people and male respondents.

The animal rights or animal well-being and animal dignity, were highly valued by “bullfighters”, concepts such as education, human rights and dignity, were more valued by other groups.

Face to several risk events, bullfights were not the most worrying event to the respondents, in general, the risks associated with environmental events assumed higher risk perceptions by respondents.

According to the obtained results, in the end, there suggested some clues for risk communication.

Keywords: Traditional Terceira island bullfights, Risk Perception, Risk Exposure, Environment.

Resumo

A tourada à corda faz parte integrante do património da ilha Terceira, tradição secular e aglutinadora de multidões, mostra-se cada vez mais vincada no povo terceirense e até já vem sendo uma tradição muito apreciada pela população das outras ilhas.

Apesar de ser uma atividade muito popular, também é assunto de grande controvérsia, não só no que diz respeito aos direitos dos animais, mas também no que se refere à exposição voluntária ao risco por parte de muitas pessoas. Nesse contexto, pretendeu-se investigar o modo como os vários intervenientes percecionam, concebem e se posicionam face ao risco físico ou de morte desta atividade, como também inventariar os valores envolvidos, de modo a fornecer indicações que permitam uma comunicação de risco eficaz.

A metodologia de investigação utilizada, constou da aplicação de um questionário a quatro grupos distintos, intervenientes nas touradas à corda, que foram designados por: Capinhas, Pastores, Ganaderos e Público em geral (N=50).

Recorreu-se ao paradigma psicométrico e a conceitos como a preocupação e valorização, para avaliar as perceções de risco e respetivo posicionamento dos inquiridos, associados a valores ético-morais, sociais e ambientais.

O perfil de risco nas touradas à corda foi muito distinto de grupo para grupo, bem como, a perceção de risco associada às diferentes “tarefas” que cada um desempenha.

O risco das touradas à corda foi mais valorizado pelos grupos que lhe estão mais expostos, não havendo negação do risco pelos que lhe estão mais vulneráveis.

Os inquiridos terceirenses pertencentes ao grupo do público percecionaram, riscos de morte mais elevados do que os não terceirenses, contrariamente ao verificado para os riscos de invalidez e ferimentos ligeiros.

Os inquiridos mais jovens e as mulheres, pertencentes ao grupo do público percecionaram riscos mais elevados, do que os restantes inquiridos de outros escalões etários e do sexo masculino.

Os direitos ou bem-estar e dignidade dos animais foram conceitos muito valorizados pelos capinhas, enquanto que a educação, os direitos humanos e a dignidade humana, foram mais valorizados pelos restantes grupos.

Perante vários fenómenos de risco, as touradas não foram o fenómeno mais preocupante, de um modo geral, os riscos associados a fenómenos ambientais assumiram percepções de risco mais elevadas por parte dos inquiridos.

De acordo com os resultados obtidos, no final do trabalho, são sugeridas algumas pistas para a elaboração de uma comunicação de risco em torno desta atividade.

Palavras-Chave: Touradas à corda, Percepção de risco, Exposição ao risco, Ambiente.

1 INTRODUÇÃO

1.1 Contextualização da tourada à corda na ilha Terceira

O Homem e as sociedades estão em constante interação com o meio, embora essa relação nem sempre seja pacífica.

A lide de touros é uma prática bastante recuada no tempo, e de certa forma a sua origem não está totalmente esclarecida, embora haja referências que remontam ao Império Romano, e mesmo antes disso, havendo a menção de que os gregos capturavam touros que destinavam ao sacrifício nas suas festas pagãs (Lopes, 2003).

Nos registos de grandes filósofos e historiadores gregos, já se fazia referência à predileção dos lusitanos pelos jogos hípicas com touros. Sabe-se que os reis portugueses corriam touros para alegrar o povo em épocas específicas, especialmente em celebrações no reino (Lopes, 2003; Ribeiro, 1982).

Hoje em dia, a atividade tauromáquica é uma atividade bem conhecida do povo português, possuindo as touradas à corda grande pujança na ilha Terceira, do arquipélago dos Açores – Portugal.

A ilha Terceira situa-se no arquipélago dos Açores, no Atlântico Norte entre as latitudes de 36° 45'N e 39° 43'N e as longitudes de 24° 45'W e 31° 17'W, com uma área de 401,6 Km², tendo uma forma aproximadamente elíptica, sendo a ilha mais oriental do grupo Central. Esta ilha tem 29 km de comprimento por 17 km de largura, numa caracterização mais redutora.

Fiel à sua *aficion*, o povo terceirense tem feito desta modalidade uma das suas maiores tradições e atrações, parecendo ser um importante fator de coesão social e económico na ilha. Consequentemente, as touradas são uma temática que suscita grande controvérsia, não só no que diz respeito ao animal como ser vivo detentor de “direitos”, como também no que respeita ao risco físico desnecessário, segundo algumas opiniões veiculadas na comunicação social, que a festa representa para os que nela participam ou simplesmente assistem.

Atendendo às condições da corrida, entre outras situações, foi criada regulamentação própria para as touradas à corda, e em junho de 2000, foi constituída a Associação Regional de Criadores da Tourada à Corda, associação sem fins lucrativos, com objetivos definidos no apoio ao evento das touradas à corda (ARCTTC, 2000).

As abordagens que se focam essencialmente na percepção do perigo e nas representações mentais dos riscos, ajudam a perceber a capacidade que as populações têm de anteciparem e de lidarem com os riscos, e isso é importante pois é, em larga medida, com base nestas questões de carácter intersubjetivo que as pessoas tomam decisões suscetíveis de as colocarem numa situação de maior ou menor exposição aos perigos. Assim, no contexto da "modernidade reflexiva", considera-se que a partir de novos argumentos gerados pelos impactos da perspetiva do risco, novos padrões cognitivos se desenham para nortear tomadas de decisões, numa abrangência que vai das mais amplas às mais quotidianas (Beck, 1992; 2000).

Um melhor entendimento das opiniões, do conhecimento e das percepções de risco, dos vários participantes das touradas à corda, poderá servir de base para a geração de uma mensagem de risco mais adequada e eficaz, de modo a que sejam corrigidas atitudes e comportamentos de todos os que nela participam.

Surge neste contexto, a necessidade de definir alguns conceitos importantes no âmbito do risco, tais como:

✓ *Comunicação de risco*, que é um processo interativo e deliberado de troca de informação sobre riscos e diz respeito à sua natureza, gravidade e aceitabilidade (US Department of Health and Human Services, 2002);

✓ *Governança do risco*, definindo-se como um processo decisório democrático e participativo relacionado com a gestão do risco, onde indivíduos e grupos informados (dotados de conhecimentos e atitudes) agem na mitigação do risco e influenciam as decisões que os afetam (Di Giulio *et al.*, 2008);

✓ *Atitude* é entendida como a disposição pessoal, para agir de determinada forma perante objetos, situações ou proposições, que varia em direção (favoráveis ou desfavoráveis) e intensidade, e comporta normalmente três dimensões: cognitiva, volitiva e comportamental (Colares *et al.*, 2002).

A presente dissertação de mestrado, visa colher informação útil para a comunicação e governança do risco. Refira-se por exemplo, que a morte accidental de um turista, pela falta de esclarecimento do que constitui uma tourada à corda, poderá ter impactos muito negativos em termos de promoção turística da ilha. Por outro lado, perante a afirmação de novas correntes éticas que se manifestam contra as touradas,

interessa comunicar de forma objetiva, neste caso numa perspetiva de risco, valores e posições que lhe estão associados.

1.2 Pertinência da investigação

O estudo do risco representa, a recuperação de uma preocupação humanista, ao recolocar o ser humano no centro da atenção científica e ao procurar que a integridade física e o bem-estar das pessoas, apareçam como a finalidade última da reflexão. O estudo do risco não pode por isso, ser circunscrito apenas à determinação dos fatores desencadeantes de acidentes e à descrição dos processos pelos quais se dão.

O perigo existe sempre e apenas por referência a um alvo no qual se possa eventualmente fazer sentir. Daí que, a atual teoria do risco enfatize não apenas a necessidade de conhecermos bem o funcionamento dos sistemas naturais, sociais e tecnológicos por forma a podermos prever a ocorrência de acidentes e antecipar o seu curso, mas também as características das populações que estão em risco, designadamente o seu grau de exposição aos perigos, vulnerabilidade e resiliência (Alexander, 2000; Dayton-Johnson, 2004).

O conceito de *vulnerabilidade*, nem sempre tem sido definido de forma exatamente semelhante. Abundam na literatura as definições de vulnerabilidade, mesmo quando usado neste campo de aplicação mais restrito, que é o estudo do risco (Thywissen, 2006). Genericamente, porém, é mais ou menos consensual que a vulnerabilidade diga respeito à capacidade que as pessoas e os grupos têm de anteciparem, lidarem com, resistirem e recuperarem dos acidentes. Este entendimento da vulnerabilidade implica, portanto, que no estudo dos riscos se “desloque o foco das dinâmicas biofísicas dos eventos para a produção social, económica e política do ambiente”, uma vez que é também em função da forma como se organizam as sociedades e dos recursos de que as pessoas dispõem para fazer face às adversidades, que se devem as maiores ou menores consequências dos acidentes (Hogan & Marandola, 2005 *in* Henriques & Queirós, 2008).

Nas touradas à corda, uma realidade tão conhecida e popular entre os terceirenses, ao contrário dos riscos que surgem de forma aleatória, as populações submetem-se a esse risco físico ou de morte, intencionalmente.

Visto que a atividade taurina possui grande expressão na ilha Terceira, e partindo do pressuposto de que a consciência de perigo pode ajudar a elevar os níveis de segurança das populações, ao justificar a correção de possíveis práticas desadequadas e a tomada de medidas de acautelamento e de prevenção de eventos potencialmente danosos, mostra ser de grande importância, como afirmam Henriques & Queirós (2008),

intervir nesse âmbito, uma vez que não existem estudos que definam a posição das pessoas, face ao eventual risco que correm nas touradas à corda, por isso é inovador na pesquisa e nas metodologias a adotar.

A proposta de estudo é multidisciplinar o que torna a investigação inovadora. Os resultados aqui obtidos poderão ter impactos em termos de segurança, associado a um melhor entendimento do risco e comunicação.

As touradas à corda são um tema tão complexo e revestido de incerteza, que suscita grande interesse, curiosidade e importância. Neste sentido, é pertinente avaliar e identificar os riscos, como também investigar o modo como os vários intervenientes percecionam, concebem e se posicionam face ao risco físico ou de morte desta atividade, de modo a fornecer pistas que permitam uma comunicação de risco eficaz, os diversos pontos de vista, focalizando os vários atores que fazem esta “festa brava”.

A importância da comunicação de risco sobre esta temática, pode-se repercutir em benefícios económicos, na medida em que pode revelar respeito para com os turistas acidentais, ou fomentar a sua presença, desde que devidamente informados sobre práticas e atitudes, quer da população local quer daquelas que deve adotar.

1.3 Objetivos e questões associadas

Com o intuito de auscultar as percepções de risco dos participantes na tourada à corda na ilha Terceira, o modo como se posicionam face a esse risco e que valores lhe estão associados, foram estabelecidos os seguintes objetivos:

- a) Identificar e descrever as percepções de risco dos vários intervenientes;
- b) Identificar e descrever como os intervenientes nas touradas à corda se posicionam face a esse risco;
- c) Identificar e descrever a percepção de risco dos vários intervenientes nas touradas à corda, quando comparado com outros fenómenos de risco;
- d) Identificar e descrever as visões dos intervenientes em relação à sociedade, cultura e ambiente;
- e) Identificar e descrever a relação entre a exposição e a percepção de risco dos vários intervenientes nas touradas à corda.

2 A TOURADA À CORDA

2.1 Origem da tourada à corda

As origens das touradas à corda na ilha Terceira, não são fáceis de encontrar historicamente, havendo indícios de ser uma prática bastante recuada no tempo. Segundo Merelim (1986 *in* Silva, 2010), “há aspetos históricos terceirenses ainda por definir e precisar”.

Segundo Ribeiro (1982), existem diferentes teorias e descrições sobre a realização secular desta festa na ilha Terceira. Alguns pesquisadores defendem, que a introdução da “festa brava” na ilha ocorreu durante a ocupação filipina. Outros investigadores refutam esta teoria, baseados nos escritos do cronista Gaspar Frutuoso que, no século XVI, se refere à criação de gado bravo nos Açores, tendo estes sido lançados nos terrenos baldios da ilha, sobretudo no interior da mesma, praticamente aquando do povoamento, ou até mesmo antes das gentes portuguesas e flamengas ocuparem estes territórios.

Em geral, as diferentes teorias existentes sobre o assunto estão de acordo com a existência abundante de gado na ilha Terceira, e todos os historiadores evidenciam a riqueza pecuária da ilha em diferentes épocas (Ribeiro, 1982).

Também é facto que os “povoadores, que em meados do século XV primeiro vieram fixar-se nas ilhas, trouxeram os usos, costumes, técnicas e tradições do continente, festas populares e tradicionais, que foram ganhando raízes, como por exemplo as festas do Espírito Santo e as touradas” (Ribeiro, 1982).

Note-se que na ilha Terceira, há que distinguir duas espécies de touradas: as de praça, em que os touros são lidados a pé ou a cavalo, sendo estas, símbolo de nobreza e opulência, tendo sido no passado restritas às elites sociais; e as populares, nos quais o público é protagonista não havendo distinção de classes sociais, podendo qualquer aficionado aventurar-se nas lides taurinas. É nesta última modalidade que recai o presente estudo.

2.2 Características da tourada à corda

As touradas à corda decorrem entre maio e outubro em todas as localidades (freguesias) da ilha Terceira, normalmente são realizadas todos os anos cerca de duas centenas.

A realização destas corridas foi adquirindo ao longo do tempo, um conjunto de características, fixadas por normas e regras de cariz popular, que hoje se encontram legalmente codificadas no Decreto Legislativo Regional nº.37/2008/A, de 5 de agosto de 2008, e na sua alteração, no Decreto Legislativo Regional nº.12/2010/A, de 30 de março de 2010.

Nos dias destinados à tourada, os preparativos começam muito cedo. Os aficionados e curiosos reúnem-se no mato, em tentaderos, para assistir ao aparte dos touros, ou seja, separam os touros previamente escolhidos pelos mordomos das festas onde irá decorrer a tourada, sendo engaiolados em jaulas de madeira, tradicionalmente designadas por “gaiolas”.

Geralmente, as pessoas que promovem a tourada e os participantes na mesma, levam um “farnel” que partilham entre si. Antigamente os touros eram trazidos do mato com vacas, horas antes da corrida e metidos num touril (vedação à beira do caminho) (Silva, 2010). Era neste espaço que se preparavam os touros para a corrida. Atualmente, por razões de segurança, os animais são transportados em gaiolas por veículos equipados com uma grua, cuja função serve para facilitar o carregamento e descarregamento das gaiolas. Os touros são embolados (cobrem-se os cornos do animal com sacos de couro ou metal, com terminações de madeira) pelos pastores através de um postigo. As gaiolas apresentam estrutura semelhante, mas diferem na cor de acordo com a respetiva ganadaria (Silva, 2010; Ribeiro, 1982; Lopes, 2003).

Atualmente, os animais são então transportados para a freguesia onde terá lugar o evento, acompanhados pelas pessoas em grande euforia. Já no destino, os moradores da freguesia terminam de colocar os seus bens a salvo de possíveis investidas do animal, utilizando para isso “tapadas de madeira” em redor das suas casas. O mesmo faz as tascas, locais improvisados distribuídos por todo arraial, responsáveis pelos comes e bebes e pelo convívio de todos (Lopes, 2003).

São nas estradas ou caminhos públicos ou praia de areia, onde é corrido o touro preso a uma corda com cerca de 90 metros (Ribeiro, 1982). Esta é manejada por três homens ao meio e mais quatro na “pancada”, ou seja, na extremidade mais próxima do

animal. O mínimo de homens da corda é sete, de acordo com o Decreto Legislativo Regional nº.12/2010/A, de 30 de março de 2010 (Capítulo XIII, Secção II, Subsecção III, Artigo 70.º).

Na tourada à corda um touro é corrido de cada vez (normalmente quatro touros por evento): primeiramente são corridos dois touros, faz-se um intervalo maior e volta-se a correr mais dois touros. O início e o fim da corrida de cada touro são assinalados com um foguete. Por vezes, e excepcionalmente, são corridos cinco touros, mas essa prática é pouco usual. Finalizada a tourada, os touros são de novo transportados e libertados no seu habitat.

2.3 Os intervenientes

O cariz popular das touradas à corda, faz com que o “espetáculo” seja do povo para o povo, como já se mencionou anteriormente, existindo porém algumas personagens que se destacam: os ganaderos, os pastores, os capinhas, o touro e o público.

2.3.1 Os ganaderos

O ganadero dedica-se à criação de gado bravo. Devido à festa taurina, há uma legião de aficionados de certo ganadero. Estes, como criadores e empresários, procuram desenvolver as qualidades do touro, quer para a lide na praça, quer para a corda, proporcionando à festa touros robustos e saudáveis.

Segundo o Decreto Legislativo Regional nº. 12/2010/A, de 30 de março de 2010, vem definido ganadero como:

“...o criador de gado bravo, cujo efetivo destinado às lides respeitantes às manifestações taurinas constantes deste diploma seja em 80 % oriundo da própria exploração pecuniária de gado bravo, excetuando-se a situação em que aquele inicia a sua atividade mediante a aquisição de gado bravo para formação da mesma”.

A gestão de uma ganadaria envolve gastos financeiros e cabe ao seu responsável, uma eficiente gestão para que se torne uma atividade rentável. A dignificação e melhoramento genético são um dos fatores mais importantes, assim como vem definido nos objetivos da Associação Regional de Criadores da Tourada à Corda (ARCTTC, 2000).

Na gestão do gado bravo, o ganadero precisa de ter terrenos extensos para dividir o gado de acordo com alguns critérios: a idade, o tipo de lide a que se destinam (praça ou corda), touros utilizados para a reprodução (estes por vezes não dão mais touradas a partir do momento que são utilizados para este fim). As vacas reprodutoras estão separadas dos machos.

Cabe também à ganadaria marcar os touros com o respetivo ferro, o que já vem citado no Foral dos Almojarifes², datado de 2 de julho de 1437, onde ordenava que os donos dos touros assinalassem ou ferrassem o seu gado para que não se confundissem, como pastavam em comum; costume este que vem até hoje, sendo as Câmaras Municipais responsáveis pelo seu registo.

Cada ganadaria tem o seu próprio sinal de orelhas, ferro e divisa com as respetivas cores (Ribeiro, 1982; Lopes, 2003).

Para cada tourada é preciso cumprir algumas regras, tais como, embolar o touro, controlar a corda e assegurar que o animal não ultrapassa os limites do arraial, porque se o fizer, terá de ser o ganadero a assumir os eventuais estragos causados. Além destas funções, os ganaderos têm de cumprir o instituído no Decreto Legislativo Regional nº. 12/2010/A, de 30 de março de 2010.

2.3.2 Os pastores

Segundo o instituído na legislação que regula as touradas à corda (Decreto Legislativo Regional nº. 12/2010/A, de 30 de março de 2010), os pastores dispõem-se na corda de uma forma específica:

“...em cada tourada há, no mínimo, 7 pastores, colocando-se 3 no meio da corda e 4 no extremo da mesma”.

Aos pastores se confia a limitação dos percursos dentro dos arraiais, embolar, amarrar e conduzir o touro no percurso da tourada, como se referiu anteriormente. Ajudam nos trabalhos necessários da gestão da ganadaria: certificam-se antes e depois das touradas o estado do animal, ajudam no enjaulamento, segurança, alimentação, manutenção das condições sanitárias e aparte de gado (Lopes, 2003; Silva, 2010). Todavia, a figura do pastor tem-se vindo a alterar, na medida em que, alguns elementos do público passam a integrar na tourada uma posição que era consignada ao pastor tradicional, e não estão envolvidos na lide do touro no campo.

² Documento presente nos Anais da Ilha Terceira, obra escrita segundo o critério cronológico típico dos Anais, cobrindo o período desde a descoberta e povoamento da ilha até 1832. Foi oferecida pelo seu autor, o historiador e político Francisco Ferreira Drumond, à Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, que a editou em 5 volumes.

2.3.3 Os capinhas

O capinha é a figura do toureio amador, brinca com o touro experimentando as suas habilidades taurinas, desafiando-o com um guarda-sol ou casaco, conforme o que arranjar para o efeito. A sua “arte” está na habilidade de provocar a investida do touro e de escapar depois furtando-lhe a volta. O capinha lida com o touro, fazendo o possível para que as suas características de bravura e lealdade no ataque, sobressaiam para os que observam (Lopes, 2003).

Considerou-se neste estudo como sendo capinhas, os toureiros amadores que se submetem voluntariamente ao risco de tourear, em mais de vinte touradas por ano ou designados pelo público como “capinha”.

De facto, qualquer elemento do público pode ser ocasionalmente capinha, todavia, não recebe essa designação pelo povo, não sendo mais do que “um indivíduo que faz um passo ao touro”.

2.3.4 O touro

O touro de lide (gado bravo) diferencia-se dos bovinos de produção pecuária (leite e carne), não só pela genética mas também pelo seu maneio. O gado leiteiro pasta em separado do gado bravo em pastagens mais ricas, vedadas, e em lugares baixos e abrigados no interior da ilha, pelo que lhe chamam de gado de baixo, ao contrário do gado de cima ou do alto, que anda pelos sítios mais elevados e desabrigados sendo esse o gado bravo (Ribeiro, 1982).

A rusticidade torna os touros ariscos e não bravos, mais tímidos do que ferozes, mais cobardes do que nobres. A bravura de um touro consiste na energia do arranque e na nobreza do ataque, deve ser uma qualidade da raça, hereditária, qualidade que só fortuitamente existirá nas raças mansas. Se são voluntariosos e nobres destinam-se à lide; se se mostram fugidios e demonstram medo, são apartados para a lavoura ou para o abate. E o que se dá com os bezerros dá-se com as novilhas, que segundo a sua bravura, se destinam a vacas de ventre ou de leite (Lopes, 2003).

“Cada toiro tem, assim, um valor e um preço específico. Tem também uma identidade e um nome (...) escolhido devido a um atributo específico ou a um episódio da sua história de vida” (Capucha, 1995). É exemplo disso o “90”, considerado na década de 70 do século XX o mais bravo e nobre touro da ilha, como também muito recentemente o “touro das mulheres”, cuja história se encontra plasmada em livro.

De acordo com o estipulado no Capítulo XIII, Secção II, Subsecção II do Decreto Legislativo Regional nº. 12/2010/A, de 30 de março de 2010, regulador das touradas à corda, um touro deve reunir determinadas condições para a corrida, tais como, possuir pelo menos 3 anos de idade, aptidão para a lide, entre outras, ter um documento de identificação.

Na presente investigação, o touro apresenta-se circunscrito, em termos pragmáticos, a um objeto ou bem económico e ambiental.

2.3.5 O público

Os populares que vão às touradas, apreciam os touros que dão mais “espetáculo”, ou seja, aqueles que mais saltam barreiras, correm, marram mais nas pessoas e perseguem os transeuntes. No fundo, as pessoas apreciam touros que representam perigo e propiciam emoções fortes. Gentes de outras paragens (turistas ou por exemplo os norte americanos residentes na Base Aérea das Lajes), acodem para ver o touro no arraial, muitas delas não tendo noção do que é estar numa tourada à corda, e os cuidados adicionais que devem assumir na assistência a essa atividade.

Considerou-se aqui público, como sendo qualquer pessoa que assista ou já tenha assistido a uma tourada à corda, de qualquer género, idade, etnia, residente local ou turista, adepto ou não, da atividade.

2.3.6 O ambiente plural

Cada interveniente das categorias anteriores vê o animal e a festa pelo seu ponto de vista. O ganadero como criador, procura possuir um touro com as qualidades físicas e de bravura que o público aprecia, o capinha testa o touro no arraial, o confronto do homem com o touro faz sobressair tanto a habilidade do homem como a qualidade do touro. O pastor ao orientar e controlar o andamento do animal no arraial, sente na própria pele toda a robustez e “personalidade” do touro. O público tem as suas próprias preferências e aplaude ou vaia conforme as suas expectativas. São estas preferências, que tanto o ganadero como o capinha tentam satisfazer.

2.4 Diferentes visões das touradas

Investigadores anglo-saxónicos afirmam que as touradas, como “espetáculo”, proporcionam um conjunto vasto de projeções, exteriorizações e identificações. O público experimenta diversas sensações, em relação aos protagonistas deste cenário, devendo-se o conflito de sensações às diferenças, sejam elas de género, raciais, etárias e partidárias, “o que faz salientar uma sádica gratificação quase narcisista” (Paniagua, 1994).

Os japoneses, no entanto, lamentam o desaparecimento das touradas que se mantêm apenas nas ilhas de Oki, havendo interessantes relações entre as touradas e a sociedade local (Ishikawa, 2006).

A tauromaquia tem sido desde sempre, um dos rituais mais importantes do povo espanhol, mas também entre estes, as opiniões divergem. É bem conhecida a tese de que a institucionalização das touradas, no início dos anos século XIX, foi uma reação à invasão francesa e às tradições de uma sociedade estratificada. Muitos intelectuais espanhóis acreditam, que a tourada tem provado ser um fenómeno social de grande coesão e identidade cultural. No entanto, outros argumentam que a tradição das touradas, não é uma parte essencial de identidade cultural espanhola e que tem contribuído aliás, para um atraso relativamente a outras sociedades europeias, indicando o espírito sanguinário do povo hispânico (Paniagua, 2008). Blasco (1908) escreveu com ironia: “A única besta na praça é o povo”.

No final do século XVIII, Jovellanos (1790 *in* Paniagua, 2008) afirmou, que a tourada era uma “diversão sangrenta e bárbara”, argumentando que quando o governo abolisse a festa dos touros, seria digno de estima e elogios por parte de alguns nobres.

De acordo com Paniagua (2008), a história da tauromaquia proporciona um bom campo para o estudo das transações psicológicas, relativas à tolerância e à crueldade.

Muito se tem discutido acerca deste assunto, e a diversidade de opiniões chega a gerar grandes conflitos. Por um lado, os defensores das touradas apelam ao valor cultural do evento, e que o touro bravo é criado com o fim único de ser um animal de lide. Por outro lado, os defensores dos animais afirmam, e tal como vem definido no ponto 2, do art.º 2 da Declaração Universal dos Direitos dos Animais, proclamada pela UNESCO em 27 de janeiro de 1978, que o homem, enquanto espécie animal, não pode atribuir-se o direito de exterminar os outros animais ou de os explorar, violando esse direito. Tem a obrigação de empregar os seus conhecimentos ao serviço dos animais.

As atividades da Comissão Europeia (CE) neste domínio partem do reconhecimento, de que os animais são seres dotados de sensibilidade. A finalidade geral é assegurar, que os animais não sejam sujeitos a dores ou sofrimento evitáveis. Os proprietários ou detentores de animais são obrigados, a respeitar exigências mínimas de bem-estar animal.

2.5 Interesse socioeconómico

As touradas à corda parecem gerar receitas importantes para o motor económico da ilha. É instalado todo um mercado, que vai desde a venda de produtos à prestação de serviços, além disso, o gado bravo na ilha Terceira consegue aproveitar economicamente um espaço rural pobre, que de outra forma não seria utilizado (Pires, 2004 *in* Ferreira, 2008).

Pires (2004 *in* Ferreira, 2008) menciona, “a tourada à corda na Terceira é inequivocamente responsável pela preservação do Touro Bravo nos Açores, como um produto essencial ou recurso que assegura as tradições e as permite transmitir como hábitos e costumes de geração em geração, revela-se como um valor fundamental para o equilíbrio económico e social da sua comunidade”.

As touradas à corda estão envolvidas nas festas do Espírito Santo: cada freguesia da Terceira recruta todos os anos uma comissão para a organização das festas, os residentes contribuem com um donativo simbólico para as despesas. São estes donativos que pagam os ganaderos, por quatro dos seus touros, as licenças necessárias para que a tourada se realize e o jantar que a comissão dá aos pastores e ganaderos. Muitas vezes esses jantares realizam-se em algum restaurante ou snack-bar da freguesia beneficiando assim o negócio local (Silva, 2010).

Mais touradas ocorrem na ilha, associadas às festas das freguesias ou das cidades, sem que estejam de alguma forma ligadas às festas do Espírito Santo.

As companhias de transporte, também ganham com o transporte dos touros do mato para os arraiais. A comida e bebida essencial a qualquer festa é fornecida por tascas e vendedores, que se deslocam ao longo de todo o arraial durante o evento para vender o seu produto.

Na época das touradas, a ilha recebe muitos emigrantes, turistas e seguidores da “festa brava”, todos eles encontram o conforto que procuram, comida, bebida, hospitalidade, convívio e divertimento. É este o espírito que envolve uma das mais populares tradições terceirenses.

3 O RISCO

O termo risco surge com o processo de constituição das sociedades contemporâneas, a partir do final do Renascimento e início das revoluções científicas, quando ocorreram intensas transformações sociais e culturais, associadas ao forte impulso nas ciências e nas técnicas, às grandes navegações e à ampliação e fortalecimento do poder político e económico de uma crescente burguesia (Freitas & Gomez, 1997).

De acordo com Peretti-Watel (2001), o risco não é simplesmente significado de perigo. O risco, nesta época estava bem definido em termos marítimos, atribuído a causas naturais, que fugiam ao controlo do homem. Risco, como refere o autor anterior, seria um “perigo sem causa, acidental e, embora tendo sido assim considerado, ele não era puramente aleatório, na medida em que a sua probabilidade de ocorrência, varia segundo o indivíduo e segundo as situações”.

Com uma conotação maioritariamente negativa, o risco passa a ser um termo vago e até banalizado, aplicado a situações quotidianas e a fenómenos cuja probabilidade nem sequer é calculável. Na linguagem corrente dos leigos, o termo risco tende a ser usado para referir-se quase exclusivamente a ameaça, azar, perigo ou dano. O termo significa, em alguns casos, “menos do que um eventual perigo ou ameaça, e mais um acontecimento infeliz ou perturbador”. Além disso, risco e incerteza tendem a ser tratados da mesma forma do ponto de vista conceptual: por exemplo, “o termo risco é frequentemente usado para indicar um fenómeno potencialmente gerador de um dano substancial, seja ou não calculável a probabilidade desse dano acontecer. Em suma, aquilo que não é estimável também é risco” (Lupton, 2003).

Com forte presença no discurso especializado e vulgarizado no discurso popular, o conceito de risco passa a estar na moda nas sociedades ocidentais contemporâneas: “um aparato de pesquisa, conhecimento (informação) e opinião especializados desenvolveram-se em torno do conceito de risco: análise de risco, avaliação de risco, comunicação de risco e gestão de risco são os principais campos de investigação e prática, usados para avaliar e controlar o risco em diversas áreas” (Lupton, 2003).

Num nível mais profundo de significado, considera-se possível que a obsessão contemporânea com o conceito de risco, tenha “origem nas mudanças inerentes à transformação das sociedades, de pré-moderna para moderna e para pós-moderna. Pós-modernidade é aqui entendida, como época contemporânea e refere-se a amplas

mudanças socioeconómicas e políticas que tiveram lugar nas sociedades ocidentais desde a Segunda Guerra Mundial”. Todas as mudanças ocorridas contribuem, para uma maneira de perceber o indivíduo e o mundo de forma muito diferente de eras anteriores. Para o indivíduo, as mudanças estão associadas a um aumento do sentimento de incerteza, complexidade, ambivalência e desordem, e a uma consciencialização crescente das ameaças inerentes ao quotidiano de cada um (Lupton, 2003).

O mesmo autor ainda afirma que, no centro das preocupações do indivíduo e das instituições estão, nas sociedades ocidentais, seis grandes categorias de risco: ambientais, os associados ao modo de vida, ao tratamento ou cuidados médicos, interpessoais, riscos económicos e criminais. A proeminência destas seis categorias “é indicativa da natureza do contexto sociocultural, político e económico mais alargado no qual adquirem significado”.

3.1 Percepção de risco

A percepção de risco é, um conceito utilizado para referir o conhecimento e o sentimento associados ao risco, incluindo as possíveis consequências associadas a uma situação ou a um conjunto de circunstâncias (Martins, 2008).

O seu estudo ter-se-á iniciado no final dos anos 60. Na época, a percepção de risco manifestada pelos indivíduos era considerada determinante na oposição pública à implementação tecnológica, como por exemplo à tecnologia nuclear. Neste contexto, “a compreensão da forma como as pessoas veem os riscos e lidam com eles tornou-se o objeto central de vários estudos e de discussão em várias disciplinas, nomeadamente a geografia, sociologia, ciência política, antropologia e psicologia, tendo, cada disciplina, incidido a pesquisa para aspetos específicos da sua intervenção” (Slovic, 1987). Assim, no domínio da geografia, os estudos debruçaram-se sobre o comportamento e compreensão humana perante os perigos naturais. Nos domínios da sociologia e da antropologia, os estudos realizados mostraram que a percepção e aceitação do risco teriam por base fatores sociais e culturais. No domínio da psicologia, a investigação sobre a percepção de risco, baseada em estudos epidemiológicos, foi fulcral para a compreensão dos processos ou estratégias mentais, ou heurísticas, que as pessoas empregam perante incertezas (Slovic, 1987). Estudos neste âmbito consideram, que o risco é um conceito visto de modo diferente pelos diferentes grupos sociais. Nestes grupos distinguem-se os especialistas e os leigos, ou público em geral (Martins, 2008).

Apesar de no final do século XX, o termo risco significar para o público leigo, perigo (Leiserowitz, 2003), alguns autores consideram, atualmente, que os riscos podem ser vistos tanto de forma positiva como negativa (Taylor-Gooby, 2004).

Observa-se que o risco é dinâmico, pessoalmente e socialmente definido. Dia a dia, as nossas ações e decisões afetam a natureza dos mesmos e as nossas escolhas são realizadas após considerar analiticamente e intuitivamente os riscos e benefícios. Para Slovic (1999) e Slovic & Weber (2002) o “risco é visto como perigo, probabilidade de ocorrência de fenómenos prejudiciais às atividades humanas, consequência, adversidade potencial ou ameaça”. Este conceito tem muitos significados, alguns autores apenas veem o risco de forma objetiva. No entanto, para estes autores, só há lógica quando o risco é associado à nossa forma de pensar e cultura. Segundo Slovic (1999):

“... o público não é irracional. Este é influenciado pela emoção e afeto de um modo tanto simples como sofisticado, pelas visões do mundo, ideologias e valores. Os cientistas também são assim influenciados”.

A capacidade que os seres vivos possuem para evitar situações perigosas, constitui uma condição necessária à sua sobrevivência, a qual é influenciada, pela aptidão de aprender com a experiência passada. Os seres humanos têm capacidades que lhes permitem alterar e responder a essas situações (Slovic, 1987).

Slovic & Weber (2002) consideram três principais componentes da análise de risco, que se representam na figura 3.1.

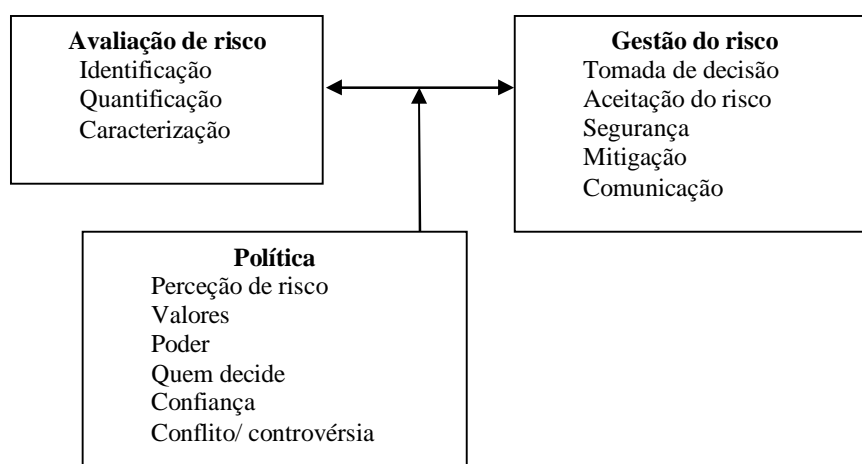


Figura 3.1 – Componentes de análise do risco, adaptadas de Slovic & Weber (2002).

Uma das vertentes é a do risco como análise, associada à lógica, à razão e a deliberações científicas suportadas pela gestão de um perigo; outra é a do risco como sentimento, que se refere às nossas reações rápidas, intuitivas e instintivas, perante o perigo; a última vertente é a do risco como política, quando os nossos instintos antigos e as nossas análises confrontam as científicas (Slovic *et al.*, 2004).

Risco percebido ou percepção de risco, é definido como “sendo a forma como os não especialistas pensam sobre o risco, e refere-se à avaliação subjetiva do grau de ameaça potencial de um determinado acontecimento ou atividade, difere do risco real, objetivo ou avaliação de risco, que é elaborada pelos especialistas”, visto que estes e os leigos têm conceitos diferentes do risco. Enquanto o público tende a ter uma “concepção de risco qualitativa e complexa, onde incorpora aspetos como a incerteza, a ameaça, o

potencial catastrófico, o controlo, a distribuição equilibrada, o risco para as gerações futuras; os especialistas veem o risco em termos de probabilidade de ameaça e estimativas de morte” (Lima, 2005; Slovic, 1999), o problema é que frequentemente, os resultados da avaliação do risco são completamente diferentes dos da perceção do risco (Martins, 2008).

Frequentemente, os riscos pequenos são geralmente sobrestimados e os riscos grandes subestimados (Sjöberg, 2000).

Quando nos deparamos com situações perigosas, e somos obrigados a agir rapidamente, é a dimensão qualitativa do risco que contribui, em grande parte, para o seu entendimento e intervém no processo de tomada de decisão nessas ocasiões (Plapp, 2001).

A perceção de risco está sempre relacionada com uma fonte de risco, que pode ser uma atividade, uma tecnologia ou acontecimentos, com uma dimensão de incerteza (Lima, 2005).

A perceção de risco tem vindo, gradualmente, a ser “reconhecida como um aspeto importante a ter em conta no processo de tomada de decisão, porque desempenha um papel fundamental no sistema político e de gestão do risco, onde a participação pública é imprescindível para as medidas serem concretizadas, e porque a perceção de risco pública está positivamente correlacionada com as respostas e (re)ajustamentos necessários a ter em conta perante determinado perigo” (Peacock, Brody & Highfield, 2005).

Botterill & Mazur (2004) consideram numerosos os fatores que influenciam a perceção de risco. Estes autores referem os seguintes, que permitem clarificar como as pessoas percebem e respondem ao risco:

a) Características que influenciam o risco percebido, ou seja, diferentes tipos de risco geram diferentes reações (atividades voluntárias são vistas como menos arriscadas do que as involuntárias, tal como os riscos novos são vistos de modo diferente dos familiares);

b) Aspetos psicológicos da tomada de decisão (as opiniões formadas são mais difíceis de mudar; atividades que demonstrem benefícios, tem melhor recetividade da parte do público; um evento tem maior probabilidade de ser julgado se a ocorrência for frequentemente recordada);

c) Todas as pessoas utilizam modelos especulativos, construídos para dar sentido ao mundo e selecionarem os julgamentos nas suas respostas aos riscos. Uma melhor comunicação de risco depende, da apreciação destes fatores “não racionais”, que não são necessariamente incorretos, e do reconhecimento das diferenças entre leigos e especialistas;

d) O público em geral, frequentemente foca a sua atenção nos efeitos desconhecidos das atividades de risco, nas consequências negativas significativas, no que os especialistas não sabem e nas razões das suas discordâncias.

Um importante programa de pesquisas desenvolvido por Tversky e Kahneman nos anos 70 mostrou que, normalmente as pessoas avaliam a probabilidade de um acontecimento surgir utilizando heurísticas ou atalhos (Martins, 2008; Sjöberg *et al.*, 2004). As heurísticas ocorrem devido à capacidade limitada do ser humano de processar conscientemente, diferentes informações, em simultâneo, e permitem às pessoas tomar decisões envolvendo processos emocionais e motivacionais que as orientam para a ação. Esta tendência de reduzir uma tarefa complexa, de avaliação de riscos a avaliações mais simples, enviesadas, é previsível e não aleatória (Lima, 2005).

Como refere Lima (2005), as pessoas tendem a sobrestimar a probabilidade de ocorrência de um acontecimento que experienciaram recentemente, os quais são fáceis de imaginar e recordar (heurística da disponibilidade). Esta heurística está relacionada com os *media* e a ideia de que a divulgação de notícias sobre determinado risco, aumenta a preocupação sobre o mesmo e conseqüentemente, o público tende a sobrevalorizar esse risco (Sjöberg, 2005). Na heurística da representatividade, há uma diminuição da avaliação das probabilidades de ocorrência, dando-se mais importância à avaliação das semelhanças entre o fenómeno e as representações que as pessoas têm dele (Lima, 2005). Quantas mais forem as associações com riscos desconhecidos, maior é a probabilidade de se sobrestimar determinado risco. Esta tendência denomina-se de heurística de ancoragem (Renn, 2006).

Outra tendência, que nos mostra os estudos da Psicologia, é a de evitação da incerteza, que enviesa a avaliação dos riscos. As pessoas tendem a ser particularmente resistentes à ideia, de que se encontram em risco perante um perigo, consideram mesmo que estão menos expostas ao risco do que os outros. Tendem a considerar regulares e previsíveis os fenómenos aleatórios e a negar o risco a que estão sujeitos. Este facto ficou conhecido como negação do risco e opõe o risco pessoal ao risco generalizado.

Relaciona-se com “o facto das pessoas, consoante o alvo de afetação, não estimarem o risco da mesma forma” (Lima, 2005).

Se a validade da heurística for encarada a sério, como enquadramento teórico para entender a perceção do risco, a atenção deve ser dirigida para o modo como os vários perigos são representados socialmente, em vez de atender à estatística avaliativa (Boholm, 1998).

A construção teórica nos estudos sociais do risco divide-se, entre a que dá primazia ao indivíduo e a que dá primazia aos grupos. A primeira inscreve-se na teoria psicométrica do risco e a segunda na teoria cultural.

3.1.1 Teoria psicométrica

Segundo Slovic & Weber (2002), uma estratégia abrangente para o estudo de perceção de risco é, o desenvolvimento de uma hierarquia baseada em vários critérios de classificação para diferentes perigos, que pode ser usada para compreender e prever as respostas a esses riscos. Um esquema deste género poderia explicar, por exemplo, a aversão das pessoas para certos perigos e a sua indiferença para com outros, e as discrepâncias entre essas reações e as opiniões dos especialistas. A abordagem mais comum para este paradigma assenta, em estudos efetuados na área dos processos de decisão e utilização das regras heurísticas. Os vários estudos mostraram, um padrão semelhante de resultados, evidenciando a importância de três dimensões qualitativas, com possível impacto na perceção do risco por parte dos leigos (Martins, 2008; Sjöberg *et al.*, 2004; Slovic & Weber, 2002).

A primeira opção riscos incontroláveis e devastadores, a riscos controláveis e com consequências menos graves. A segunda opção, riscos vistos como desconhecidos a riscos mais familiares. A terceira dimensão prende-se, com o número de pessoas expostas a este risco (Martins, 2008). O fator mais significativo para os leigos mostrou ser, o que se refere ao risco devastador. Quanto maior o valor associado a este fator, maior a perceção de risco em relação ao mesmo, maior é o empenho das pessoas ao procurar reduzir esse risco. Por sua vez, os especialistas pareciam considerar risco como sinónimo de número de mortes esperadas (Martins, 2008).

A teoria psicométrica é também conhecida, como teoria cognitiva da percepção do risco e tem como principal característica a abordagem individual ao paradigma da percepção do risco. Esta teoria entende, que o risco percebido é uma medida resultante da interação de um indivíduo com o ambiente externo, mediado por uma estrutura cognitiva. Segundo a perspectiva cognitiva, “os riscos são pré-existentes na natureza e em princípio são possíveis de ser identificados através de medidas e cálculos científicos”. Usando este conhecimento os riscos podem então ser controlados (Lupton, 2003).

Um dos contributos mais importantes da abordagem psicométrica foi demonstrar, que os pontos de vista das pessoas devem ser tidos em consideração não como erros, mas como dados indispensáveis à avaliação das percepções de risco (Slovic & Weber, 2002). Segundo este paradigma, para responder adequadamente a uma fonte de perigo, o indivíduo necessita de ter uma visão precisa da natureza e da magnitude do risco envolvido. No entanto, essa apreciação nem sempre é processada da melhor forma e muitas vezes, as pessoas tomam decisões utilizando regras cognitivas ou heurísticas (Martins, 2008).

Mais recentemente, estudos confirmam a diferença na forma como o risco é pensado por especialistas e leigos. Lima (2005), refere que “na perspectiva psicossocial a percepção do risco não pode ser compreendida, sem se considerar o contexto social em que ele é produzido”.

Este modelo de percepção do risco assume, que o risco pode ser subjetivamente definido pelos indivíduos, podendo estes ser influenciados por vários fatores psicológicos, sociais, institucionais e culturais. Assume igualmente que muitos destes fatores podem ser quantificados (Slovic & Weber, 2002).

Fatores como o género, a raça, idade, educação, visões políticas do mundo, afiliação, afeto emocional e a confiança, estão fortemente correlacionados com os julgamentos sobre o risco tanto dos especialistas, como dos leigos (Leizerowitz, 2003; Slovic, 1999; Taylor-Gooby, 2004).

Muitos estudos referem a importância do género na percepção de risco: os não brancos e as mulheres de etnia minoritária são os mais preocupados com os riscos (Taylor-Gooby, 2004). As mulheres apresentam sistematicamente, níveis mais elevados de percepção de risco do que os homens. Kahan *et al.* (2005) designam esta situação, de menor preocupação por parte do homem branco, e explicam-na recorrendo “às visões do mundo da teoria cultural, incluindo na sua explanação o fator de ansiedade do *status*”.

Esta diferença de género verifica-se, tanto nos leigos como nos especialistas. Também se tem mostrado que o domínio da perceção de riscos ambientais é mais acentuado nos grupos menos favorecidos socialmente, isto é, nos menos escolarizados e nos não brancos (Lima, 2005).

O género deveria ser uma variável a ter em conta, já que vários estudos apontam para a existência de diferenças biológicas. “As mulheres temem mais os riscos, mostram ter melhor e mais imaginação, vivenciam mais intensamente as emoções do que os homens, daí que estas revelem mais nervosismo e medo do que os homens” (Lowenstein *et al.*, 2001).

3.1.2 Abordagem sociocultural

O carácter social da perceção de risco, a seleção dos riscos importantes de que nos devemos proteger não é feita de forma individual, mas cultural, estando sempre relacionada com a preservação dos valores de determinado grupo (Lima, 2005).

Taylor-Gooby (2004), afirma:

“...a cultura é normalmente entendida como os processos simbólicos e de aprendizagem sociais, que sustentam as normas e valores dos membros de determinado grupo social. Esta abordagem pode ser vista sob duas perspetivas, por um lado, como uma distorção das perceções de risco individuais (no sentido objetivo) e, por outro, como a capacidade de construção social da perceção de risco”.

Esta teoria, de Mary Douglas, 1978, e Douglas & Wildawssky, 1982, começou por ter impactos nos estudos da perceção de risco, defendendo que o tipo de visão do mundo condiciona os riscos que são considerados mais relevantes e as estratégias que achamos adequadas, para gerir esse mesmo risco (Lima, 2005).

Os riscos a que se dá mais importância são escolhidos, de acordo com a participação social e o grupo a que se pertence. A teoria cultural tenta explicar que tipo de pessoas percebe e atua sobre o risco, determinado por aspetos culturais e sociais. “É uma teoria que propõe uma ligação, entre a inserção na estrutura social e a forma de ver o mundo” (Leiserowitz, 2003).

Aderir a uma determinada forma de organização social implica, não apenas dar atenção ou desvalorizar esta ou aquela ameaça, como também estar disposto a tomar, ou evitar, diversos tipos de risco. Sendo assim, “alterar a seleção e a perceção do risco

dependeria de alterar a própria organização social” (Douglas & Wildavsky, 1982 in Soares, 2006).

Peretti-Watel (2000), referido por Soares (2006), afirma:

“A experiência acumulada da comunidade em que se insere o indivíduo, vai não apenas determinar que riscos são dignos de atenção ou de serem tomados, como também avaliar que perdas são mais prováveis, quais serão mais prejudiciais e que danos podem ser evitados. Quanto mais antiga for a história de uma comunidade, mais forte é a sua coesão e mais os seus membros se projetam no longo-prazo”.

Do mesmo modo, certas instituições têm em mente relatos de experiências passadas, enquanto outras vetam más memórias ao esquecimento e valorizam apenas as boas. Para demonstrar que os riscos são socialmente selecionados, Douglas & Wildavsky (1982), referido por Soares (2006), comparam visões mais avançadas com aquelas de povos primitivos. Partindo para uma abordagem mais profunda à seleção dos riscos, recordam que antigamente os perigos naturais eram usados como ameaças na tarefa de reunir consenso social. Os autores procuram entender, de que modo a teoria cultural explica a seleção dos riscos entre pessoas que não beneficiam da ciência atual, cujo desenvolvimento permite aos homens ver a natureza de forma neutra, sem carga moral, sem superstições ou intervenção divina.

Outro contributo de Douglas, para compreender a forma como percebemos e respondemos ao risco de acordo com a nossa posição social e o nosso sistema de valores, é o modelo de grelha e grupo, duas dimensões de análise cultural. Tal como explica a autora, o grupo, “equivale ao limite externo ou fronteira, que as pessoas ergueram entre eles próprios e o resto do mundo” (Soares, 2006).

A primeira dimensão de análise cultural tem, portanto, a ver com a forma como o grupo se posiciona em relação aos outros e se diferencia do resto da sociedade. Grelha ou rede significa, todas as outras distinções sociais e delegações de autoridade que são usadas para limitar o modo como as pessoas se relacionam entre elas. Esta segunda dimensão é entendida como, hierarquia interna e corresponde ao modo como são reguladas as relações entre membros de um mesmo grupo. Cruzando estas duas dimensões de análise, surgem quatro polos culturais, que correspondem a quatro tipos de organização e de abordagem face ao risco: os hierarquistas, os individualistas, os igualitários e os fatalistas (Soares, 2006). Quatro abordagens diferentes em relação ao

risco podem ser atribuídas, a cada um dos quatro polos culturais. O hierarquista confia nas organizações para o proteger, é adverso ao risco e não o consegue ver, tende a procurar alguém dentro do seu grupo a quem culpar pela exposição ao perigo; o individualista defende a autorregulação do risco, prefere confiar nos indivíduos e entende que a tomada de risco, que ele próprio promove, também pode trazer benefícios; o igualitário culpa quem está fora do grupo pelo risco; e o fatalista considera que pouco pode fazer para o evitar, adotando uma atitude passiva.

Peretti-Watel (2000 *in* Soares, 2006) acrescenta, na sua interpretação do modelo de Douglas, formas distintas de apreender o conhecimento que irão condicionar o modo como cada grupo percebe as várias ameaças. O hierarquista confia apenas nas informações transmitidas pelas autoridades científicas e políticas legítimas e apenas concebe o conhecimento, como resultado de um processo demorado e coletivo de acumulação de saber; o igualitário desconfia delas e prefere confiar nos seus próprios especialistas, acreditando, ao contrário do anterior, que o saber pode adquirir-se rapidamente; o individualista assume um meio-termo, confia nas autoridades mas mantém-se atento às inovações científicas e tecnológicas; os fatalistas têm dificuldade em assimilar os conhecimentos e as informações difusas, ocultando-se por detrás do senso comum.

Alguns outros autores, que passaram em revista o trabalho de Douglas notam que, “o modelo de grelha e grupo é ele todo estático, questionando o princípio em que assenta, de que as múltiplas culturas de risco podem ser analisadas usando as mesmas categorias básicas de organização social” (Soares, 2006).

Consensual parece ser a ideia, de que a abordagem teórica desenvolvida por Mary Douglas é um contributo indispensável para o estudo do risco, sobretudo em oposição às perspetivas dominantes, que excluem a dimensão cultural.

A principal conclusão a retirar do trabalho de Douglas, sobre a construção social do risco é, portanto, a de que este é antes de mais cultural porque a visão que o indivíduo tem dele é culturalmente definida. A seleção dos riscos e respetiva hierarquização é feita, de acordo com critérios que surgem de um conjunto de valores próprios de cada comunidade e da forma como esta se projeta no futuro. Ou seja, “a visão que o indivíduo tem do risco, não é direta mas filtrada pelo grupo em que se insere, e varia tal como o tipo de resposta à ameaça, de acordo com a respetiva forma de organização social” (Soares, 2006).

3.2 Comunicação de risco

O conhecimento que se tem dos riscos, é sempre um conhecimento mediado, seja pelo nosso sistema de valores ou pelo grupo em que nos inserimos, seja pelos especialistas ou pelos meios de comunicação social. O acesso à informação torna-se por isso, fundamental, num contexto em que as questões do risco são crescentemente políticas e controversas.

Seja qual for o intermediário, o saber científico é o ponto fulcral de todo o processo. É também ao conhecimento científico que autoridades públicas, instituições políticas, indústria e *media* recorrem para comunicar o risco ao cidadão, e é também ele que serve de conteúdo a campanhas institucionais de informação e estratégias de gestão e prevenção do risco (Soares, 2006).

Vários autores consideram, que a comunicação de risco assume um papel muito importante na forma como se percebe o risco, que por sua vez é largamente influenciada pelo modo como esse risco é transmitido às pessoas.

É necessário que existam formas adequadas de fazer chegar às pessoas, conceitos complexos relacionados com o risco. A comunicação de risco assume essa função, garantindo que os leigos sejam corretamente informados (Morgan *et al.*, 2004).

Para além da sua experiência pessoal, o público depende das notícias dos meios de comunicação social para alargar o seu conhecimento. Os *media* dão contributos relevantes na construção do risco, contudo, “um modelo de percepção de risco influenciado pelos *media*, só pode ser entendido se analisado num determinado contexto, tanto etnográfico, como social, cultural ou biográfico” (Zinn, 2004).

O grande objetivo da comunicação de risco é contraditório para alguns autores, que afirmam tratar-se de persuadir o público, para outros, baseia-se em fornecer-lhe informação que lhe permita tomar decisões sobre o risco (Morgan *et al.*, 2004).

Morgan *et al.* (2004) entendem que, “a comunicação de risco não deveria apenas procurar resolver os mal-entendidos do público, menosprezando a sua posição, em relação à dos especialistas. As percepções de risco públicas deveriam ser valorizadas, já que vários estudos apontam para a existência de explicações sobre o modo como as pessoas percebem subjetivamente o risco, relacionadas com as suas crenças, com os seus sentimentos e com as suas emoções”. Após a comunicação ser efetuada, é necessário verificar se a mensagem foi entendida corretamente.

Apesar dos *media* surgirem como o meio privilegiado de comunicação para o público em geral, nem sempre realizam a sua função de forma adequada. Por vezes, são acusados de deturpar as informações científicas, a favor do sensacionalismo (Smith, 2005).

Ropeik (2004) considera ser necessário que, a comunicação de risco melhore, a forma como tem sido praticada, não é eficaz, pois tenta levar o recetor a pensar e agir da forma que o comunicador pretende. Este autor entende, que em vez de tentar persuadir as pessoas, seria mais eficaz aceitar que os sentimentos são uma parte importante da sua forma de reagir perante o risco. Deste modo, a comunicação de risco deveria fornecer informação baseada nestes fatores emocionais, numa linguagem acessível, de modo a que as pessoas sintam confiança e recetividade na mensagem.

3.2.1 A visibilidade do risco

Quanto mais visíveis forem os riscos, ou quanto mais tocarem a vida quotidiana, mais o indivíduo terá possibilidades de agir. Mas a ação depende sempre das capacidades para o fazer (Beck, 2001).

Segundo Beck (2001), a dificuldade inerente aos riscos atuais é preocupante: “o carácter supranacional dos riscos ligados à modernidade torna-os pouco maneáveis, e o seu modo de difusão é à medida desta característica. Eles são invisíveis, o que os subtrai ao campo de decisão, pelo menos para o consumidor”. Por todo o lado, sendo invisível, o risco que está incorporado no quotidiano, faz com que não o vejamos. Ou seja, “os riscos que estão atualmente no centro das preocupações são, cada vez mais frequentemente, riscos não visíveis, nem tangíveis para as pessoas que lhes estão expostas, e que para se tornarem visíveis ou interpretáveis como tal, exigem recurso à ciência: teorias, experiências e instrumentos de medida”. A propriedade não perceptível do risco é uma das suas causas de multiplicação (Beck, 2001). Apoiando-se na teoria daquele autor, Peretti-Watel (2001) afirma que, “a invisibilidade dos novos riscos parece ser o fator determinante da sua proliferação, numa sociedade que valoriza o êxito material, logo uma «cultura do visível»”. E o risco não conhecido, não descrito, é um perigo ainda maior, pois não se sabe o que pode acontecer, que ameaças ele representa para o corpo social (Bouysson, 1997).

3.2.2 A confiança

A confiança surge, como o conceito de maior importância na compreensão da percepção de risco. Serve de ponto de convergência, entre as abordagens psicológicas e socioculturais, das ciências sociais (Sjöberg, 2001; Taylor-Gooby, 2004). É tida como crucial para perceber a percepção de risco, mas também as atitudes políticas (Sjöberg, 2001).

A confiança surge, devido à preocupação acerca das diferentes visões entre leigos e especialistas, na comunicação de risco, e também devido ao reconhecimento do papel dos fatores culturais e outros na percepção de risco, já que “a confiança é vista como sendo determinada culturalmente ou, pelo menos, influenciada” (Taylor-Gooby, 2004). Apesar das divergências em vários aspectos relativos ao conceito de confiança, entre os vários autores, todos concordam com a sua importância e a necessidade de mais investigação.

Outro aspecto que reúne unanimidade entre os autores é que, a confiança é mais facilmente destruída do que construída (Slovic, 1999; Taylor-Gooby, 2004; Zinn, 2004). Uns definem confiança, como o estágio médio entre o conhecimento e a ignorância (Zinn, 2004), outros autores, definem-na como a crença de que as decisões tomadas são as melhores para a segurança pública. Sjöberg (2001) concluiu, no seu estudo, que “existe falta de confiança nos políticos, nas corporações e em geral na honestidade das pessoas”.

A confiança parece ser algo que é produzido, individualmente, através da experiência, ao longo do tempo, não pode ser construída de imediato pelas organizações ou pelos governos (Zinn, 2004).

Apesar das pessoas não estarem informadas das novidades sobre os riscos, estas sabem em quem podem confiar, o que lhes permite perceber e memorizar seletivamente a informação e avaliar a sua credibilidade e decodificar as mensagens. O nosso comportamento é resultado de opções a que damos sentido (Lima, 2005).

Eiser & White (2006) distinguem vários tipos de confiança: a confiança interpessoal, aquela que temos nos nossos amigos e família; a social, que ocorre em relação às pessoas em geral; ou outro tipo de confiança que se relaciona com indivíduos específicos cujo papel é avaliar, gerir e comunicar informação sobre o risco. Este tipo de confiança tem sido referido, como confiança baseada no papel, uma vez que não é a pessoa que está em questão, mas o papel de um sistema de especialistas que produzem e dão indicações sobre o comportamento adequado, que está a ser objeto de confiança.

Segundo Slovic (1999), a falta de confiança é a causa do insucesso da comunicação de risco. Se não existe confiança, torna-se impossível assegurar a eficácia do processo de comunicação. Para este autor, o recuperar da confiança não pode ser feito através de mais análises técnicas. Estas são fundamentais para uma tomada de decisão informada, mas só aumentará os conflitos já existentes.

A falta de confiança nas instituições responsáveis pela ciência e tecnologia, pode aumentar se continuarem a vigorar os modelos tradicionais da comunicação de risco. Uma comunicação de risco inovadora centra-se no risco, socialmente construído, valoriza diferentes formas de conhecimento e melhora a participação do público na avaliação e gestão do risco.

3.2.3 O afeto

Na psicologia do risco, o afeto é atualmente a área de maior interesse (Taylor-Gooby, 2004).

O termo afeto, relaciona-se com a capacidade de sentir e distinguir algo que pensamos ser bom ou mau, consciente ou inconscientemente, e que distingue um estímulo positivo de negativo. As respostas afetivas são imediatas e automáticas (Slovic *et al.*, 2004).

Alguns autores distinguem dois conceitos diferentes nas emoções: antecipatórias e antecipadas. As emoções antecipatórias são reações imediatas interiores e involuntárias, como a ansiedade, o medo, a ameaça perante a incerteza e o perigo. As emoções antecipadas, não as experienciamos no momento presente, mas são aquelas que possivelmente ocorrerão no futuro (Lowenstein *et al.*, 2001).

De um modo geral, os investigadores incidiram mais nas emoções antecipadas, enquanto que na área da tomada de decisão, foi dada mais atenção ao papel das emoções antecipatórias (Lowenstein *et al.*, 2001).

Um dos primeiros investigadores a considerar que, as reações aos estímulos eram afetivas, foi Zajonc nos anos 80. Demonstrou que as emoções precedem a perceção de risco.

A área da gestão de risco adquire uma nova visão, quando se começa a desvendar a complexidade entre a razão e a emoção, essenciais ao comportamento racional (Slovic *et al.*, 2004).

Segundo estes autores, as teorias modernas na área da psicologia sugerem que, existem fundamentalmente duas formas diferentes que os seres humanos têm para

processar informação. Por um lado, o sistema racional ou analítico que estabelece regras de lógica e evidência. Por outro lado, o sistema experiencial, que descodifica metáforas, narrativas e imagens reais ligadas aos sentimentos. Não será possível o sistema analítico funcionar, sem a orientação das emoções e afetos (Slovic *et al.*, 2004).

Goleman (2001) refere, também a existência de duas mentes, a racional e a emocional. Contudo, afirma haver também outro tipo de reação emocional, em que há uma avaliação mais prolongada, onde os nossos pensamentos atuam na determinação das emoções a serem despertadas.

A mente emocional é associativa, os elementos que simbolizam a realidade são encarados como sendo a própria realidade, o mesmo acontece com a evocação da recordação de uma realidade. A mente racional controla apenas o curso das reações, nunca os sentimentos (Goleman, 2001).

Damáσιο (2001) refere, que todo o homem e mulher, independentemente da sua cultura, idade, nível económico e grau de instrução, têm emoções.

“À primeira vista, não existe nada de caracteristicamente humano nas emoções, uma vez que é bem claro que os animais também têm emoções. No entanto, há qualquer coisa de muito característico no modo como as emoções estão ligadas às ideias, aos valores, aos princípios e aos juízos complexos que só os seres humanos podem ter, sendo nessa ligação que reside a nossa ideia bem legítima de que a emoção humana é especial”.

Os estudos de perceção de risco foram pioneiros a demonstrar, que os sentimentos de ameaça são determinantes na perceção de risco pública (Slovic *et al.*, 2004).

A heurística do afeto centra-se no modo de pensar experiencial, esclarecendo o papel determinante da avaliação do risco, perante o desenvolvimento da sobrevivência do ser humano. Há uma tendência positiva na relação do risco e benefício no mundo real, mas negativa na mente das pessoas (Slovic *et al.*, 2004).

Uma abordagem alternativa, às teorias cognitivas da tomada de decisão em situações de incerteza é a do risco como sentimento (Lowenstein *et al.*, 2001).

Esta teoria tem contribuído para clarificar a natureza das emoções, que os decisores admitem ter antes da experiência, por outro lado, as emoções imediatas são negligenciadas (Taylor-Gooby, 2004).

Em situações de risco e incerteza, a tomada de decisão, é influenciada pelas emoções, como o medo e a preocupação. O afeto negativo pode levar à ação, daí que o sistema experiencial acabe por se sobrepor ao sistema analítico, perante decisões de risco. Deste modo, o afeto tem um papel determinante na tomada de decisão e deve ser utilizado na promoção da ação (Weber, 2006).

Entre os fatores que influenciam a percepção de risco, estão fatores culturais e os associados ao tipo de risco e afeto em termos emocionais (Taylor-Gooby, 2004).

3.2.4 A aceitabilidade do risco

Sendo o saber científico, fundamental para a percepção ou representação social do risco, será também determinante para a sua aceitabilidade. Esta, por sua vez, depende da forma como as questões ligadas ao risco são comunicadas ao público.

A questão da aceitabilidade de um risco explica Peretti-Watel (2001), modifica-se à medida que as novas ameaças contemporâneas se libertam da lógica seguradora. No restrito quadro da racionalidade probabilista, a aceitabilidade de um risco é um problema puramente técnico. Entretanto, à medida que as percepções do público começaram a pesar sobre as decisões dos políticos, a questão da aceitabilidade tornou-se mediática: já não basta consultar um especialista para determinar se um risco é aceitável, é preciso também “comunicar”, informar a opinião, convencer a aceitar um risco presente como residual, mínimo. Para conseguir tal feito, critica o autor, “os especialistas recorreram frequentemente à comparação entre riscos, apoiando-se sobre silogismos por vezes duvidosos, que vulgarizando argumentos de probabilidade, não convencem o público”. Após ter aprendido a comunicar, prossegue o autor, as autoridades e os especialistas tiveram de aprender também a escutar o público, a compreender como os indivíduos interpretam um risco e o que os leva a considerá-lo aceitável ou, pelo contrário, inaceitável:

“...tudo o que temos a fazer, é avaliar corretamente o risco. Não se trata ainda de convencer o público, que é excluído do debate; os peritos centram-se no aspeto estritamente técnico do seu trabalho: calcular corretamente os riscos. Tudo o que temos a fazer é dar-lhes os números. Trata-se de sossegar a opinião, recorrendo à transparência para comunicar os cálculos realizados. Contudo, parte-se novamente do princípio que os números falam por si e os leigos saberão interpretá-los. Tudo o que temos a fazer é explicar-lhes o que querem dizer os números. Uma tarefa ambiciosa mas arriscada. Um público acostumado a

peritos seguros de si, poderia interpretar mal os esforços realizados para lhe explicar um valor ou os seus limites e incertezas, e pensar que está a lidar com um perito incompetente. Tudo o que temos a fazer é sermos atenciosos para com eles”.

Mesmo se o risco e os seus benefícios são corretamente avaliados, e se os especialistas estão prontos a divulgá-los, falta a comunicação ser feita de forma hábil, através de mensagens claras e evitando a linguagem técnica. Uma comunicação de sentido único, não permite ter em conta o ponto de vista dos cidadãos. O retorno de informação pode revelar-se benéfico para os peritos (para melhor comunicar sobre os riscos), e melhorar as relações com os leigos.

3.2.5 A amplificação social do risco

Foi proposta, em junho de 1988, o célebre modelo de “Amplificação Social do Risco”, por investigadores da Clark University and Decision Research, para a análise do risco. Desde então, esta análise tem sido partilhada amplamente na comunidade do risco e outros cientistas sociais, enquanto os autores promoveram investigações empíricas para desenvolver, elaborar e aplicar o modelo a uma ampla e diversificada base de dados de perigo e estudos aprofundados da experiência da comunidade em relação ao risco. O modelo foi também, aplicado a riscos que escapam à atenção social, e aos problemas específicos associados com a comunicação dos riscos ao público (Soares, 2006).

O conceito da amplificação social do risco baseia-se, na tese de que os eventos pertencentes aos perigos interagem com processos psicológicos, sociais, institucionais e culturais por formas que podem acentuar ou atenuar perceções de risco e moldar o comportamento. As respostas comportamentais, por sua vez, geram consequências sociais ou económicas secundárias, que vão muito mais além dos danos diretos à saúde do ser humano ou ao ambiente, para incluir impactos indiretos significativos como custos de seguro, dívidas, perda de confiança nas instituições, estigmatização ou alienação dos assuntos públicos. Por vezes, tais efeitos secundários (no caso da amplificação do risco) provocam exigências para respostas institucionais adicionais e ação preventiva, ou, pelo contrário (no caso da atenuação do risco), colocam impedimentos no curso das ações preventivas necessárias (Soares, 2006).

Amplificação, tanto pode incluir sinais intensificadores, como atenuantes sobre risco. Assim, alegados exageros das pessoas e organizações recebem a mesma atenção que alegadas desvalorizações. Para os autores do modelo da amplificação, risco significa, por um lado, “uma ameaça objetiva, real, de danos para as pessoas e, por outro, um produto da cultura e experiência social”. Eventos perigosos existem, e são reais, envolvem transformações do ambiente físico ou saúde do homem ou perturbações nas estruturas sociais. Alguns grupos e também indivíduos monitorizam ativamente o mundo experimental, procurando eventos de perigo “compatíveis” com a sua agenda de preocupações e selecionam características específicas desses acontecimentos ou descrições associadas, interpretando-as segundo a sua percepção e esquemas mentais. Por sua vez, vão comunicar essas interpretações a outros grupos sociais ou indivíduos. Uns e outros processam a informação, situam-na na sua agenda de preocupações, e podem sentir-se forçados a responder (Soares, 2006). As considerações sobre o papel que cada um desempenha a nível pessoal e social, moldam o processo de seleção da informação. Se esta vai contra valores ou crenças de cada um, pode ser atenuada ou ignorada, mas “os indivíduos também agem como membros de grupos culturais e unidades sociais mais alargadas que, co-determinam as dinâmicas e processamento social do risco e que, no presente modelo, são designadas por «centrais sociais de amplificação»“ (Soares, 2006).

Resumindo, a amplificação social do risco diz respeito aos processos e estruturas culturais, sociais e individuais que moldam a experiência da sociedade ligada ao risco. Esta formatação pode alargar (amplificar) ou reduzir (atenuar) o risco, que a sociedade carrega.

4 METODOLOGIA DE INVESTIGAÇÃO

4.1 Modelo de investigação

Este é um estudo exploratório, de carácter descritivo-interpretativo, que pretendeu identificar o modo como os principais intervenientes, incluindo o público, percebem, concebem e se posicionam face ao risco das touradas à corda, e que valores fazem parte dessa equação, de modo a efetuar um levantamento de pistas que permitissem uma adequada comunicação de risco acerca desta problemática.

Num estudo deste âmbito, procura-se proceder ao reconhecimento de uma dada realidade pouco ou deficientemente estudada e levantar hipóteses de entendimento dessa realidade (Ferreira, 2010). Nesse contexto, também se julgou importante reconhecer relações entre as variáveis e compará-las com outros estudos realizados, bem como utilizar descrições e interpretações dos dados recolhidos, além das comparações possíveis.

Recorreu-se ao paradigma psicométrico e a conceitos como a preocupação e importância, para avaliar as percepções de risco e respetivo posicionamento dos inquiridos, associados a valores ético-morais, sociais e ambientais.

Perante a problemática apresentada, foram investigadas as seguintes variáveis e respetivas interações:

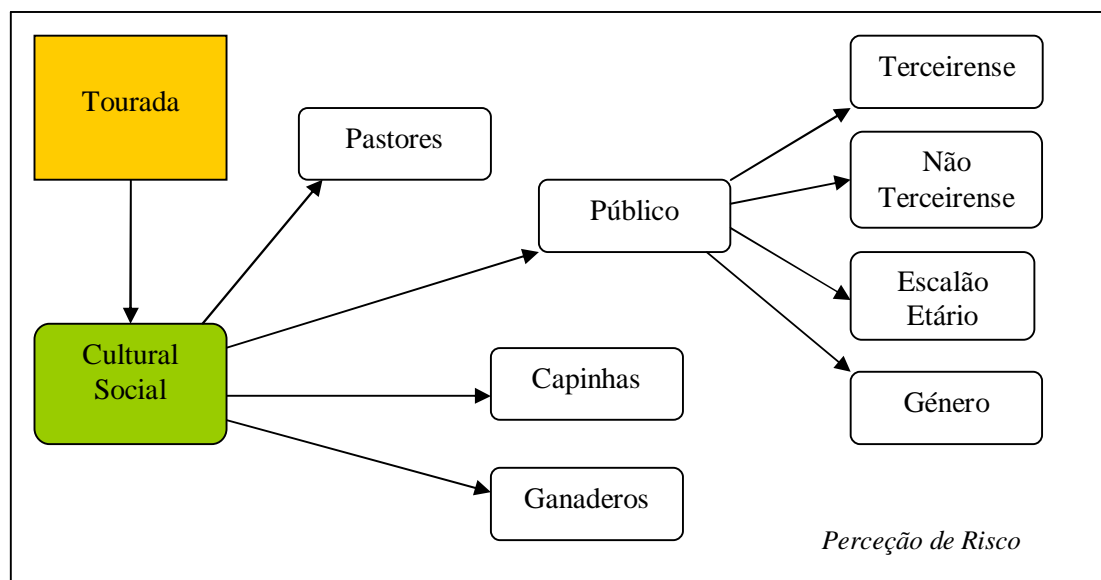


Figura 4.1 – Esquema representativo das variáveis em estudo e respetivas interações.

A presente investigação pretendeu avaliar a tourada à corda em duas das suas vertentes: a cultural e a social.

É na vertente cultural e social que se centra a identificação e avaliação da perceção dos riscos, analisando as perceções e posições dos pastores, capinhas, ganaderos, que são os principais intervenientes nesta tradição, que são as touradas à corda e do público em geral, todavia, não foram descurados alguns dos aspetos do risco, que pudessem ser explicados pela teoria psicométrica.

Por ser uma atividade geradora de controvérsia e limitada a certos locais do mundo, nem todas as pessoas são conhecedoras dos perigos associados às touradas à corda, deste modo, mostrou-se importante analisar também o público de acordo com a sua naturalidade, designados por terceirenses e não terceirenses.

4.2 Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Segundo Ghiglione & Matalon (1995), no “ato da inquirição podem-se diferenciar os inquéritos segundo duas variáveis, o grau de diretividade das perguntas e a presença ou ausência do investigador no ato da inquirição”. Do cruzamento destas duas variáveis, surgem inquéritos realizados por questionário e entrevista.

Neste contexto, procedeu-se à recolha de dados através de métodos de observação indireta, o questionário, um instrumento de recolha de dados de índole quantitativa, cujos guiões se encontram nos anexos 1,2 e 3.

São várias as escalas que permitem medir atitudes, comportamentos, preocupações e graus de importância, relativamente a determinados fenómenos.

Neste trabalho utilizaram-se principalmente escalas do tipo Likert, como também algumas questões de resposta fechada, como foi o caso da escolha de animais que os inquiridos mais gostavam e erradicavam, e como em questões em que se teriam de posicionar positiva ou negativamente apenas, como no caso do aborto e eutanásia.

As escalas de Likert centram o processo nos sujeitos respondentes e utilizam um modelo posicional, onde é a própria resposta do indivíduo, que a localiza em termos de atitude (Lima, 2005), o que facilita a análise dos dados.

A construção destas escalas exigiu uma atenção especial, no que respeitou à identificação das características do constructo a ser medido, tal como sugere Ferreira (2010), ao afirmar que “as escalas são instrumentos construídos e empregues pelo investigador, para quantificar as respostas dos inquiridos sobre uma determinada variável”.

Os inquéritos foram realizados entre 29 de março e 19 de dezembro de 2011 e abrangeram uma amostra de 50 pessoas: 10 capinhas, 7 pastores, 9 ganaderos e 24 pessoas do público.

A aplicação destes inquéritos foi presencial e conduzida como se de uma entrevista se tratasse. Este foi o processo encontrado, para garantir as respostas dos inquiridos, que dado o número reduzido não se poderia deixar que tivessem a liberdade de não responder, pois os resultados seriam drasticamente enviesados. Essa decisão traduziu-se também, numa clarificação de pontos de vista, que se considerou importante para a interpretação dos resultados. Por outro lado, houve que procurar os vários atores, pois estes não são fáceis de encontrar sem contactos prévios diretos ou indiretos.

4.2.1 O inquérito por questionário

O inquérito por questionário constitui, uma técnica de recolha de dados que consiste em colocar uma série de questões a um conjunto de inquiridos, em geral representativos de uma população. “A natureza quantitativa do inquérito por questionário, bem como a sua capacidade de objetivar informação, conferem-lhe o estatuto máximo de excelência e autoridade científica no quadro de uma sociedade e de uma ciência dominadas pela lógica formal, mais apropriada à captação dos aspetos contabilizáveis dos fenómenos” (Ferreira, 2010).

Segundo Ferreira (2010), o questionário é utilizado para se obter informações sobre um determinado assunto, que quando analisado poderá auxiliar na determinação de relações existentes entre diversas variáveis. Ainda segundo o mesmo autor, “as informações recolhidas, além de possibilitarem uma melhor previsão do futuro, permitem ainda compreender melhor as causas de ocorrência de um determinado fenómeno no passado”. No entanto, quando a amostra é reduzida, tem que haver alguma equidade entre a avaliação quantitativa do questionário e a qualitativa da entrevista.

Além da sistematização, maior simplicidade de análise, maior rapidez de recolha de dados, há ainda a possibilidade de incluir todos os modelos de resposta, o que permite ao investigador beneficiar de grande flexibilidade quanto à natureza da informação que pode obter.

Apesar das vantagens do questionário, existem algumas limitações na utilização desta técnica, nomeadamente a probabilidade de uma elevada percentagem da população não responder ou fazer um preenchimento incompleto do questionário ou ainda, como referem Quivy & Campenhoudt (1998), poder emergir “o carácter frágil da credibilidade do dispositivo”. Nesse sentido alertam, que “para que o método seja digno de confiança devem ser preenchidas várias condições: rigor na escolha da amostra, formação clara e unívoca das perguntas, correspondência entre o universo de referência das perguntas e do inquirido, atmosfera de confiança no momento de administração do questionário, honestidade e consciência profissional dos entrevistadores”.

Para criar uma atmosfera de confiança, uma vez que as touradas têm contornos sensíveis do ponto de vista ético, optou-se pela aplicação presencial do questionário.

4.2.1.1 A estrutura do questionário

Este estudo centrou-se na análise de respostas a um questionário dividido em três componentes, compreendendo, cada uma delas, vários itens.

A primeira componente diz respeito, à caracterização pessoal e profissional dos inquiridos, incluindo dados referentes ao início de atividades relacionadas com a tourada à corda.

A segunda componente centrou-se, nas perceções de risco dos inquiridos em relação às touradas à corda.

A terceira parte diz respeito, a questões relacionadas com os valores morais, valores ambientais e valorização da sociedade. Incluiu-se nesta dimensão, itens de avaliação de autoestima dos inquiridos.

Embora a estrutura do questionário se tenha mantido a mesma para os quatro grupos de inquiridos (capinhas, pastores, ganaderos e público), modificaram-se algumas questões, de acordo com as funções desempenhadas por cada grupo nas touradas à corda.

No questionário dirigido aos capinhas, havia duas questões que não estavam presentes no questionário efetuado aos pastores, ganaderos e ao público: a questão 6.11, onde se pretendia apurar o grau de adrenalina sentido durante a lide do touro, recorrendo a uma escala de Likert, e questão 8, onde se pedia aos inquiridos que escolhessem entre quatro opções, aquela que consideravam mais importante, do ponto de vista da atividade de capinha, numa tourada à corda.

Na questão 5, com alíneas referentes à perceção de risco associada às touradas à corda, onde os inquiridos tinham de se posicionar numa escala de Likert, apenas para o público, se colocou uma alínea referente ao risco de invalidez. A alínea referente à perceção de risco de ferimentos ligeiros, era apenas colocada ao público e aos capinhas, e a alínea associada à perceção de risco de morte na lide do touro no pasto, era apenas dirigida aos pastores e ganaderos, como se depara ser óbvio, pelo facto de serem apenas estes dois grupos a lidar com o touro no pasto.

A alínea associada, ao risco de morte das touradas à corda, era dirigida a todos os grupos de inquiridos.

O desenho do inquérito elaborado para o presente estudo, não se baseou em nenhum existente, daí ter havido a necessidade de validar as escalas utilizadas, o que foi feito através da análise do coeficiente alfa de Cronbach. Esta análise aparecerá, na avaliação de dados de cada pergunta, no capítulo dos resultados e tratamento de dados.

4.2.1.2 A validação/testagem do questionário

Após ter sido elaborado, o inquérito por questionário foi testado e validado por sete pessoas escolhidas aleatoriamente. Como conclusão desta aplicação experimental e mesmo durante a elaboração do questionário, verificou-se a necessidade de modificar certas questões ou parte delas, de modo a ficar o mais perceptível e objetivo possível.

Apresentam-se as alterações efetuadas, após a testagem do instrumento de colheita de dados.

Questão 3 – com esta questão pretendia-se apurar, quando o indivíduo iniciou a sua atividade, distinguindo datas de lide na praça ou em tentaderos, de quando começou a atividade nas touradas à corda. Verificou-se na testagem, que as pessoas não respondiam da forma esperada, pois havia a tendência de saltar a pergunta por esta estar pouco clara, parecendo perguntar-se o mesmo várias vezes.

Questão 6 – nesta questão pretendia-se conhecer, o posicionamento dos inquiridos em relação a vários assuntos da sua vida: sociedade, religião, ambiente, entre outros, de modo a obter dados referentes à valorização da vida humana, principalmente quando o capinha a põe em risco conscientemente. Foram feitas alterações nas palavras escolhidas para a questão, tendo em atenção serem as mais simples e perceptíveis para todos os níveis de instrução (palavras como eutanásia por exemplo). Numa escala de 1 (nada) a 5 (muito), o indivíduo tinha de posicionar-se de acordo com o que pensava.

Ainda na questão 6, mais propriamente na 6.8 e 6.9, pedia-se que escolhessem entre algumas opções, os cinco animais que mais gostavam e os que mais facilmente erradicavam. Verificou-se no inquérito teste, que as pessoas escolhiam quase sempre os mesmos animais, principalmente os que se consideram de estimação, deste modo não se iriam obter dados úteis para análise, tendo-se direcionado a pergunta para a escolha de cinco animais por respetiva ordem de preferência numerando-os de 1 a 5 (onde 1 era o que mais gostava e 5 o que menos gostava).

Na questão 6.9, deixou-se em aberto os animais a erradicar, passando a perguntar-se “qual ou quais erradicariam”, para que não fossem enviesadas as perspetivas dos inquiridos.

Questão 5 – nesta questão, modificou-se a escala de 1 a 5, sendo 1-nada e 5-muito, para: 1-nulo, 2-muito reduzido, 3-reduzido, 4-médio e 5-elevado; de forma a

medir-se a qualidade e não a quantidade, obtendo assim dados mais perceptíveis e livres de enviesamento.

Tal como referido anteriormente, para evitar possíveis enviesamentos, o inquérito foi preenchido presencialmente.

4.3 População

A população alvo deste estudo foram, os intervenientes diretos nas touradas à corda, que de acordo com o papel que desempenham, distinguiram-se quatro grupos: capinhas, pastores, ganaderos, residentes na ilha Terceira, e público em geral, que correspondem às definições utilizadas no capítulo 2.

4.4 Caracterização da amostra

Como já se referiu anteriormente, os inquéritos abrangeram uma amostra de 50 pessoas das quais se destacam:

a) 10 capinhas com idades compreendidas entre os 21 e 50 anos, todos do sexo masculino, possuidores de habilitações entre o 4º ano e 9º ano de escolaridade.

Como se pode verificar na tabela 4.1, o setor profissional maioritário, que caracteriza os capinhas, é o dos transportes. A agricultura e operador de máquinas vêm a seguir, ambos com dois inquiridos. Dois dos inquiridos não responderam à questão, por terem dificuldade em caracterizar-se profissionalmente.

A construção civil é o setor profissional, a que apenas um dos inquiridos se dedica.

Setores/áreas profissionais	Nº
Agricultura	2
Transportes	3
Operador de máquinas	2
Construção Civil	1
NS/NR	2

Tabela 4.1 – Setores/áreas profissionais da amostra (capinhas).

b) 7 pastores com idades compreendidas entre os 31 e 46 anos, todos do sexo masculino, possuidores de habilitações literárias entre o 4º ano e 9º ano de escolaridade.

Como é do conhecimento geral, cada ganaderia possui um conjunto próprio de homens para a corda. Deve referir-se, que para este estudo, só foram inquiridos pastores de uma única ganaderia.

Verificou-se, como se pode observar na tabela 4.2, que a maioria dos pastores não respondeu à questão da profissão que exerce, pressupondo ser isso mesmo “pastor”.

Um dos inquiridos, conseguiu descrever-se como sendo agricultor e outros dois afirmaram dedicar-se também, aos transportes e à construção civil.

Setores/áreas profissionais	Nº
Agricultura	1
Transportes	1
Construção Civil	1
NS/NR	4

Tabela 4.2 – Setores/áreas profissionais da amostra (pastores).

c) 9 ganaderos terceirenses, inscritos na Associação Regional de Criadores da Tourada à Corda, com idades compreendidas entre os 33 e 66 anos (2 do sexo feminino e 7 do sexo masculino), possuidores de habilitações entre o 4º ano de escolaridade e a licenciatura.

Quanto às áreas profissionais a que este grupo se dedica, pode observar-se na tabela 4.3, que a maioria (7 ganaderos) diz exercer funções na área agrícola. Os restantes ganaderos, dizem exercer funções na área da educação e gestão.

Setores/áreas profissionais	Nº
Agricultura	7
Educação	1
Gestão	1
NS/NR	0

Tabela 4.3 – Setores/áreas profissionais da amostra (ganaderos).

d) 24 pessoas do público, 12 terceirenses, 5 micalenses, 2 jorgenses, 3 norte americanos, 1 espanhol e 1 brasileiro (11 do sexo masculino e 13 do sexo feminino), com idades compreendidas entre os 23 e os 80 anos, possuidores de habilitações entre o 4º ano de escolaridade e a licenciatura, dos quais, quatro são reformados. Todas as pessoas entrevistadas têm conhecimento e já assistiram a touradas à corda.

Verificou-se, de acordo com a tabela 4.4, que as áreas profissionais a que os inquiridos deste grupo se dedicam são muito variáveis. Os serviços são a atividade profissional a que maior número (12 pessoas) de inquiridos se dedica, contrariamente a áreas como a saúde, educação, segurança e estudos, com um inquirido respetivamente, e a áreas como a engenharia com quatro pessoas inquiridas. Os restantes quatro inquiridos eram reformados.

Setores/áreas profissionais	Nº
Saúde	1
Educação	1
Serviços	12
Segurança	1
Engenharia	4
Estudantes	1
Reformados	4

Tabela 4.4 – Setores/áreas profissionais da amostra (público).

A amostragem do público baseou-se na interpelação direcionada, devido ao cariz deste estudo, e previamente combinada com os inquiridos de acordo com a sua disponibilidade.

O facto da dimensão da amostra ser pouco elevada, deve-se à especificidade dos grupos, e ao facto de ser uma atividade que não é praticada desta forma em muitos locais, tendo-se tentado por isso, não ultrapassar em grande escala o número de inquiridos dos grupos dos pastores e do público, que poderiam ser mais alargados por existir um universo maior. Esta é uma situação, que impõe que se tenha algum cuidado na análise dos dados.

É importante salientar, a dificuldade que houve na obtenção dos contactos corretos dos intervenientes (principalmente capinhas, pastores e ganaderos), disponibilidade dos mesmos e também pela referência ao risco das touradas à corda, ter suscitado alguma apreensão na colaboração por parte de algumas pessoas.

Refira-se que após o término deste estudo, houve a informação que havia surgido, três novas ganaderias na ilha Terceira.

5 RESULTADOS E TRATAMENTO DE DADOS

Os dados recolhidos, foram sujeitos a uma variedade de análises estatísticas. Essas análises foram aplicadas grupo a grupo e fazendo cruzamentos entre grupos.

Havia questões em que era possível fazer cruzamento de informação, outras não era possível, dada a definição do ator interveniente.

5.1 Entre a adolescência e a idade adulta: a tomada de decisão de enfrentar um touro

Na questão 3, respondida pelos capinhas, pastores e ganaderos, com intuito de melhor compreender o envolvimento de cada inquirido no evento das touradas à corda, pedia-se que identificassem o ano de início de atividade, diferenciando-se quando possível em diferentes alíneas, datas relativas a eventos em praças ou tentaderos, de eventos nos arraiais das touradas à corda.

No caso dos capinhas, as alíneas (3.1 e 3.2) referentes a esta questão, enunciavam-se respetivamente do seguinte modo: *“Quando começou a atividade de tourear (tentaderos ou praça)?”* e *“Quando começou a atividade de tourear na rua, nas touradas à corda?”*. Na tabela 5.1, resumem-se os dados obtidos para o grupo dos capinhas.

Foram inquiridos capinhas de diferentes grupos etários, sendo o capinha designado por capinha 2, nascido em 1962, aquele que se terá iniciado mais cedo nas lides taurinas, mais propriamente em 1974, em praças ou tentaderos, e só mais tarde (1980) se terá estreado nos arraiais das touradas à corda. O capinha 1, nascido em 1961, terá sido aquele que primeiramente se estreou nas touradas à corda, como também em praças ou tentaderos (1976). Contrariamente aos anteriores, o capinha 7, nascido em 1984, era até à data do preenchimento do questionário, o elemento mais recente (2005), tanto no toureio em praças ou tentaderos como no toureio nos arraiais das touradas à corda.

	Ano de nascimento	Início de atividade (ano)	
		Toureio em praças ou tentaderos	Toureio nos arraiais de touradas à corda
Capinha 1	1961	1976	1976
Capinha 2	1962	1974	1980
Capinha 3	1963	1980	1980
Capinha 4	1977	1992	1989
Capinha 5	1980	1995	1995
Capinha 6	1980	1986	1996
Capinha 7	1984	2005	2005
Capinha 8	1985	2003	2003
Capinha 9	1986	2001	2001
Capinha 10	1990	2004	2004

Tabela 5.1 – Datas de nascimento e início de atividade dos capinhas.

Verifica-se que os capinhas inquiridos se iniciaram na atividade taurina, em média, num ambiente mais controlado em termos de risco, que é a praça (onde há o controlo do porte do animal, maior proximidade dos sistemas de segurança e maior apoio de quem já teve experiência de lide) (ver tabela 5.1 e figura 5.1).

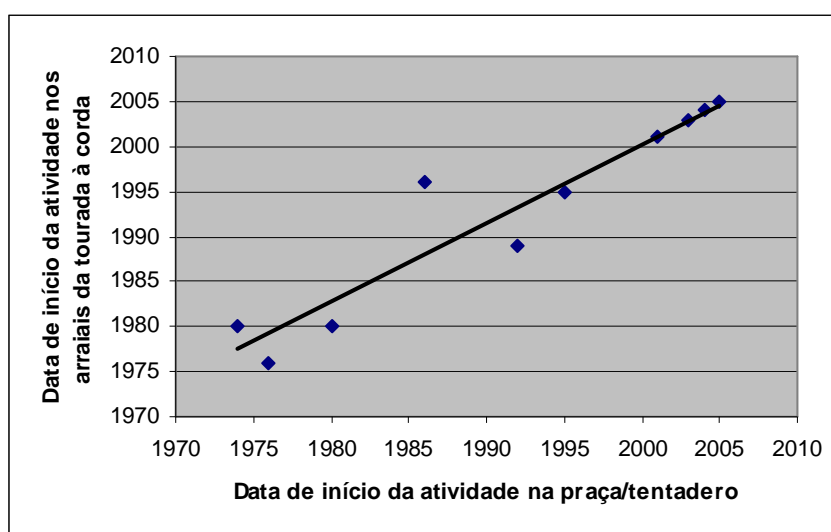


Figura 5.1 – Correlação/Proporcionalidade entre o início de atividade de toureio dos capinhas em praças/tentaderos e nos arraiais das touradas à corda.

A figura 5.1 traduz, uma correlação positiva entre o início da atividade dos capinhas inquiridos em praças ou tentaderos, e o início da atividade dos mesmos nos arraiais das touradas à corda. O coeficiente de correlação encontrado é elevado.

O facto dos capinhas se terem iniciado na atividade, primeiramente, num ambiente mais controlado como é o caso das praças ou tentaderos, evidencia uma certa

preparação, para uma maior exposição ao risco posteriormente nas touradas à corda. Parece haver por parte deste grupo, uma avaliação e identificação prévia do risco, onde a confiança e a percepção de risco contribuem para a aceitação do risco, processos esses que culminarão na tomada de decisão. No entanto, a tomada de decisão entre uma coisa e outra parece ser quase imediata, uma vez que em média, o ano que começam na praça é o mesmo em que se estreiam na rua.

Apesar do esquema de avaliação de risco de Slovic & Weber (2002), incluir deliberações científicas envolvidas no processo de tomada de decisão, os capinhas como meros leigos no assunto, parecem desenvolver processos semelhantes, embora de forma empírica.

Quando comparados o ano de nascimento dos capinhas, com o início de atividade, verifica-se que em média, o interesse pelo toureio ou submissão ao risco terá ocorrido na adolescência (figura 5.2).

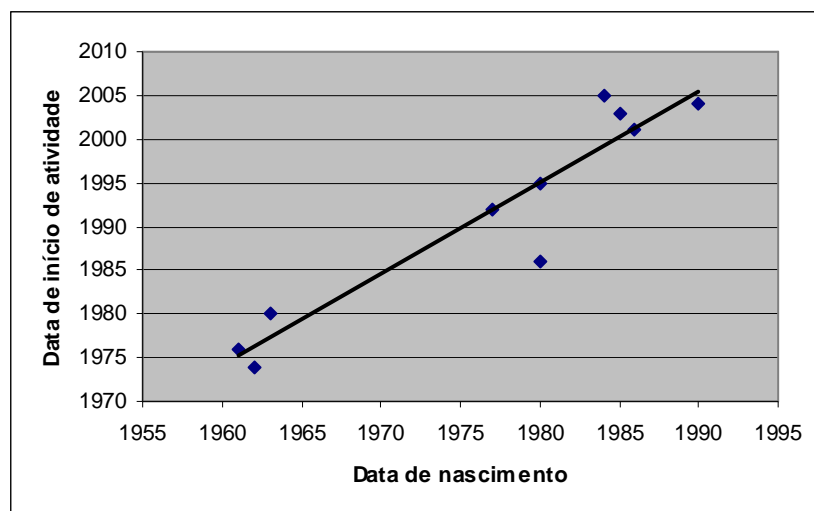


Figura 5.2 – Correlação/Proporcionalidade entre o ano de nascimento e o início de atividade dos capinhas inquiridos.

Daqui se conclui que em média, os capinhas iniciam a atividade de toureio com cerca de 14 anos.

Seria interessante estudar, até que ponto a tradição está envolvida, no facto dos capinhas se terem envolvido nas touradas à corda ainda tão jovens.

Também ao grupo dos pastores se colocou a questão (questão 3) acerca da data de início da atividade, enunciada da seguinte forma: *“Quando começou a atividade de pastor nas touradas à corda?”*. No inquérito dado a este grupo, esta pergunta surgia apenas com uma alínea, visto não se considerar o início da atividade em praças, dado que o papel desempenhado por estes, só se aplica às touradas à corda.

De acordo com a síntese da tabela 5.2, verifica-se que o pastor mais antigo era o pastor 4, que se iniciou nas touradas à corda em 1982. O pastor mais recente nessa atividade era, até à data do preenchimento do questionário o pastor 7, que se terá iniciado em 2010.

	Ano de nascimento	Início de atividade (ano)
Pastor 1	1976	2005
Pastor 2	1968	1997
Pastor 3	1980	1999
Pastor 4	1965	1982
Pastor 5	1975	2007
Pastor 6	1977	2007
Pastor 7	1980	2010

Tabela 5.2 – Datas de início de atividade dos pastores.

Em média, os pastores inquiridos iniciaram-se nesta atividade aos 27 anos, com uma diferença significativa dos capinhas.

Quando se tentou correlacionar, do mesmo modo que se fez com os capinhas, as datas de nascimento com as de início de atividade, não aparentou existir correlação (figura 5.3).

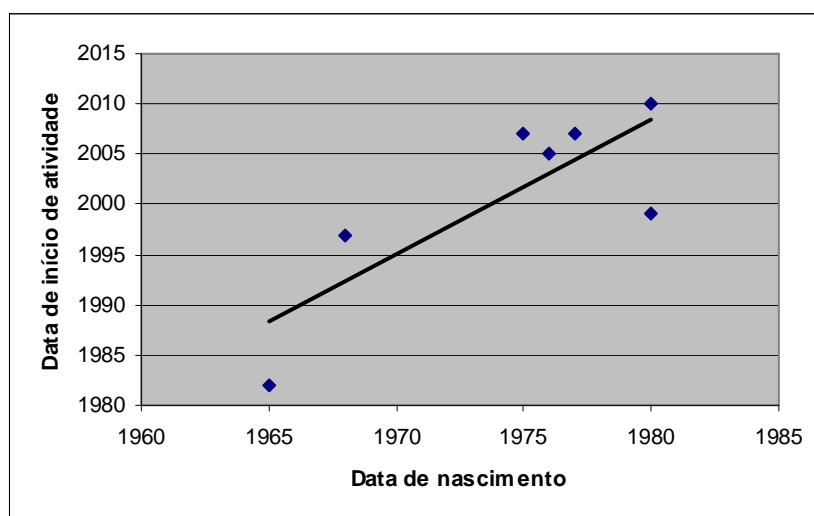


Figura 5.3 – Correlação/Proporcionalidade entre o ano de nascimento e o início de atividade dos pastores inquiridos.

5.2 A decisão de ser ganadero

As alíneas (3.1 e 3.2) da questão em análise estavam enunciadas, respetivamente, no inquérito dado aos ganaderos do seguinte modo: *“Quando começou a atividade de criação de touros?”* e *“Quando e começou a atividade de criação de touros para corda?”*.

Nesta questão associada ao início de atividade de ganadero, existiam duas situações diferentes a definir: o início da gerência de uma ganaderia e a antiguidade da respetiva ganaderia.

É necessário mencionar, que algumas das ganaderias apresentadas na tabela 5.3, terão sido fundadas pelos pais ou outros parentes dos ganaderos atuais. Visto que a atividade de criador de gado bravo parece ser em alguns casos, um bem hereditário, não se obteve sempre, o ano exato de início da gerência das atuais ganaderias.

De acordo com a tabela 5.3, a ganaderia mais antiga era a pertencente ao ganadero 9, fundada em 1927. Repare-se, que esta ganaderia só começou a criar touros para touradas, mais precisamente para as touradas à corda, no ano de 1997. Este foi um caso, em que a ganaderia foi passada de geração em geração, e só a partir de determinada altura começou a direcionar a criação do gado bravo para as touradas. Pelo que foi dado a entender, esta ganaderia manteve o gado bravo durante muito tempo, apenas por uma questão de hereditariedade sem os utilizar para o fim das touradas.

Não esqueçamos o facto, de que na ilha Terceira existem touros criados para as corridas à corda e touros criados para as corridas de praça, como já se mencionou na presente investigação. Aqui não se fez diretamente alusão a datas relacionadas com a criação de touros para a praça, embora se tenha a noção que algumas ganaderias poderão ter começado por apostar, primeiramente, na criação específica de touros para a lide na praça e só mais tarde para a criação de touros para a corda ou vice-versa.

Observando a tabela 5.3, verifica-se que a ganaderia que afirmou ter começado mais cedo a dedicar-se à criação de touros para a corda, foi a pertencente ao ganadero 6 (início em 1964), e a ganaderia que mais recentemente direcionou a criação do gado bravo para o evento, foi a pertencente ao ganadero 5 (início em 1999), muito embora esta exista desde o ano de 1973.

A ganaderia fundada mais recentemente foi a pertencente ao ganadero 3 (início em 1990), que desde o início começou a criar touros para a corda.

De acordo com os dados recolhidos, o ganadero que há menos tempo começou a gerir uma ganaderia, foi o ganadero 4, que terá iniciado a sua atividade no ano de 2006.

De acordo com os dados disponibilizados, verifica-se que os ganaderos se iniciaram nessa atividade, na idade adulta, com exceção de um (ganadero 6).

	Ano de nascimento	Ano de início de atividade	Antiguidade da Ganaderia (ano de início de)	
			Criação de touros	Criação de touros para a corda
Ganadero 1	1978	-	1988	1991
Ganadero 2	1953	1990	1967	1967
Ganadero 3	1951	1990	1990	1990
Ganadero 4	1976	2006	1975	1975
Ganadero 5	1963	-	1973	1999
Ganadero 6	1957	1975	1953	1964
Ganadero 7	1945	1980	1980	1987
Ganadero 8	1962	2002	1975	1979
Ganadero 9	1977	-	1927	1997

Tabela 5.3 – Datas de início de atividade dos ganaderos.

Esperava-se que, sendo as touradas à corda uma atividade cultural centenária na ilha Terceira, algumas das ganaderias existentes, tivessem sido fundadas há mais tempo, todavia, e apesar da questão hereditária, a ganaderia mais antiga tinha apenas 85 anos.

De facto, entrevistou-se um trisneto de um ganadero Terceirense que referiu, que a herança deixada ao seu avô não recolheu o interesse dos descendentes, pelo que se desfizeram de imediato na altura, da herança do gado bravo. Parece que a tradição da tourada à corda na ilha Terceira e a criação de gado bravo está, muito dependente de paixões que se despertam em indivíduos da comunidade, que não foram forçosamente influenciados pelos seus antepassados.

Seria interessante estudar a história das ganaderias que existiram e existem na ilha Terceira, de modo a compreender melhor o que leva um indivíduo a tornar-se ganadero.

Pelo que foi dado a perceber, as ganaderias não se formam por interesses económicos. Os interesses económicos parecem estar presentes, quando se tratam de heranças.

5.3 Profissionalismo ou amadorismo nas touradas à corda?

Muitos são os que questionam o carácter profissional ou amador, dos principais intervenientes nas touradas à corda e respetivos fatores económicos associados. De modo a perceber como os entrevistados encaram a atividade, de acordo com o papel desempenhado por cada grupo (capinha, pastor e ganadero), perguntava-se na questão 4: *“A atividade de tourear/pastor/criador de gado bravo, entende-a como profissional ou amadora? Se profissional, quanto ganha?”*.

No que diz respeito aos capinhas, todos os inquiridos consideraram ser uma atividade amadora, logo não remunerada.

Também os pastores, responderam que esta atividade é amadora e não remunerada, exceto o trabalho de lide no pasto.

Apenas dois dos ganaderos inquiridos consideraram, que a criação de gado bravo é uma atividade profissional, e somente um deles mencionou aproximadamente, a quantia que ganha, cerca de vinte e quatro mil euros/ano. Este valor nem sempre é igual, segundo esse inquirido, estando dependente de vários fatores que não especificou, tendo ainda afirmado que ganha mais com as touradas de praça, do que com as touradas à corda.

Crê-se que a diferença de idades entre os capinhas e os pastores, verificada na questão 3 (ver tabelas 5.1 e 5.2), se deva ao facto de uns poderem ser considerados profissionais em detrimento dos outros, mas o profissionalismo de uns só é assumido, como competência para a lide e cuidado dos touros no pasto.

Os pastores lidam com o gado manso e bravo em simultâneo no campo, não considerando ser isso uma atividade de toureiro. Os pastores têm a liberdade de escolher participar ou não na tourada à corda, parecendo não haver imposição dos ganaderos em tal decisão. Provavelmente, por fazerem uma escolha, os pastores consideram que a atividade de pastor de corda é amadora.

O secretismo dos ganaderos relativamente ao que ganham, a indecisão dos pastores quanto à sua profissão e as tarefas que lhe estão subjacentes, e a recusa dos capinhas em admitir serem especialistas no toureio de rua, torna pouco clara a classificação a dar a essas atividades: se profissional, se amadora.

Não se inquiriu o público sobre essa questão, para perceber se seria a mesma dos atores até aqui referidos.

5.4 A percepção de risco de morte nas touradas à corda

A questão 5 do inquérito estava dividida em alíneas, uma passível de ter resposta de todos os grupos de inquiridos, outras comuns apenas a alguns grupos, onde se solicitava que escolhessem o grau de percepção do risco que tinham, em relação a quatro possíveis ocorrências de risco numa tourada à corda, posicionando-se numa escala de Likert com cinco níveis qualificativos, que o classificavam desde nulo (nível 1) a elevado (nível 5).

A primeira alínea (5.1), enunciada da seguinte forma: **“Como perceciona o risco de morte associado à atividade?”** era comum, aos quatro grupos de inquiridos.

Para medir a consistência interna das variáveis, e a sua validade, realizou-se uma análise de fiabilidade tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.95, o que significa que a escala utilizada era fiável para o estudo da questão.

Nesta alínea, metade dos capinhas inquiridos (50%), consideraram que o risco de morte desta atividade é “elevado”. Dos restantes inquiridos, 20% consideraram haver um risco “médio”, 10% “muito reduzido” e 20% “nulo”. Nenhum inquirido optou pelo risco “reduzido” no que diz respeito a esta atividade.

A figura seguinte (figura 5.4) representa a distribuição do risco de morte percecionado pelos capinhas.

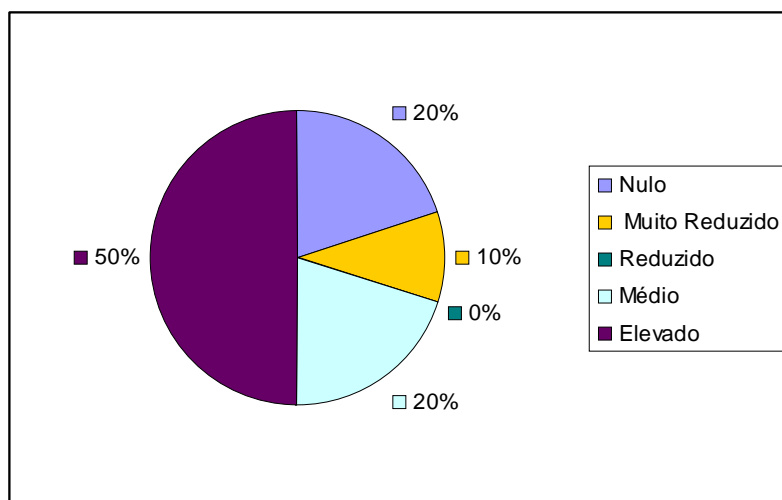


Figura 5.4 – Percepção de risco de morte associado às touradas à corda pelos capinhas.

Em geral, os capinhas inquiridos posicionaram-se nos níveis mais elevados de risco, do que nos mais baixos.

Contrariamente aos capinhas, os pastores percecionaram o risco de morte associado às touradas à corda, diferentemente. Consideraram-no reduzido.

Tal como se pode observar na figura 5.5, 14,3% dos pastores, consideraram que o risco de morte das touradas à corda é “elevado”, 14,3% “médio”, 57,1% “reduzido” e 14,3% “muito reduzido”. Apesar de tudo, nenhum inquirido considerou que esta atividade apresenta um risco “nulo”.

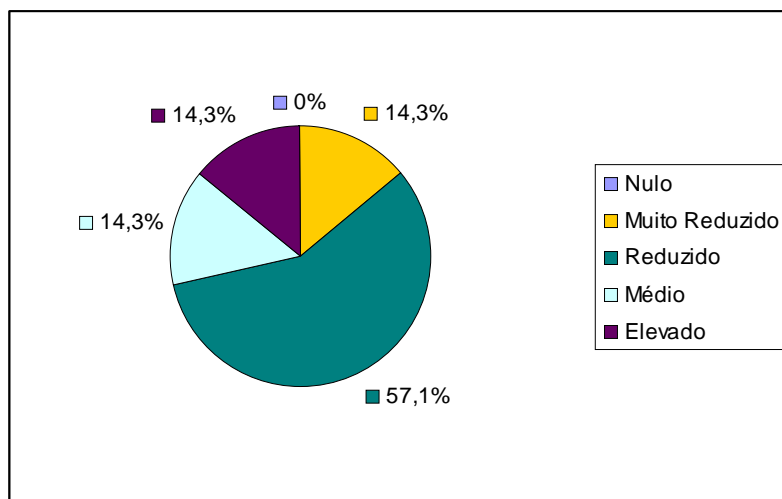


Figura 5.5 – Perceção de risco de morte associado às touradas à corda pelos pastores.

De modo geral, os pastores consideram o risco de morte associado às touradas à corda, reduzido.

Comparando as figuras 5.4 e 5.5, facilmente se percebe que a percepção de risco dos pastores e capinhas foram distintas.

Relativamente ao grupo dos ganaderos, pode observar-se na figura 5.6, que 33,3% dos inquiridos consideraram que o risco de morte associado à atividade é “médio” e “reduzido” respetivamente. Por outro lado, 11,1% dos ganaderos afirmaram que as touradas à corda apresentam um risco “muito reduzido” e 22,2% “nulo”. Nenhum ganadero assinalou esta atividade, como sendo de risco “elevado”, contrariamente aos dois grupos anteriores.

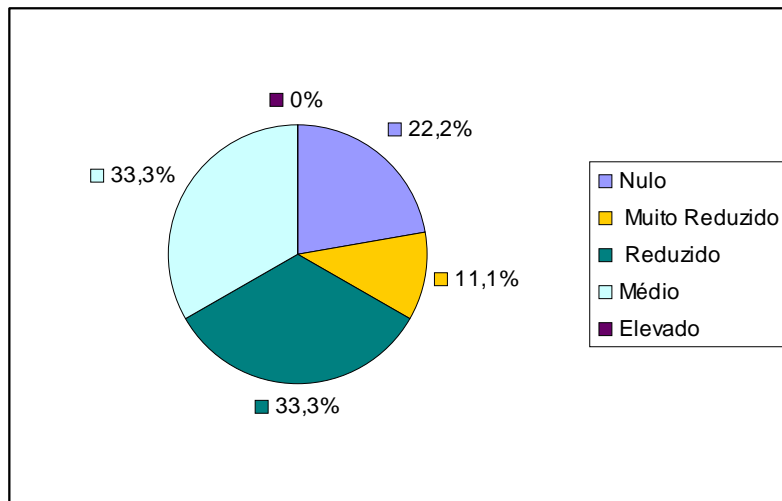


Figura 5.6 – Percepção de risco de morte associado às touradas à corda pelos ganaderos.

Mais uma vez se constata, que a envolvência nas várias fases ou etapas da tourada à corda levou a uma percepção de risco distinta. Parece que o risco da tourada à corda é função do papel social ou funcional que os atores desempenham. Na globalidade, os ganaderos consideraram o risco entre os níveis “médio” e “nulo”, os pastores como sendo “reduzido” e os capinhas como sendo “elevado”.

Quanto ao público, pode-se observar nas respostas traduzidas na figura 5.7, que 16,7% dos inquiridos deste grupo consideraram que o risco de morte inerente às touradas à corda é “muito elevado”, 20,8% um risco “médio” e 37,5% um risco “reduzido”. 20,8% dos inquiridos deste grupo, concordaram que as touradas à corda apresentam um risco de morte “muito reduzido”, e uma minoria (4,2%) um risco de morte “nulo”.

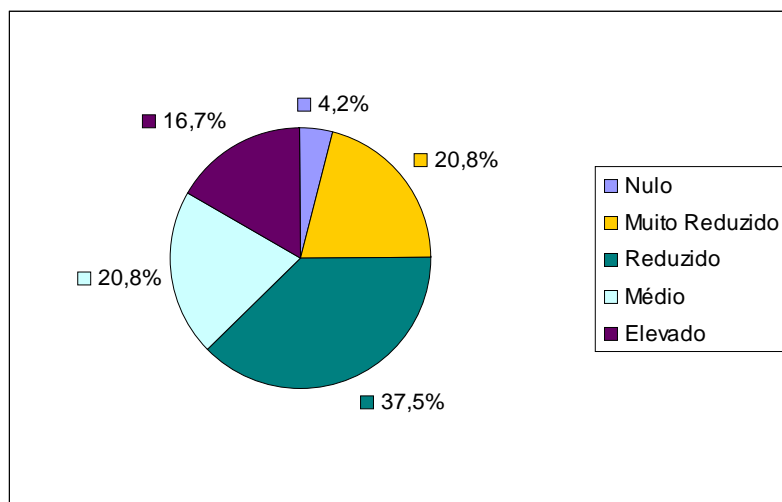


Figura 5.7 – Percepção de risco de morte associado às touradas à corda pelo público.

Este grupo, apesar das diferenças evidentes em relação a todos os outros grupos analisados, é aquele que apresentou maior heterogeneidade de perspectivas.

5.5 A vulnerabilidade ao risco e a percepção de risco nas touradas à corda

Comparando as percepções de risco dos quatro grupos de inquiridos (figura 5.8), parece haver uma noção mais elevada do risco de morte, que depende do grupo de atores no “espetáculo”, como é o caso dos capinhas, e em parte dos pastores, que apesar de lidarem com o touro durante a tourada, não o confrontam como os capinhas. Os pastores parecem ser um grupo mais neutro, em termos de percepção de risco.

No caso dos indivíduos que lidam com o touro em privado, nos pastos, apenas com o intuito de prover as suas necessidades, como é o caso dos ganaderos e em parte dos pastores, a percepção de risco de morte inclinou-se mais para as classificações médias e baixas.

Na figura 5.8, apresenta-se a distribuição dos vários grupos, relativamente ao risco de morte nas touradas à corda.

O grupo que percecionou níveis de risco de morte mais elevados, foram os capinhas (50%).

As opções dos ganaderos concentraram-se nos níveis “reduzido” e “médio”, com igual percentagem (33,3%) tendo os restantes ganaderos, mencionado os níveis mais baixos da escala valorativa. Nenhum ganadero inquirido mencionou, o nível “elevado” de risco de morte desta atividade.

A maioria (57,1%) dos pastores posicionou-se no nível “reduzido” de risco, assim como o público (37,5%), embora este grupo tenha apresentado opiniões muito variadas, o que pode explicar-se pelo facto do público se poder aproximar ou afastar do touro conforme entenda, sem restrições nem obrigações.

Nenhum pastor inquirido mencionou o nível “nulo” de risco de morte associado às touradas à corda.

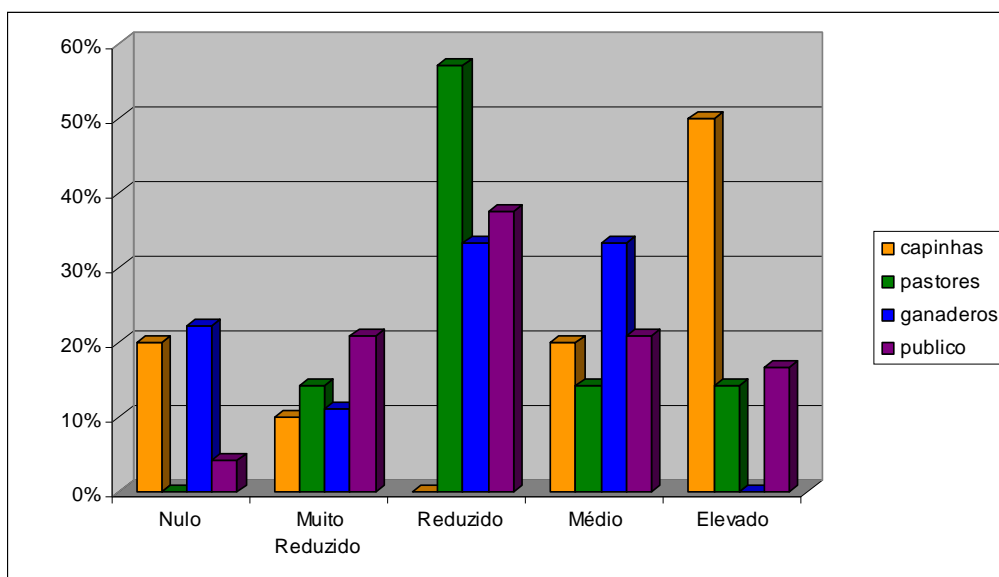


Figura 5.8 – Comparação das percepções do risco de morte associadas às touradas à corda pelos quatro grupos inquiridos.

Os grupos com percepções de risco de morte mais elevadas foram os capinhas e os pastores, e os grupos com percepções de risco de morte mais baixas foram os ganaderos e público em geral.

Parece existir uma ligação direta entre a percepção de risco de morte associada às touradas à corda e a exposição ao risco, tal como o observado por Martha *et al.* (2009), que verificaram existir uma relação entre a percepção de risco e a exposição ao risco num grupo de praticantes de alpinismo (apenas homens).

Como no estudo de Martha *et al.* (2009), os capinhas inquiridos assumem o risco e não o negam, parecendo haver uma boa visibilidade do risco e aceitação do mesmo. No entanto, o público, os pastores e os ganaderos parecem negar o risco, na medida em que consideraram, maioritariamente, que o risco de morte associado às touradas à corda é reduzido.

O verificado nesta questão, está de acordo com o que Lima (2005) terá afirmado sobre a negação do risco, que considerou estar relacionado com “o facto de as pessoas, consoante o alvo de afetação, não estimarem o risco da mesma forma”.

5.6 A percepção de risco de morte nas touradas à corda, em função da naturalidade

Porque as touradas à corda, se apresentam como sendo uma atividade tradicional na ilha Terceira, nem todas as pessoas são conhecedoras dos perigos associados a essa atividade, deste modo, mostrou-se importante analisar também a percepção de risco do público de acordo com a sua naturalidade, designados aqui por terceirenses e não terceirenses.

Para igual percentagem (50%) de inquiridos “terceirenses” e “não terceirenses”, verificou-se, de acordo com o gráfico da figura 5.9, que o nível “elevado” de risco foi mencionado por 12,5% de “terceirenses” e por apenas 4,2% de “não terceirenses”.

No nível “médio”, a percentagem de inquiridos “não terceirenses” (12,5%), foi superior à dos indivíduos “terceirenses” (8,3%).

O nível “reduzido” de risco de morte contou com, 20,8% de opções por parte de inquiridos “não terceirenses” e 16,7% de inquiridos de origem “terceirenses”.

Note-se que o nível “nulo” foi apenas assinalado por 4,2% de indivíduos “terceirenses”.

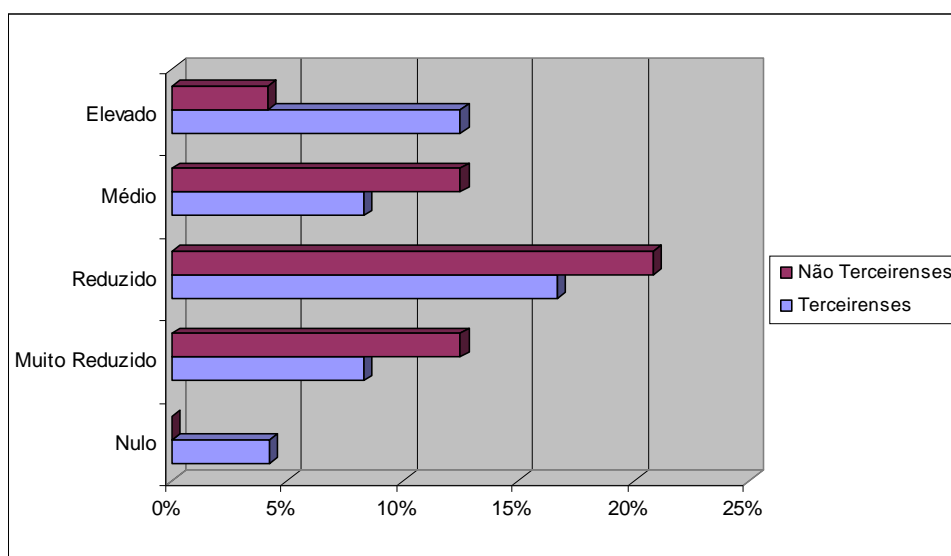


Figura 5.9 – Percepção de risco de morte associada às touradas à corda, do público terceirense e não terceirense.

Quando comparados com os outros grupos (capinhas, pastores e ganaderos), o público em geral, não assumiu o risco inerente às touradas à corda, mostrando estar pouco consciencializado do perigo, negando-o. Mas quando se analisam as respostas de acordo com a naturalidade, verifica-se haver uma maior percepção de gravidade do risco

de morte nas touradas à corda, por parte dos inquiridos “terceirenses”, atividade que tão bem conhecem, ao contrário dos “não terceirenses”, os quais à partida tem menos influência dessa cultura. A teoria cultural parece enquadrar, adequadamente estas respostas.

5.7 A percepção de risco de morte nas touradas à corda, em função do género

As diferenças do género são consideradas em vários estudos, que demonstraram que as mulheres apresentam níveis mais elevados de percepção de risco do que os homens (Kahan *et al.*, 2005). Além do género também se recorre, entre outros, ao fator idade que está ligado ao julgamento sobre o risco (Leizerowitz, 2003; Slovic, 1999; Taylor-Gooby, 2004).

No sentido de averiguar as percepções de risco de morte, em relação às touradas à corda de acordo com o género, dividiram-se os inquiridos do público para o efeito, obtendo-se a distribuição da figura 5.10. De facto, entre os respondentes masculinos (45,9%) e femininos (54,1%), houve uma percepção de risco mais elevada por parte do sexo “feminino”: 12,5 % das mulheres inquiridas assinalaram o nível “elevado” de risco, contrariamente aos 4,2% de inquiridos do sexo “masculino”, que assinalaram o mesmo nível. No entanto, a maioria (25%) dos inquiridos do sexo “feminino”, assinalaram o nível “reduzido” de risco, mas se comparando com os inquiridos do sexo “masculino”, estes na sua maioria, concentraram as suas respostas em níveis mais baixos de risco: 12,5% assinalaram o nível “reduzido” e “muito reduzido” respetivamente, e 4,2% assinalaram o nível “nulo”.

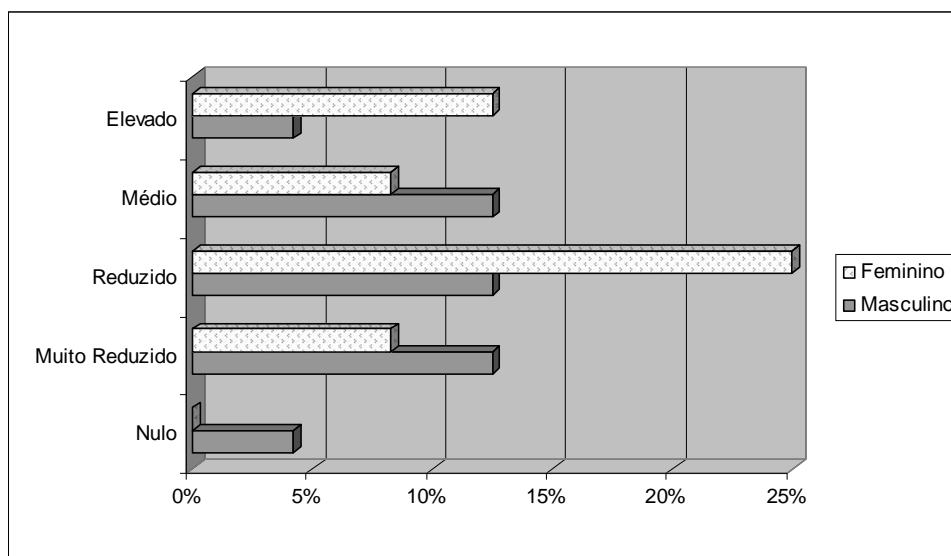


Figura 5.10 – Percepção de risco de morte associada às touradas à corda, do público, de acordo com o gênero.

Tal como se esperava, o género “feminino” apresentou percepções de risco mais elevadas do que o género “masculino”, em relação ao risco de morte associado às touradas à corda na ilha Terceira.

5.8 A percepção de risco de morte nas touradas à corda, em função da idade

Também se analisaram as percepções de risco, de acordo com o escalão etário dos inquiridos do público: onde o escalão 23-41 anos correspondeu a 45,8% dos inquiridos do público, o escalão 42-60 anos correspondeu a 33,3% e o escalão 61-80 anos correspondeu a 20,8%.

Na figura seguinte (figura 5.11), pode-se observar a distribuição das respostas obtidas.

Verificou-se que o escalão etário mais jovem (23-41 anos) foi o que, assinalou mais vezes o nível de risco “elevado”, com 8,3% de opções. No entanto a maioria de respondentes deste escalão assinalaram o nível “reduzido” e “muito reduzido” de risco, com respetivamente 16,7% e 12,5% de opções.

O escalão 42-60 anos dividiu as suas opiniões um pouco por todos os níveis, apresentando maior número de opções nos níveis “médio”, “reduzido” e “muito reduzido” de risco, com respetivamente 8,3% de opções.

Os inquiridos do escalão etário mais elevado (61-80 anos), na sua maioria (12,5%) posicionaram-se no nível “reduzido” de risco.

O nível “nulo” de risco foi apenas assinalado por 4,2% de respondentes do escalão etário médio (42-60 anos), não havendo nenhuma opção neste nível por parte dos outros escalões.

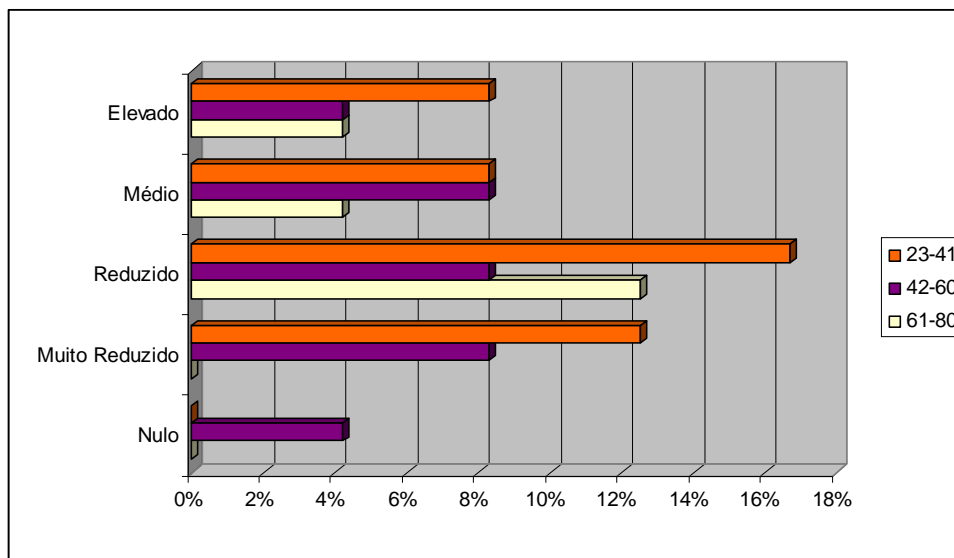


Figura 5.11 – Percepção de risco de morte associada às touradas à corda do público, de acordo com o escalão etário.

Parece que, à medida que a idade avança, a percepção de risco de morte em relação às touradas à corda, diminui. Tal facto tem enquadramento na teoria psicométrica, onde a experiência do indivíduo vai alterando a sua percepção de risco.

5.9 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda

Na segunda alínea (5.2) do questionário dirigido ao público e aos capinhas, enunciada da seguinte forma: *“Como percebe o risco de invalidez associado à atividade?”*, também foi realizada uma análise de fiabilidade, de forma a poder verificar-se a homogeneidade dos componentes da escala, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.93, o que significa que a escala utilizada para o estudo da questão era fiável.

Na distribuição das respostas dadas a esta questão e sintetizada na figura 5.12, verifica-se que 60% dos capinhas inquiridos afirmaram que o risco de invalidez associado às touradas à corda é “elevado”, 10% como sendo “médio” e 30% “reduzido”.

Os níveis “nulo” e “muito reduzido” não foram assinalados.

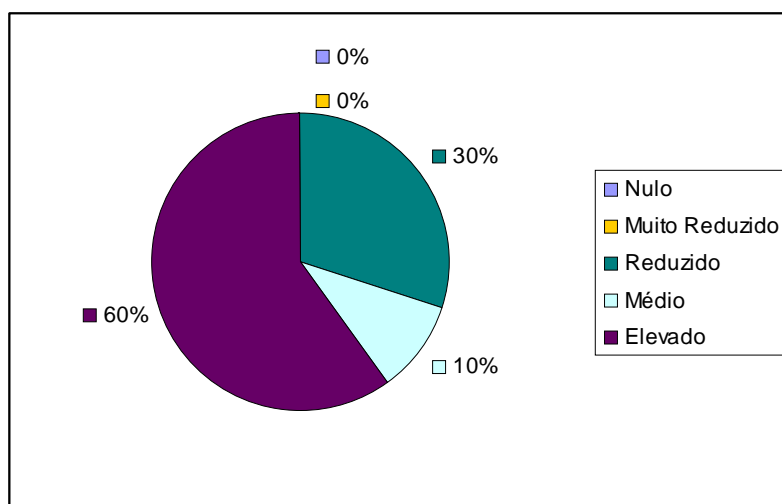


Figura 5.12 – Percepção de risco de invalidez associado às touradas à corda pelos capinhas.

Quando comparadas as percepções deste grupo em relação ao risco de morte das touradas à corda (ver figura 5.4), com o risco de invalidez (ver figura 5.12), constatou-se que os capinhas inquiridos apresentaram receios maiores em relação ao risco de invalidez. Tal facto parece resultar, da probabilidade de ocorrência deste evento e não do risco em si. Tal como referido anteriormente, no capítulo 2, há confusões entre gravidade do risco e probabilidade de ocorrência de um evento.

As respostas dos capinhas, parecem querer traduzir essas confusões referidas frequentemente na bibliografia.

Em relação ao público, metade dos inquiridos (50%) classificaram com “reduzido” esse risco (figura 5.13).

No nível “elevado” de risco posicionaram-se 8,3% das pessoas do público, e 16,7% no nível “médio”.

Nos níveis mais reduzidos de risco encontram-se, 20,8% do público inquirido no nível “muito reduzido” e apenas 4,2% assinalaram o nível “nulo” de risco para a invalidez resultante das touradas à corda.

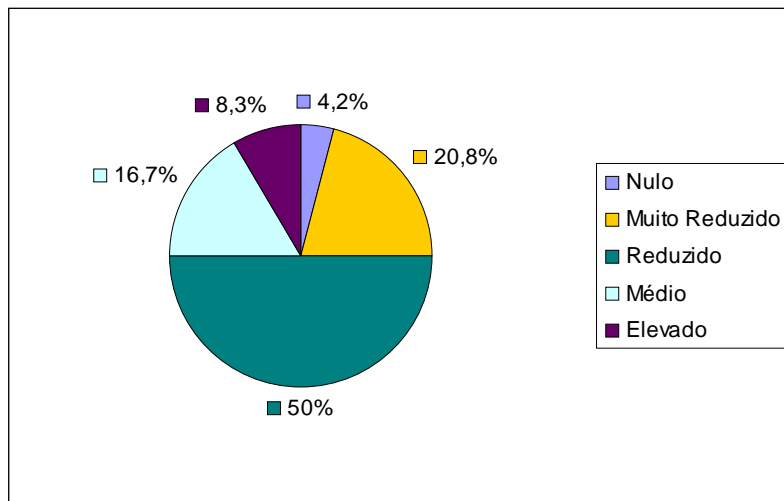


Figura 5.13 – Percepção de risco de invalidez associado às touradas à corda pelo público.

Ao comparar as percepções do público, relativamente ao risco de invalidez (ver figura 5.13) com as de risco de morte (ver figura 5.7), verificou-se que este grupo contrariamente aos capinhas, entende haver maior probabilidade de ocorrência de uma morte do que um caso de invalidez, nas touradas à corda.

Verificou-se na generalidade (figura 5.14), que os capinhas foram o grupo que optou por níveis mais elevados de risco, em relação à ocorrência de invalidez física nas touradas à corda, com 60% de opções no nível “elevado”. O público optou na sua maioria (50%) pelo risco “reduzido”.

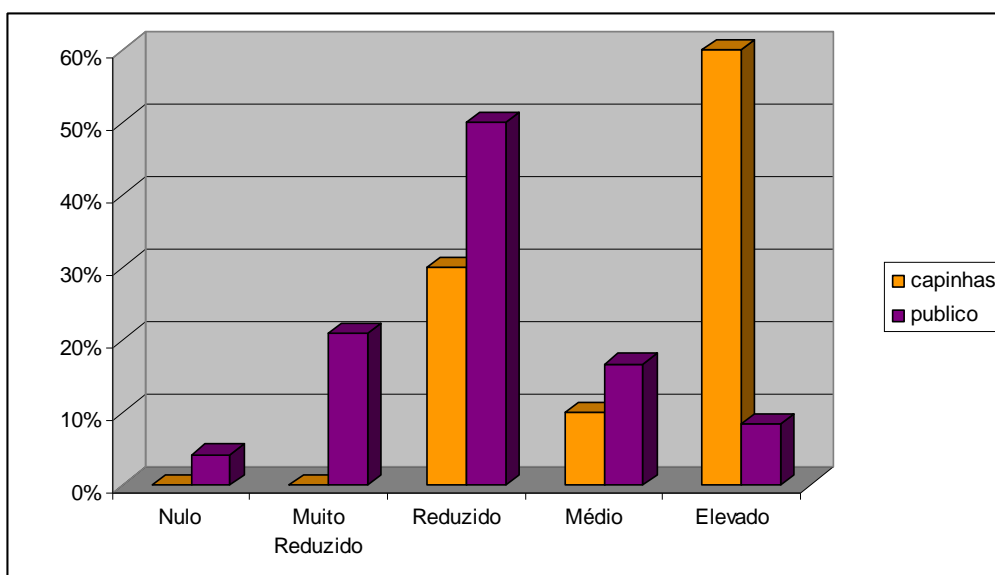


Figura 5.14 – Comparação das percepções de risco de invalidez entre o público e os capinhas.

À semelhança do que foi referido anteriormente para a ligação entre percepção de risco e exposição ao risco de morte, também aqui se verifica que parece haver uma ligação entre a percepção de risco e a exposição ao risco: quanto maior a exposição ao risco, maior a consciencialização de que o risco existe. Mais uma vez, não parece haver negação do risco pelos capinhas. O mesmo não se pode dizer do público.

5.10 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda

No questionário dirigido ao público, ainda havia uma terceira alínea (5.3) enunciada do seguinte modo: *“Como perceciona o risco de ferimentos ligeiros associado à atividade?”*, para a qual também foi realizada uma análise de fiabilidade, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.91, o que significa que a escala utilizada era fiável para o estudo da questão.

Neste grupo, 25% dos inquiridos posicionaram-se no nível “elevado” de risco, 50% no nível “médio” e 20,8% no nível “reduzido”, tal como se pode observar no gráfico da figura 5.15. O nível mais baixo de risco assinalado pelos inquiridos, foi o nível de risco “muito reduzido”, com 4,2% de escolhas.

O nível “nulo”, não foi assinalado nesta questão por nenhum inquirido do público.

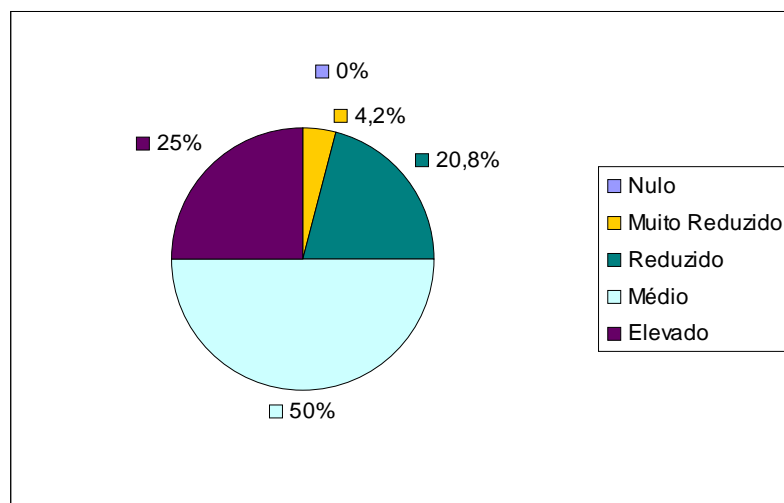


Figura 5.15 – Percepção de risco de ferimentos ligeiros associados às touradas à corda pelo público.

As percepções de risco do público mostraram ser, muito variáveis quando confrontados com as diferentes possibilidades de risco.

Também aqui parece haver alguma relação entre probabilidade e gravidade para a classificação do risco, querendo com isso afirmar-se, que sendo um risco provável então é um risco de grau elevado.

Dever-se-ia ter explorado melhor esta questão, mas só se deparou com ela aquando da análise de dados.

5.11 A negação e a atenuação do risco

Se comparando as perceções de risco do público, nas três possibilidades mencionadas, obtém-se o gráfico da seguinte figura (figura 5.16).

O risco de ferimentos ligeiros foi o que gerou níveis mais elevados por parte do público inquirido, com 25% de opções no nível “elevado” e 50% de opções no nível “médio” de risco. Apesar do nível “reduzido” ter sido o mais assinalado para classificar as perceções de risco de morte e invalidez (37,5% e 50% respetivamente) por parte do público inquirido, o risco de morte surgiu aqui com perceções de risco mais elevadas (16,7% de opções no nível “elevado” e 20,8% no nível “médio”) do que as relacionadas com o risco de invalidez (8,3% de respostas assinaladas no nível “elevado” e 16,7% de respostas no nível “médio” de risco).

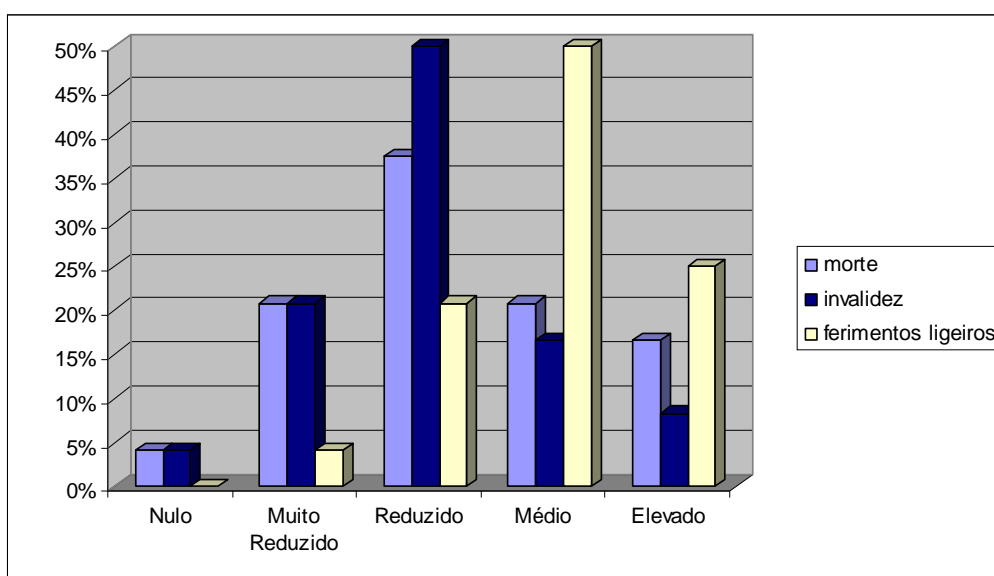


Figura 5.16 – Comparação das perceções de risco de morte, invalidez e ferimentos ligeiros do público.

Contrariamente aos capinhas, o público é o grupo que está menos exposto ao risco, e por sua vez, também é o que percecionou riscos menos elevados, tendo havido por parte destes uma negação de risco. Ao negarem na sua maioria o risco, este parece

ser um grupo que se enquadra em formatações atenuadoras de risco, que de acordo com o conceito de amplificação social do risco (Soares, 2006), têm comportamentos atenuadores, que colocam impedimentos ao curso de ações preventivas necessárias.

5.12 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função da naturalidade

Quando analisadas as percepções de risco de invalidez para “terceirenses” e “não terceirenses” verificou-se (figura 5.17), que a distribuição das respostas não variou muito, tendo os níveis “elevado”, “médio” e “reduzido” apresentado iguais percentagens de respostas, 4,2%, 8,3% e 25% respetivamente.

Verificaram-se diferenças apenas, nas respostas dadas nos níveis “muito reduzido” e “nulo”: onde 12,5% dos inquiridos “não terceirenses” e 8,3% dos inquiridos “terceirenses” assinalaram o nível “muito reduzido”, e apenas 4,2% de inquiridos “terceirenses” se posicionaram no nível “nulo”.

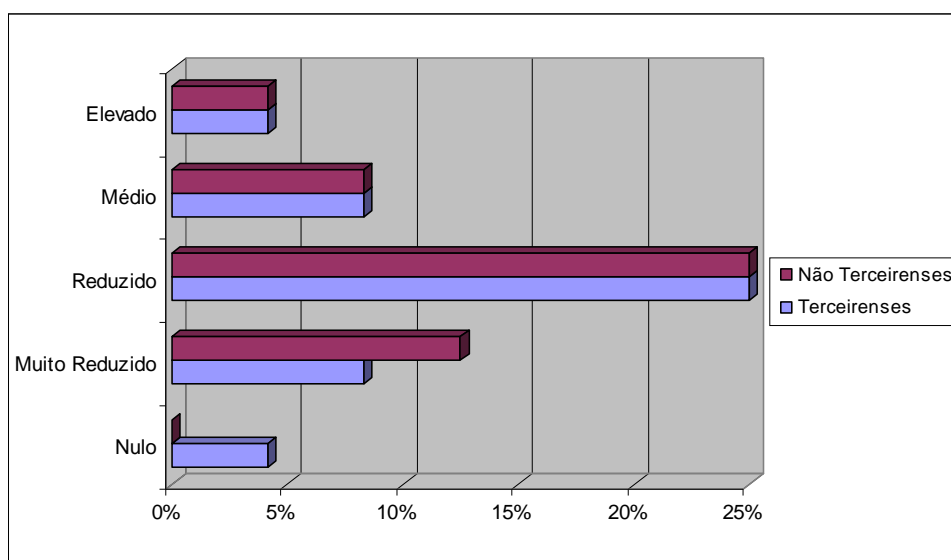


Figura 5.17 – Percepção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público terceirense e não terceirense.

Apesar das diferenças pouco significativas, relacionadas com o risco de invalidez das touradas à corda, os inquiridos “terceirenses” apresentaram-se um pouco menos preocupados com o assunto, do que os “não terceirenses”.

5.13 A percepção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função do género

Quanto à relação do género com a percepção de risco de invalidez, verificou-se (figura 5.18) que apenas as mulheres (8,3%) assinalaram o nível “elevado” de risco, tendo igual percentagem (8,3%), assinalado o nível “médio”. No entanto, 29,2% de respondentes do sexo “feminino” assinalaram o nível “reduzido”, e 8,3% o nível “muito reduzido” de risco.

O sexo “masculino” tende a optar por níveis menos elevados de risco: 8,3% mencionaram o nível “médio”, 20,8% o nível “reduzido”, 12,5% o nível “muito reduzido” e 4,2% o nível “nulo”.

Nenhum indivíduo do sexo “masculino” considerou o nível “elevado” como opção.

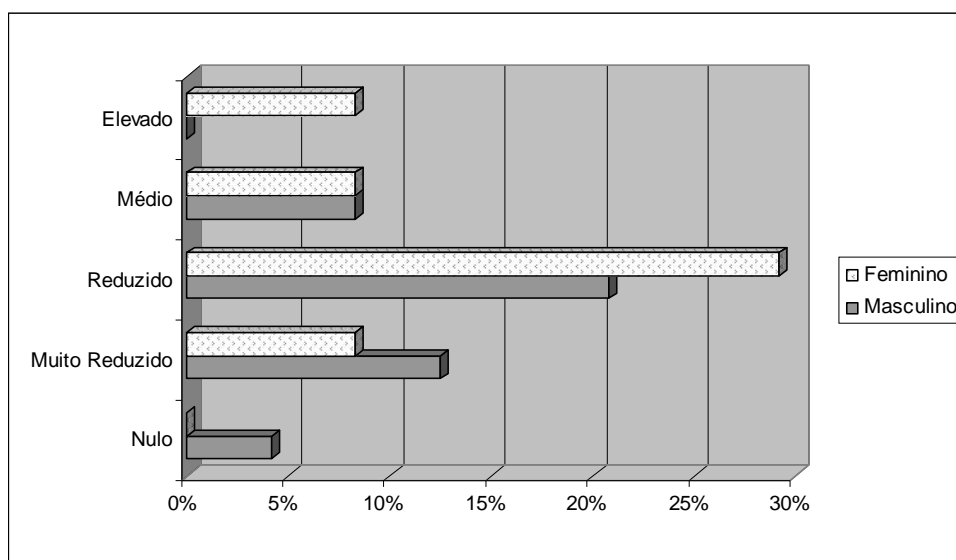


Figura 5.18 – Percepção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público, de acordo com o género.

Os inquiridos do sexo “feminino” mostraram-se mais preocupados, com o risco de invalidez associado às touradas à corda, do que o sexo “masculino”, diferença essa justificada pela teoria psicométrica.

5.14 A perceção de risco de invalidez nas touradas à corda, em função da idade

De acordo com o escalão etário dos respondentes do público, para o risco de invalidez, constatou-se que (figura 5.19), o nível “elevado” foi mencionado de igual modo por, 4,2% de inquiridos com idades entre os 23 e 41 anos e entre os 42 e 60 anos de idade.

O nível “médio” foi apenas mencionado, por 16,7% de respondentes do escalão etário mais jovem (23-41 anos).

O nível “reduzido” foi escolhido por 12,5% de inquiridos mais jovens (23-41 anos), 20,8% de inquiridos do escalão médio (42-60 anos) e 16,7% de inquiridos do escalão etário mais elevado (61-80 anos).

No nível “muito reduzido”, posicionaram-se 12,5% de indivíduos pertencentes ao menor escalão etário (23-41 anos), e 4,2% de inquiridos dos restantes dois escalões etários (42-60 anos e 61-80 anos).

Apenas o escalão etário médio (42-60 anos), mencionou o nível “nulo”, com 4,2% de opções.

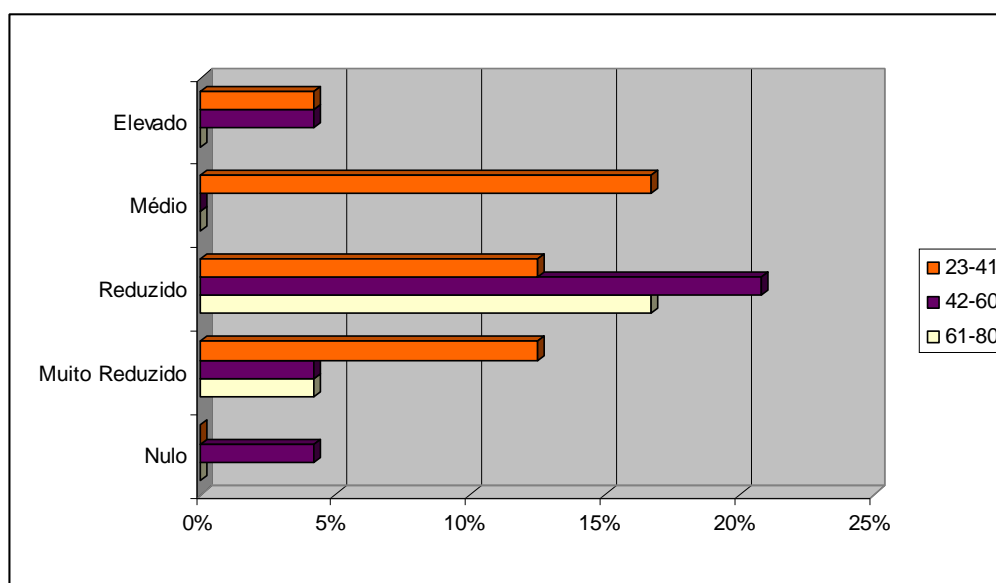


Figura 5.19 – Perceção de risco de invalidez associada às touradas à corda, do público, de acordo com o escalão etário.

O escalão etário mais jovem percecionou riscos de invalidez mais elevados do que os outros. O escalão sénior terá sido, o que percecionou riscos de invalidez menores.

Essa percepção de risco (invalidez) tem, um comportamento semelhante ao que ocorreu com o risco de morte associado à tourada à corda, onde os mais velhos desvalorizaram o risco face aos mais novos.

5.15 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função da naturalidade

Em relação ao risco de ferimentos ligeiros, inerentes às touradas à corda, tendo em conta o género dos respondentes, constatou-se (figura 5.20), que os “terceirenses” perceberam riscos mais elevados (16,7%) dos que os “não terceirenses” (8,3%).

O nível “médio” de risco foi escolhido, por 37,5% de inquiridos “não terceirenses” e 12,5% de inquiridos “terceirenses”.

No nível “reduzido” posicionaram-se, 4,2% de “não terceirenses” e 16,7% de “terceirenses”.

O nível “muito reduzido” foi apenas assinalado por 4,2% de “terceirenses”.

O nível “nulo” não foi assinalado por nenhum dos inquiridos.

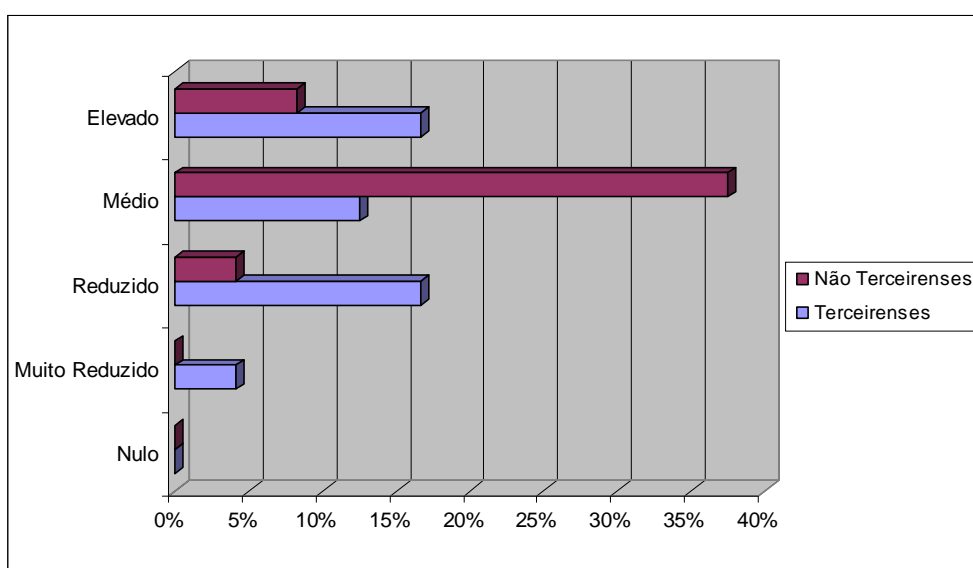


Figura 5.20 – Percepção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público terceirense e não terceirense.

Os “terceirenses” apresentaram percepções de risco de ferimentos ligeiros, sensivelmente mais baixos, do que os “não terceirenses”. Estes resultados podem ser explicados, pela teoria cultural do risco.

5.16 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função do género

Quanto à relação do género com o risco de ferimentos ligeiros inerente às touradas à corda, verificou-se (figura 5.21) que 16,7% das mulheres inquiridas mencionaram o nível “elevado” da escala, 25% o nível “médio” e 12,5% o nível “reduzido” de risco.

Os inquiridos do sexo “masculino”, posicionaram-se em todos os níveis de risco, com exceção do nível de risco “nulo”: 8,3% dos inquiridos mencionaram o nível “elevado”, 25% o nível “médio”, 8,3% o nível “reduzido” e 4,2% o nível “muito reduzido”.

O nível “nulo” não foi mencionado por nenhum dos inquiridos.

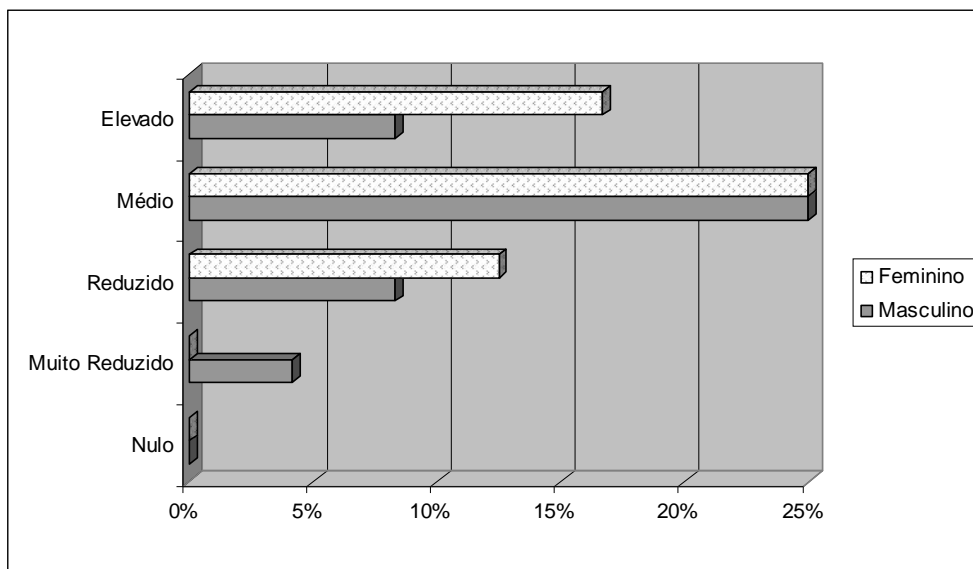


Figura 5.21 – Percepção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público, de acordo com o género.

Mais uma vez se verificou, que os respondentes do sexo “feminino” consideraram riscos mais elevados desta atividade, do que os inquiridos do sexo “masculino”.

5.17 A percepção de risco de ferimentos ligeiros nas touradas à corda, em função da idade

De acordo com o escalão etário dos respondentes do público, para o risco de ferimentos ligeiros, constatou-se que (figura 5.22), o nível “elevado” de risco foi

mencionado por, 8,3% de inquiridos com idades entre os 23 e 41 anos, 4,2% de inquiridos com idades entre os 42 e 60 anos e 4,2% de inquiridos com idades entre os 61 e os 80 anos.

O nível “médio” foi mencionado, por 16,7% de respondentes do escalão etário mais jovem (23-41 anos), por 4,2% de respondentes do escalão etário médio (42-60 anos) e por 12,5% de respondentes do escalão etário mais elevado (61-80 anos).

O nível “reduzido” foi mencionado por 16,7% de inquiridos mais jovens (23-41 anos) e 20,8% de inquiridos do escalão médio (42-60 anos). Os inquiridos do escalão mais elevado (61-80 anos), não assinalaram o nível “reduzido” de risco.

No nível “muito reduzido” posicionaram-se de igual modo, 4,2% de inquiridos dos três escalões etários (23-41 anos, 42-60 anos e 61-80 anos).

O nível “nulo” de risco, não foi assinalado por nenhum dos respondentes.

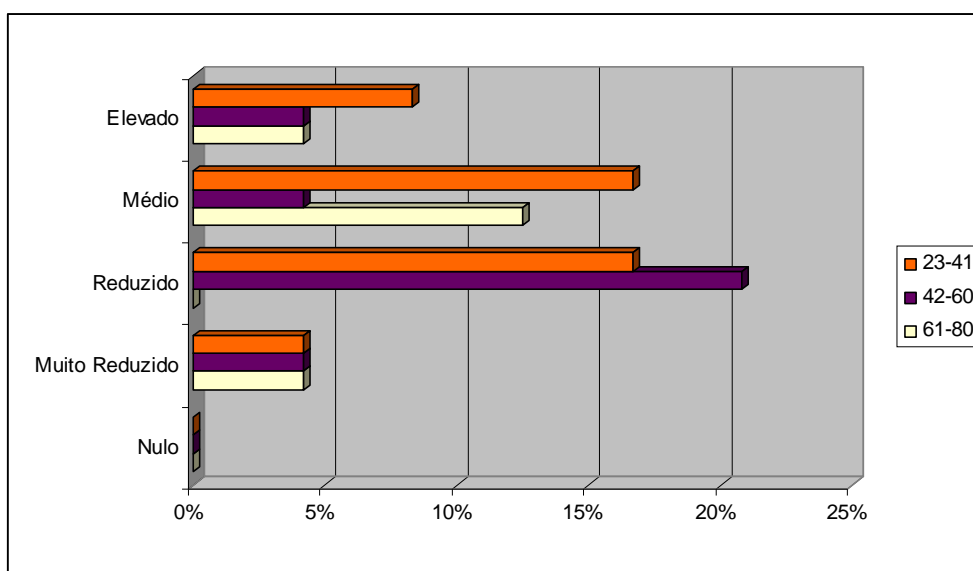


Figura 5.22 – Percepção de risco de ferimentos ligeiros associada às touradas à corda, do público, de acordo com o escalão etário.

Constatou-se que, os inquiridos pertencentes ao escalão etário mais jovem, apresentaram percepções de risco mais elevadas do que os outros inquiridos.

Mais uma vez se verifica, que à medida que a idade avança, a percepção de risco diminui.

Seria interessante perceber-se, quais dos três acontecimentos de risco derivados das touradas à corda mencionados, ocorrem com maior frequência na realidade, para perceber, se essa percepção é ou não influenciada pela experiência dos indivíduos.

5.18 A percepção de risco de morte, na lide do touro no seu habitat

Pedia-se na alínea 5.2, do inquérito aos pastores e ganaderos, enunciada da seguinte forma: “*Como percebe o risco de morte associado à lide do touro no pasto?*”, que se posicionassem numa escala de risco de Likert.

Foi realizada uma análise de fiabilidade à escala, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.96, o que significa que a escala utilizada era fiável para o estudo da questão.

As opiniões dos pastores nesta questão, apresentaram-se relativamente homogéneas, situando-se a maioria nos níveis “elevado”, “médio” e “reduzido” de risco, com 28,6% de escolhas (figura 5.23). Para os restantes 14,3% dos pastores, a percepção de risco de morte relativo a esta situação não pareceu ser muito significativa, recaindo as suas opções, no nível “muito reduzido”.

Nenhum inquirido deste grupo assinalou o nível “nulo”.

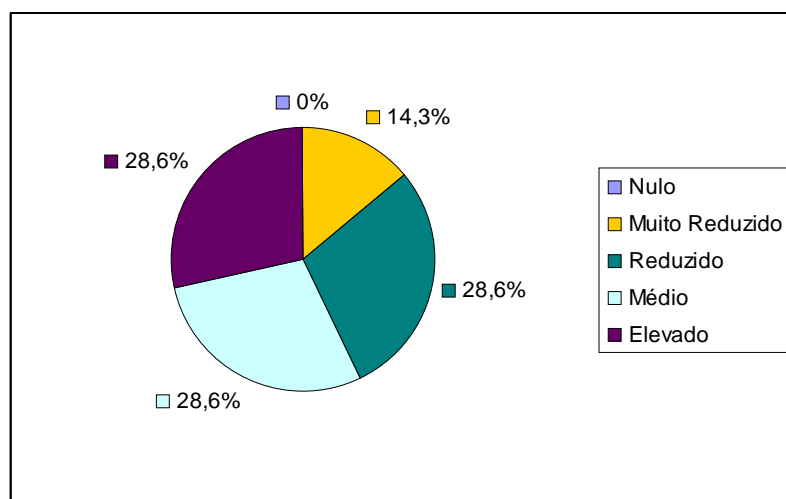


Figura 5.23 – Percepção de risco de morte associado à lide do touro no pasto pelos pastores.

Na generalidade, os pastores apresentam claramente uma percepção de risco de morte elevada, no que respeita à lide do touro no pasto.

Quanto aos ganaderos inquiridos (figura 5.24), a maioria (44,4%) afirmou que a lide do touro no pasto representa um risco de morte “muito reduzido”, tendo 11,1% considerado que é “reduzido” e 22,2% “nulo”. Nos níveis de risco “elevado” e “médio”, posicionaram-se 11,1% dos ganaderos, com idêntica percentagem.

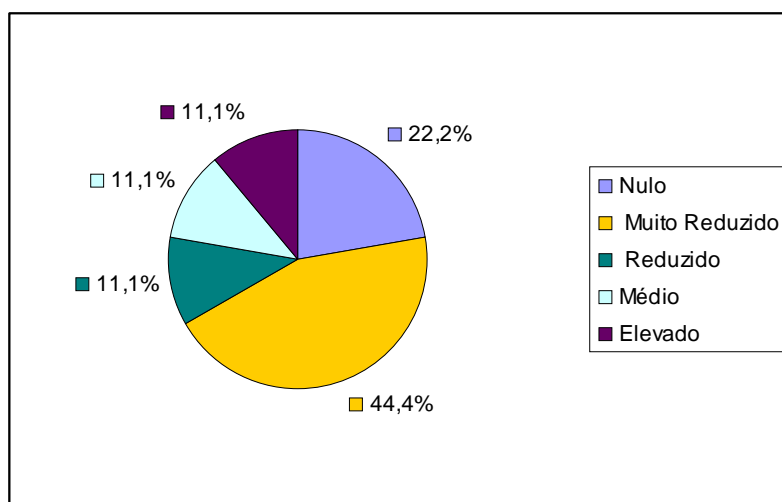


Figura 5.24 – Perceção de risco de morte associado à lide do touro no pasto pelos ganaderos.

Os ganaderos inquiridos, não atribuíram um risco de morte associado à lide do touro no pasto, tão elevado como os pastores, indiciando mais uma vez, haver diferentes perceções de risco consoante o grau de exposição ao risco.

No conjunto dos dois grupos (ganaderos e pastores) (figura 5.25), constatou-se que a perceção de risco dos pastores, que estão em contacto direto com o animal durante uma tourada à corda, foi na sua generalidade muito superior (em grau) à dos ganaderos.

Tudo indica que, os indivíduos expostos ao risco tendem a ampliá-lo e os não expostos a desvalorizá-lo.

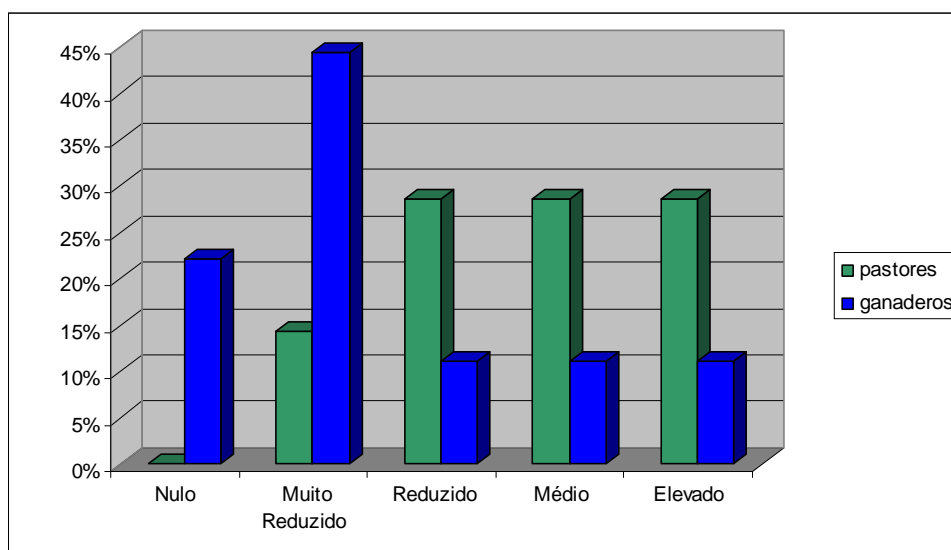


Figura 5.25 – Comparação das perceções de risco de morte associado à lide do touro no pasto dos pastores e ganaderos.

É curioso que os pastores e ganaderos, no que se refere ao risco associado às touradas à corda, tenham uma tendência de negação de risco, uns quando sujeitos ao risco assumem-no ou enfatizam-no. É o caso dos pastores que consideraram, maioritariamente, que o risco de morte associado à lide do touro no pasto é médio-elevado, enquanto que consideravam que o risco de morte na tourada à corda era, maioritariamente, reduzido.

5.19 Representações religiosas

A questão 6 do questionário continha, várias alíneas comuns a todos os grupos.

Na alínea 6.1, “*É religioso?*”, solicitava-se aos inquiridos que assinalassem a sua posição de acordo com o seu grau de concordância, numa escala de Likert com 5 níveis (em que 1 representava nada e 5 muito).

Para medir a consistência interna das variáveis e a sua validade, realizou-se uma análise de fiabilidade tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.95, o que significa que a escala utilizada era fiável para o estudo da questão.

No grupo dos capinhas (figura 5.26), metade (50%) dos inquiridos afirmaram ser “muito” religiosos (nível 5). 20% dos capinhas inquiridos optaram pelos níveis 4 e 3 respetivamente, e apenas 10% posicionaram-se no nível mínimo da escala (nível 1).

Nenhum capinha respondeu à questão utilizando o nível 2.

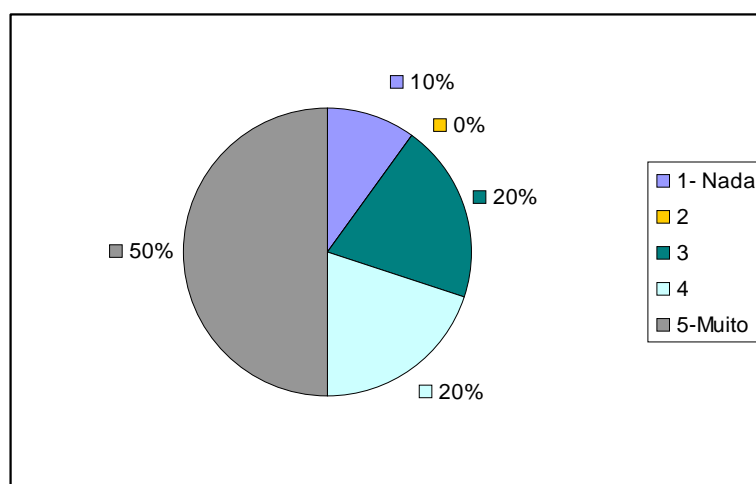


Figura 5.26 – Representações da religiosidade dos capinhas.

Em geral, pode afirmar-se que os capinhas mostraram ser um grupo muito religioso, visto que a maioria dos inquiridos assinalou os níveis mais elevados de religiosidade.

No caso dos pastores, tal como se mostra na figura 5.27, mais de metade (57,1%) dos inquiridos consideraram ter um nível médio de religiosidade (nível 3), tendo um número mais reduzido de pastores (14,3%) considerado ter um nível médio-alto (nível 4) e 28,6% afirmaram ser “muito” religiosos, assinalando o nível 5.

Nenhum dos inquiridos selecionou os níveis mais baixos (nível 1 e 2).

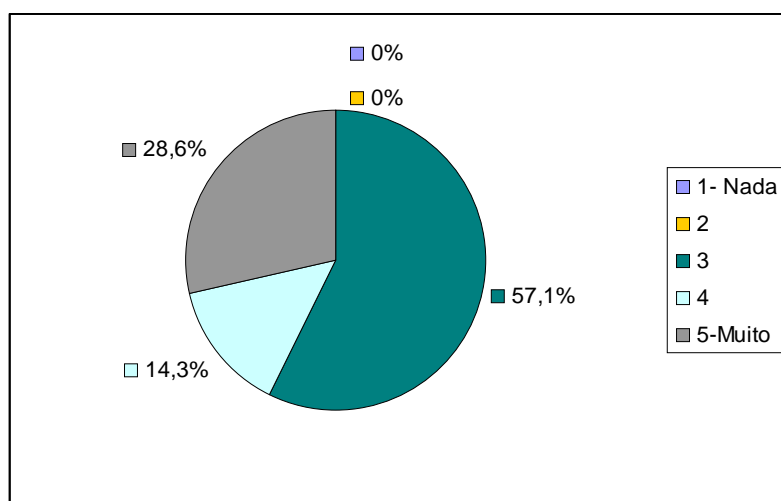


Figura 5.27 – Representações da religiosidade dos pastores.

A população inquirida deste grupo posicionou-se entre níveis elevados e médios de religiosidade.

Entre os ganaderos, as escolhas incidiram em níveis elevados e reduzidos de religiosidade, como se pode observar no gráfico da figura 5.28, onde 33,3% afirmaram ser “muito” religiosos (nível 5), 22,2% assinalaram o nível 4 e 33,3% o nível 3. Apenas 11,1% dos ganaderos inquiridos assinalaram o nível 2, referente a um nível reduzido de religiosidade.

Nenhum dos ganaderos inquiridos considerou o nível mínimo da escala (nível 1).

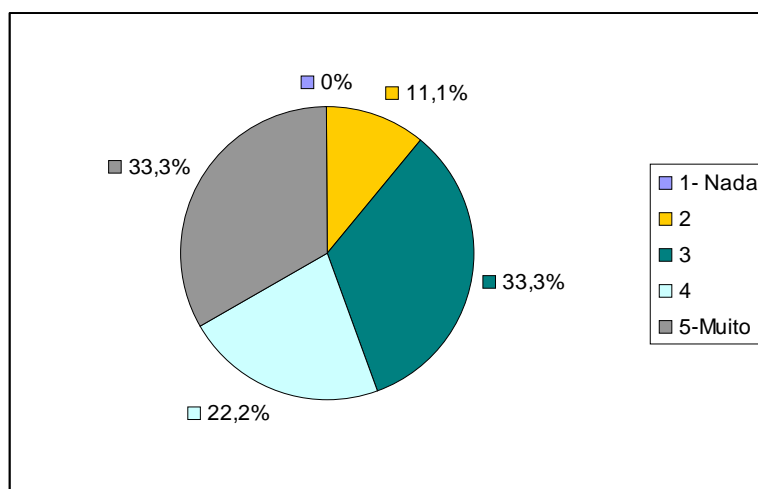


Figura 5.28 – Representações da religiosidade dos ganaderos.

Tal como os pastores, os ganaderos afirmaram ser religiosos, embora tenham assinalado níveis mais baixos quando comparados com os capinhas.

De acordo com os dados da figura seguinte (figura 5.29), verificou-se que a maioria (29,2%) das pessoas do público se posicionou no nível médio (nível 3), 20,8% no nível abaixo (nível 2) e 16,7% no nível mínimo da escala (nível 1).

Em posições mais elevadas, posicionaram-se 12,5% dos inquiridos (nível 5) e 20,8% dos inquiridos optaram pelo nível 4.

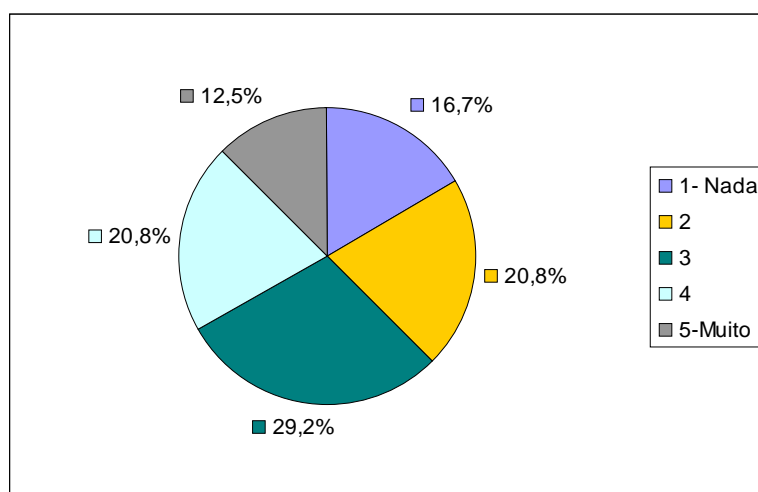


Figura 5.29 – Representações da religiosidade do público.

O público mostrou ter representações religiosas muito variadas.

5.20 Domínio do risco pelo sagrado

No total dos inquiridos, verifica-se de acordo com a figura 5.30. que o grupo dos capinhas, foi o que afirmou ser mais religioso, com 50% de opções no nível máximo da escala (nível 5), aparecendo de seguida os ganaderos, com 33,3% de opiniões expressadas no mesmo nível.

O grupo dos pastores, posicionou-se essencialmente no nível médio (nível 3) de religiosidade, com 57,1% de opiniões, sendo por isso o terceiro grupo mais religioso, e uma vez que apenas 28,6% dos pastores inquiridos se posicionaram no nível 5, o nível máximo da escala.

O público dividiu as suas opiniões por todos os níveis da escala, tendo a maioria (29,2%) optado pelo nível médio de religiosidade (nível 3), 16,7% pelo nível mínimo da escala (nível 1) e 12,5% pelo nível máximo (nível 5), sendo por isso, o grupo menos religioso de todos os grupos entrevistados.

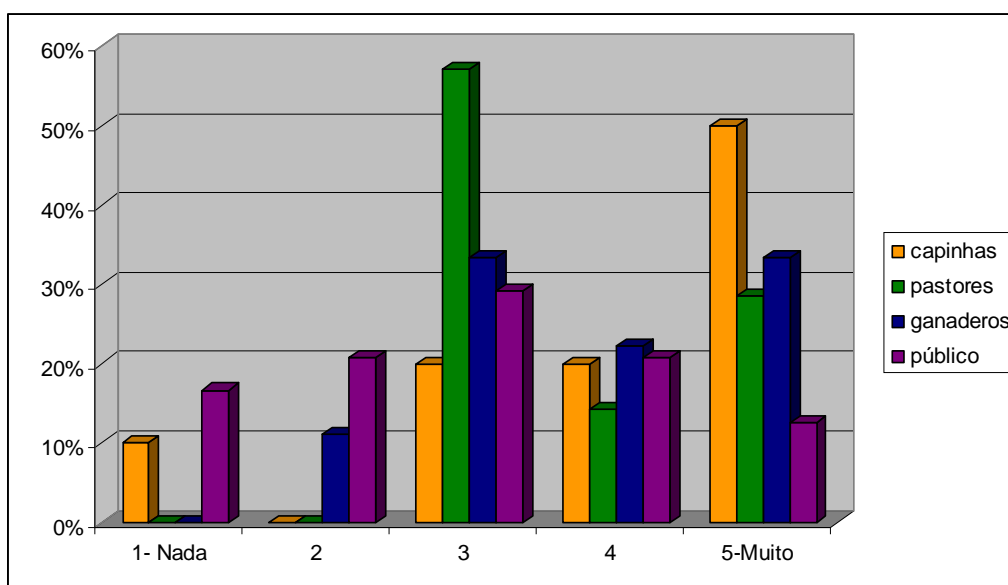


Figura 5.30 – Comparação entre as representações de religiosidade dos grupos inquiridos.

No total de inquiridos, não foram encontradas pessoas que não expressassem qualquer religiosidade, tendo as respostas na sua maioria, oscilado entre níveis médios e altos de religiosidade.

Chester *et al.* (2008), num artigo em que discutiram a importância da religião na percepção de risco vulcânico, referiram que na gestão e comunicação de risco se deve atender à religiosidade da população.

É fácil verificar, observando a figura anterior (figura 5.30), que a maioria dos capinhas se representou como sendo muito religioso, comparativamente ao público em

geral. Haveria que se perceber, se a religiosidade dos capinhas é entendida como uma “ferramenta” de domesticação divina do animal e de aceitação do risco, ou seja, se é pelo facto de serem religiosos o que os faz submeter-se voluntariamente a um risco mais elevado do que os outros intervenientes nas touradas.

Também parece interessante poder-se vir a estudar, se a “tradição” está ou não ligada, no caso dos ganaderos, às representações religiosas.

5.21 Posição dos indivíduos em relação a temas controversos como o aborto e a eutanásia

Nas alíneas 6.2 e 6.4 do inquérito, enunciadas da seguinte forma: *“É a favor do aborto?”* e *“Concorda com o direito de uma pessoa, que estando muito doente, possa pedir ao médico para lhe dar um comprimido para morrer?”*, pedia-se aos inquiridos que expressassem a sua opinião, positiva ou negativamente, quanto a questões que têm contornos éticos e religiosos como são o aborto e a eutanásia. Foi necessário nesta análise acrescentar-se um fator condicional, uma vez que muitas das respostas dos inquiridos não eram precisas (não conseguiam responder simplesmente sim ou não, devido a estarem perante temas que consideraram ser muito complexos).

Quando colocados perante estas questões, os diferentes grupos posicionaram-se de acordo com os dados da tabela 5.4:

Quanto à problemática do aborto, 70% dos capinhas inquiridos posicionaram-se contra e 30% a favor.

No grupo dos pastores, a maioria (71,4%) posicionou-se contra essa ação e apenas 14,3% se posicionaram a favor. Os restantes (14,3%) entrevistados deste grupo, responderam sim ou não ao que lhes era solicitado, mediante determinadas condições.

No grupo dos ganaderos, 44,4% afirmaram estar contra o aborto, 11,1% a favor e 44,4% responderam de modo condicional.

Por fim, o público, na sua maioria (50%) posicionou-se de forma condicional relativamente a essa tendência, 29,2% afirmaram não concordar com o aborto, e os restantes (20,8%) posicionaram-se positivamente.

Quanto à problemática da eutanásia, a maioria dos capinhas entrevistados (70%) afirmaram estar contra e 30% a favor.

Os pastores na sua maioria (57,1%) posicionaram-se contra a eutanásia, 28,6% a favor e 14,3% responderam de forma condicionada.

No grupo dos ganaderos, 33,3% dos inquiridos posicionaram-se nas três possibilidades de resposta (a favor, contra e condicional), em relação à eutanásia, de igual modo.

A maioria (58,3%) das pessoas inquiridas do público posicionaram-se a favor da eutanásia, 25% contra e 16,7% responderam condicionalmente.

	A favor		Contra		Condicional	
	aborto	eutanásia	aborto	eutanásia	aborto	eutanásia
Capinhas	30%	30%	70%	70%	–	–
Pastores	14,3%	28,6%	71,4%	57,1%	14,3%	14,3%
Ganaderos	11,1%	33,3%	44,4%	33,3%	44,4%	33,3%
Público	20,8%	58,3%	29,2%	25%	50%	16,7%

Tabela 5.4 – Posição dos quatro grupos de inquiridos quanto ao aborto e a eutanásia.

No geral, a maioria (46%) dos inquiridos posicionou-se contra o aborto, mas a favor da eutanásia (44%). De entre os que se posicionaram contra o aborto, verificou-se que na sua maioria eram inquiridos pertencentes ao grupo dos capinhas e pastores. De entre os que se posicionaram a favor da eutanásia, a maioria dos respondentes eram inquiridos pertencentes aos grupos do público e ganaderos.

As questões do aborto e da eutanásia são, assuntos controversos e apresentam-se muito complicados do ponto de vista da bioética e do biodireito.

Em Portugal, o aborto foi legalizado por referendo em 2007, onde 2.231.529 pessoas de 3.840.176, votaram a favor (CNE, 2007), mas a eutanásia é ilegal, sendo o código penal português muito rigoroso no que concerne a esta prática, aplicando severas penalizações (Decreto Lei n.º 48/95, de 15 de março, já atualizado 28 vezes).

Por um lado são assuntos que indicam a delimitação das fronteiras entre a vida e a morte, por outro constituem temas, que revelam tensões quanto à noção de pessoa e os seus direitos.

Em diversos países, os defensores da legalização do aborto e da eutanásia concordam com o facto de ambas as questões envolverem a discussão do estatuto da vida, da individual e dos direitos sobre a vida (Gomes & Menezes, 2008). Mas no que diz respeito às instituições religiosas, estas afirmam a santidade da vida humana como bem maior, logo condenam qualquer ação capaz de alterar o “curso natural” da vida e da morte. No entanto, face às possibilidades de intervenção médica, com recursos tecnológicos capazes de prolongar a vida, a condição “natural” passa a ser cada vez mais passível de discussão.

As tensões que envolvem as definições dos limites da vida e da morte apresentam-se, contínuas e inconclusivas.

As respostas obtidas neste estudo, parecem ser compatíveis com o grau de religiosidade que os diversos atores dizem ter, pois os grupos mais religiosos tendem a posicionar-se relativamente a essas questões, do mesmo modo que as instituições religiosas. Se se entender a negação do aborto e da eutanásia como uma “santificação” da vida humana, pretendeu-se perceber, se esse mesmo conceito é ou não atribuído ao animal.

5.22 Valorização da sociedade

Na alínea 6.3 do questionário, inquiria-se sobre: “*Quanto importante é para si a vida em sociedade?*”, solicitando-se aos inquiridos que assinalassem a sua posição de acordo com o seu grau de concordância numa escala de Likert com 5 níveis (em que 1 representava nada e 5 muito).

Também foi analisada a fiabilidade dos componentes da escala, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.85, o que significa que a escala utilizada era fiável.

No que respeitou aos capinhas (figura 5.31), mais de metade (80%) dos inquiridos consideraram que a vida em sociedade é “muito” importante.

No nível 4, correspondente a importante, posicionaram-se 10% dos capinhas.

Apenas 10% dos capinhas inquiridos concordaram, não ser “nada” importante a vida em sociedade.

Os níveis 2 e 3, não foram utilizados como resposta por nenhum dos inquiridos.

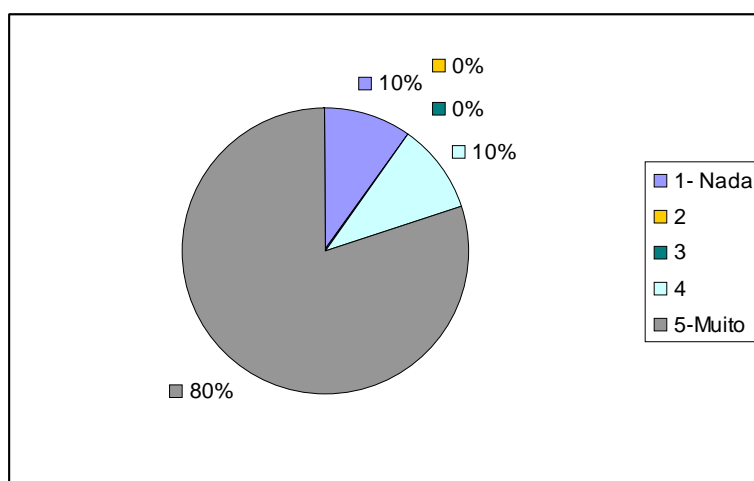


Figura 5.31 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos capinhas.

Houve um extremar de posições dos capinhas, entre considerar a vida em sociedade muito importante e nada importante.

Nesta questão, as opiniões dos pastores inquiridos recaíram apenas sobre o nível 5 e 3, tal como se pode observar no gráfico da figura 5.32.

A maioria (57,1%) dos inquiridos, concordaram que a vida em sociedade é “muito” importante, e 42,9% não entendeu que o assunto fosse de maior importância (nível 3).

Os níveis 1, 2 e 4 não foram assinalados por nenhum dos pastores inquiridos.

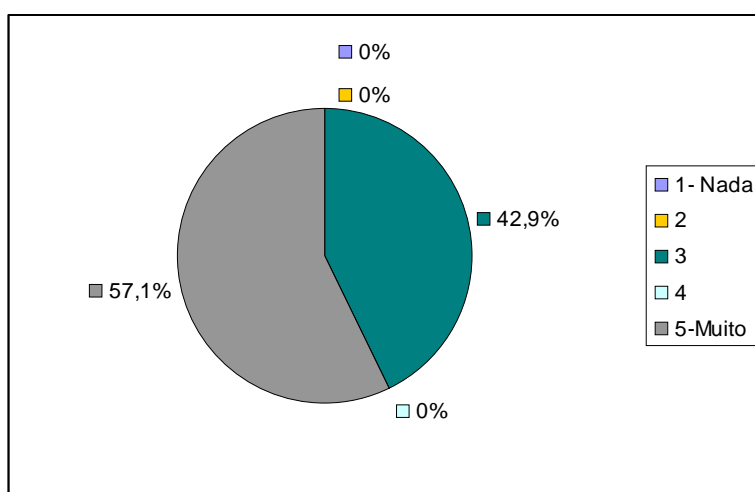


Figura 5.32 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos pastores.

Se comparados com os capinhas, verifica-se que os pastores, regra geral, atribuíram menor importância à sociedade.

A figura 5.33 traduz as opiniões dos ganaderos, verificando-se que 44,4% destes, consideraram a vida em sociedade “muito” importante (nível 5), enquanto que 33,3% posicionaram-se no nível 4 e 22,2% assinalaram o nível médio (nível 3).

Não se verificaram respostas nos níveis mais baixos (nível 1 e 2).

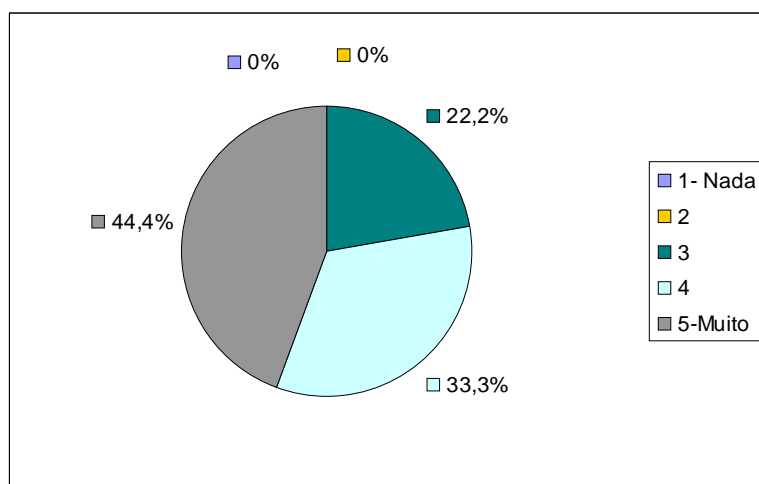


Figura 5.33 – Importância atribuída à vida em sociedade pelos ganaderos.

Constatou-se que para os ganaderos, a vida em sociedade não assume tanta importância, como para os capinhas e pastores.

Na figura 5.34, apresentam-se os resultados referentes às respostas do público, onde se verifica que a grande maioria (70,8%) considerou o nível máximo (nível 5) de importância para classificar a sua posição em relação à vida em sociedade.

Os restantes inquiridos deste grupo, posicionaram-se no nível 4 (20,8%) e no nível 3 (8,3%).

Nenhum inquirido deste grupo assinalou os níveis 1 e 2.

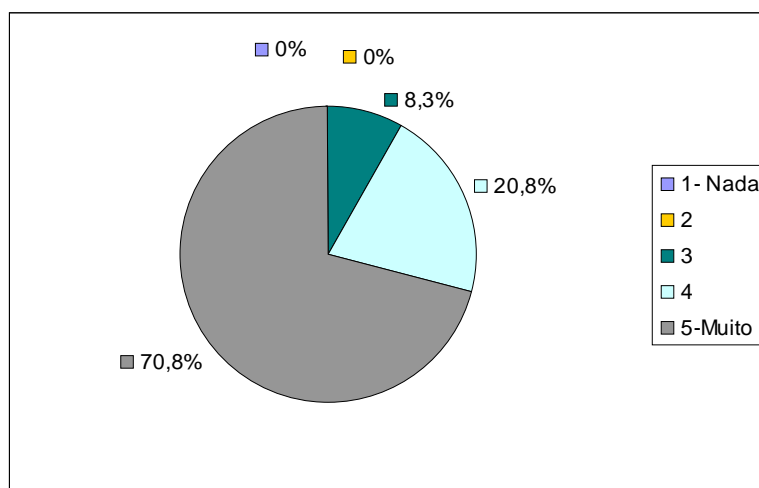


Figura 5.34 – Importância atribuída à vida em sociedade pelo público.

O público foi o grupo, que a seguir aos capinhas, valorizou mais a vida em sociedade.

Na figura seguinte (figura 5.35), observa-se a distribuição das respostas dadas por todos os inquiridos, no que se refere à importância que atribuem à vida em sociedade.

O nível mais utilizado pelos inquiridos para classificar a vida em sociedade, foi o nível máximo da escala (nível 5), com 66% de opções, destacando-se o grupo dos capinhas, que visivelmente foi o grupo que mais valorizou esta questão.

Podem dizer-se que, os níveis mais elevados (níveis 3, 4 e 5) foram os mais assinalados por todos os grupos.

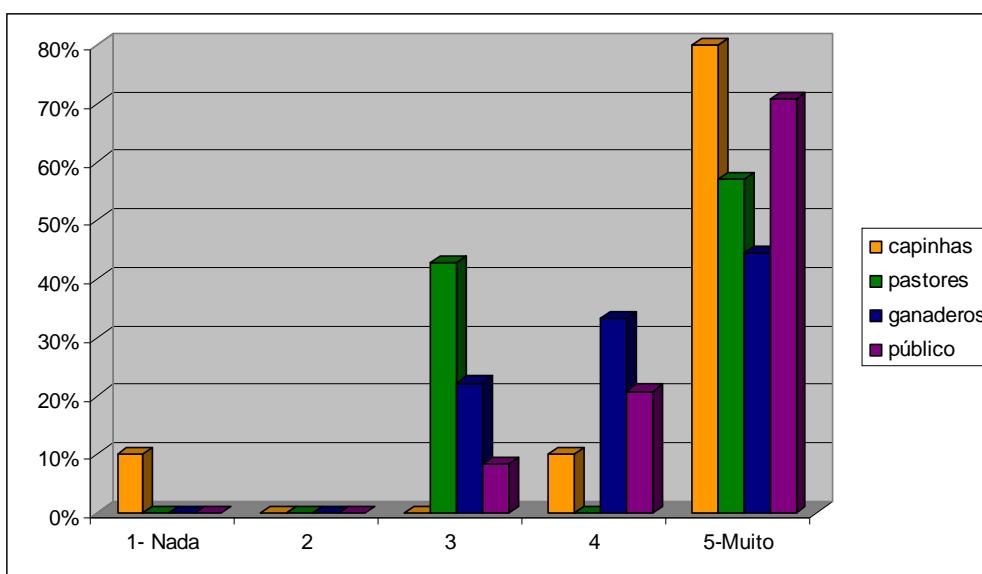


Figura 5.35 – Comparação da importância atribuída à vida em sociedade pelos grupos inquiridos.

No conjunto dos diversos grupos estudados, foram os capinhas aqueles que mais importância atribuíram à vida em sociedade, podendo hipotetizar-se que, essa importância, possa servir de motor à sua atividade de risco, no sentido, de se sentirem mais valorizados pela sociedade, a quem dão muito valor.

Essa hipotética ambição pela visibilidade social poderá ter enquadramento, na teoria cultural de risco.

5.23 Valorização do ambiente

Relativamente à questão (6.5), “Qual a importância que atribui ao ambiente?”, solicitava-se aos inquiridos que assinalassem a sua posição de acordo com o seu grau de concordância numa escala de Likert com 5 níveis (em que 1 representava nada e 5 muito).

Foi analisada a fiabilidade das componentes da escala, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.83, o que significa que a escala utilizada era fiável.

Nos dados sintetizados na figura 5.36, pode verificar-se que os capinhas inquiridos optaram, maioritariamente por níveis elevados de importância: 70% dos capinhas afirmaram ser este um assunto “muito” importante, 20% e 10%, respetivamente, posicionaram-se nos níveis médio-alto (nível 4) e médio (nível 3).

Nenhum dos capinhas utilizou níveis baixos (níveis 1 e 2) de importância para expressar a sua opinião.

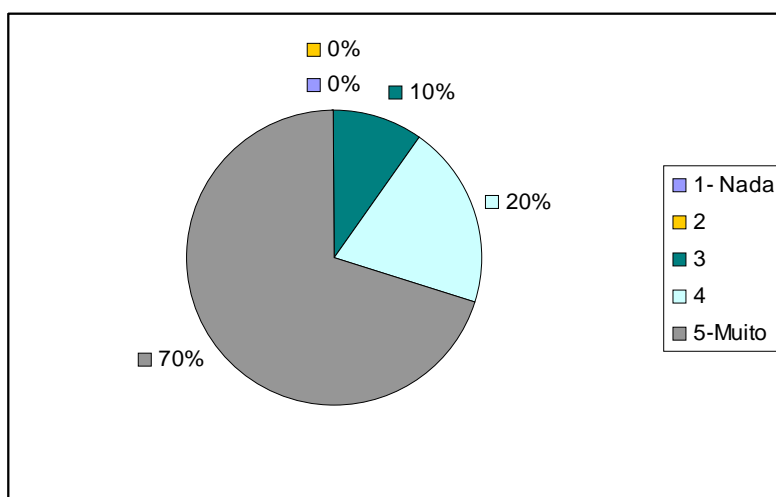


Figura 5.36 – Importância atribuída ao ambiente pelos capinhas.

O ambiente parece assim, ser uma temática importante para o grupo dos capinhas.

Para os pastores (figura 5.37), esta questão pareceu ser, em geral, uma questão apenas importante. As opiniões destes dividiram-se pelos seguintes níveis de importância: 57,1% assinalaram a questão como sendo “muito” importante (nível 5) e 42,9% posicionaram-se no nível 4.

Os níveis 1, 2 e 3 não foram assinalados pelos pastores inquiridos.

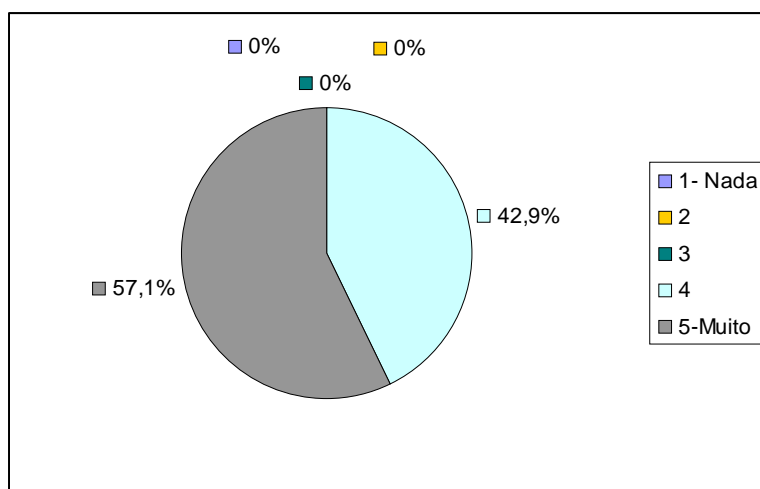


Figura 5.37 – Importância atribuída ao ambiente pelos pastores.

Tal como o grupo dos capinhas, os pastores não utilizaram níveis baixos para classificar a importância, que atribuem ao ambiente, apesar disso, apresentaram-se menos interessados no assunto do que os capinhas.

Entre os ganaderos inquiridos (figura 5.38), verificou-se que 44,4% concordaram com a atribuição, de um nível elevado de importância, ao ambiente. Os níveis 3 e 4 foram assinalados, por 22,2% de inquiridos, do mesmo modo. Os restantes 11,1% assinalaram o nível 2 de importância.

O nível mínimo de importância (nível 1), não expressou nenhuma opinião.

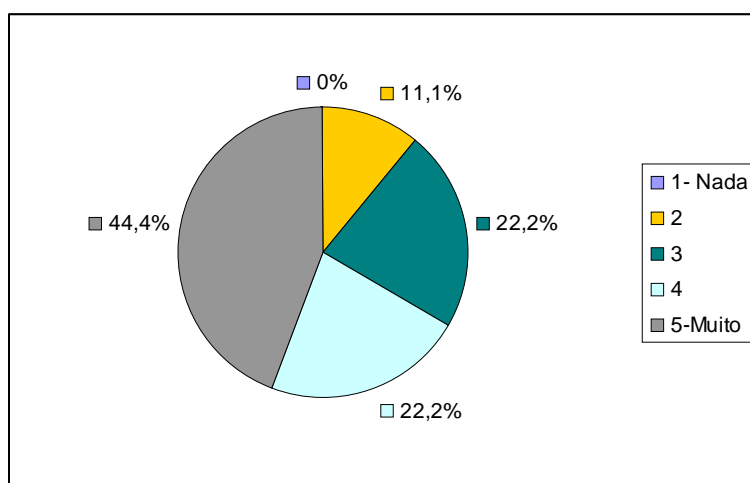


Figura 5.38 – Importância atribuída ao ambiente pelos ganaderos.

Os ganaderos consideraram o ambiente, um assunto menos importante do que os dois grupos anteriores.

No caso do público inquirido, o ambiente foi considerado por 79,2% de respondentes como sendo “muito” importante (nível 5), e por 20,8% como sendo importante (nível 4), tal como se pode observar na figura 5.39.

Os níveis 1, 2 e 3 não foram assinalados por nenhum membro deste grupo.

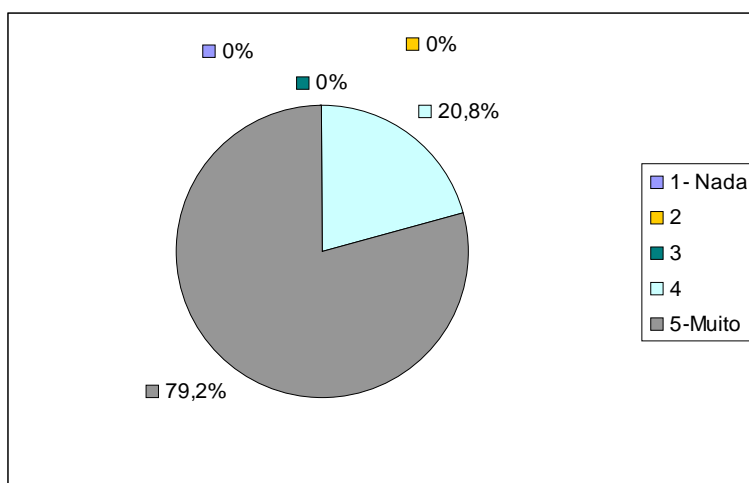


Figura 5.39 – Importância atribuída ao ambiente pelo o público.

O público foi o grupo que mais importância atribuiu ao ambiente.

Na figura 5.40, sobrepõem-se as respostas obtidas nos diferentes grupos.

Os níveis mais elevados da escala (níveis 4 e 5) foram os mais assinalados, com um total de respostas de 24% no nível 4 e 68% de respostas no nível 5.

Apenas alguns dos capinhas e ganaderos inquiridos não valorizaram (assinalaram os níveis 2 e 3) tanto o ambiente, como o público e os pastores.

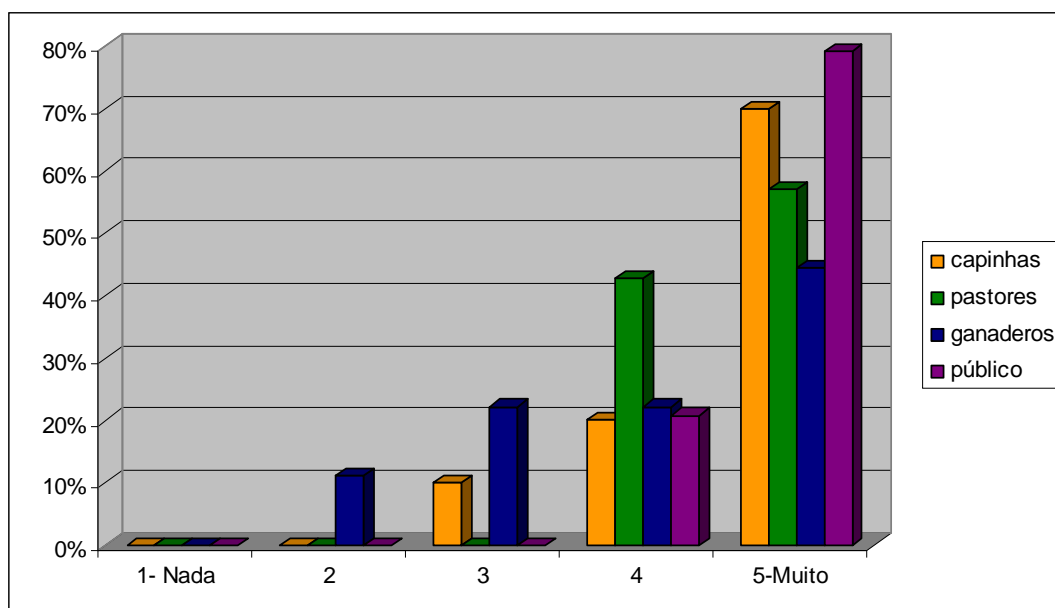


Figura 5.40 – Comparação da importância atribuída ao ambiente pelos grupos inquiridos.

Pela primeira vez neste estudo, o público valorizou mais um assunto, do que os restantes grupos em análise.

5.24 Valorização da tourada à corda

Na questão 6.6 do questionário, enunciada da seguinte forma: *“Qual a importância das touradas à corda para si?”*, solicitava-se aos inquiridos que assinalassem a sua posição de acordo com o seu grau de concordância numa escala de Likert com 5 níveis (em que 1 representava nada e 5 muito).

A análise de fiabilidade dos componentes da escala originou um coeficiente alfa de Cronbach de 0.92, o que significa que a escala utilizada era fiável para o estudo em questão.

Neste ponto, todos os capinhas inquiridos (100%) afirmaram que, as touradas à corda tinham “muita” importância (nível 5) para si.

Os dados da figura 5.41, sintetizam as posições dos pastores onde: 71,4% dos inquiridos atribuíram importância máxima ao assunto (nível 5), 14,3% indicaram o nível 4 e 14,3% o nível 2.

Não foram assinalados outros níveis para além dos já mencionados.

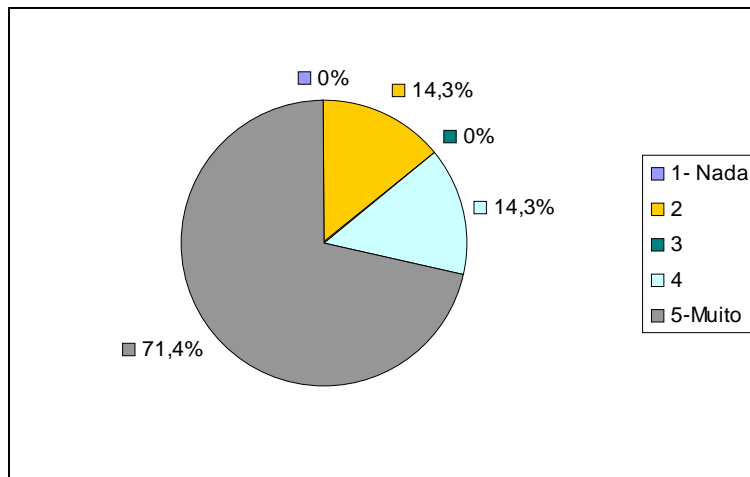


Figura 5.41 – Importância atribuída às touradas à corda pelos pastores.

Os pastores inquiridos mostraram ser menos drásticos neste assunto, quando comparados com os capinhas.

Na figura 5.42, resumem-se os resultados dessa questão, para o grupo dos ganaderos. Estes também lhe atribuíram valores elevados de importância. A maior parte dos ganaderos inquiridos (77,8%), assinalaram o nível 5, representando o máximo da escala, e 22,2% assinalaram o nível 4.

Nenhum outro nível foi assinalado pelos ganaderos para expressar as suas opiniões.

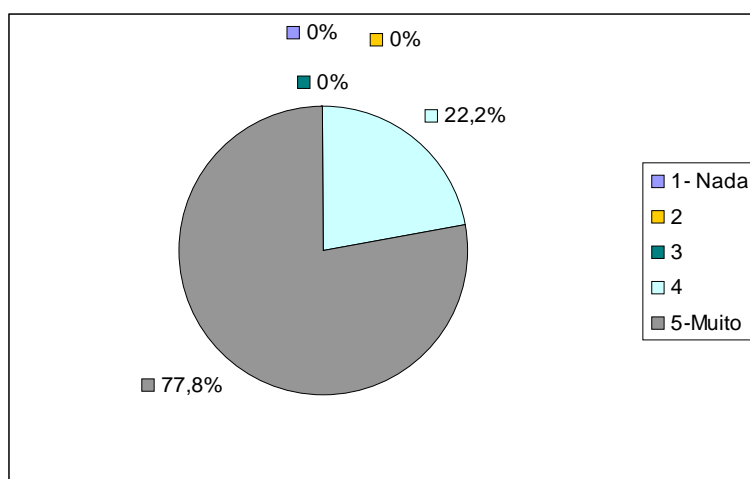


Figura 5.42 – Importância atribuída às touradas à corda pelos ganaderos.

Neste estudo, verificou-se que os ganaderos atribuíram maior importância às touradas à corda do que os pastores, e menos importância do que os capinhas.

Na figura 5.43, tem-se a distribuição das respostas dadas pelo público, relativamente às touradas à corda. Constatou-se, que apenas 12,5% do público inquirido considerou, que as touradas à corda são “muito” importantes (nível 5) e 8,3% importantes (nível 4). A maioria (37,5%) dos inquiridos assinalou o nível médio (nível 3) de importância. 16,7% das pessoas do público, assinalaram o nível 2 e por fim, 25% dos inquiridos assinalaram o nível mínimo (nível 1) de importância em relação ao assunto.

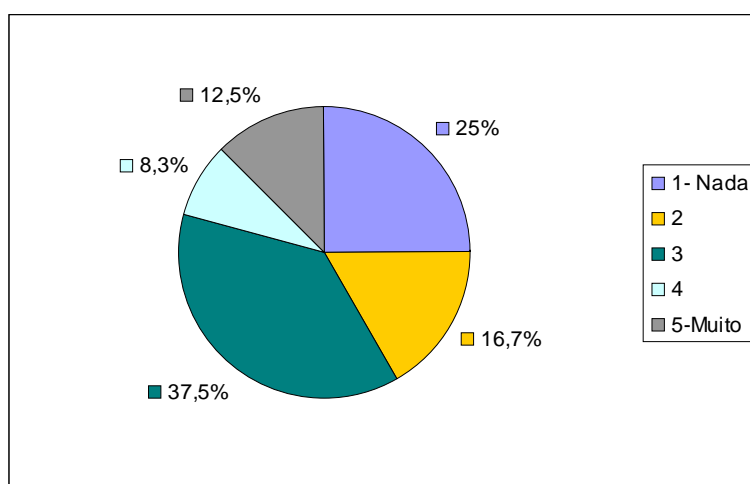


Figura 5.43 – Importância atribuída às touradas à corda pelo público.

Este grupo apresentou um conjunto de respostas muito heterogéneas, tal como se previa, quando comparadas com as respostas dos outros grupos, visto que os inquiridos neste caso, não foram direcionados para pessoas com algum tipo de interesse específico pela “festa brava”, mas sim apenas conhecedores ou esporadicamente participantes dessa tradição. Há que distinguir aqui, o grupo dos aficionados (capinhas, pastores e ganaderos) dos não aficionados (público).

No conjunto dos quatro grupos de inquiridos, obteve-se a distribuição da figura 5.44. Verifica-se que o nível mais assinalado pelos inquiridos foi, o nível máximo (nível 5) com 50% de opções. O público foi o grupo que menos se mostrou interessado no tema das touradas à corda, assinalando na maior parte das vezes, níveis mais baixos de importância.

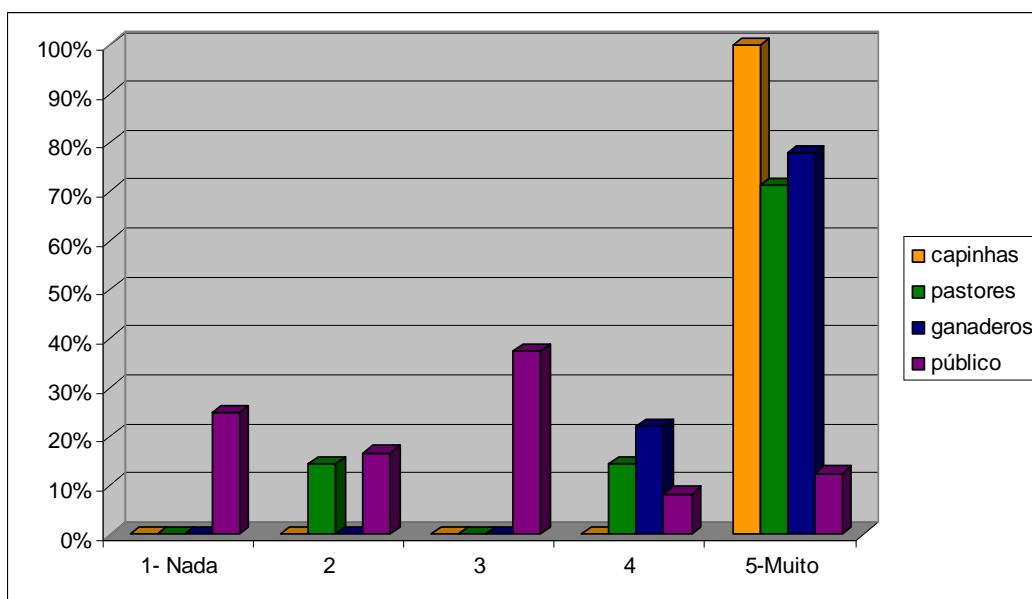


Figura 5.44 – Comparação da importância atribuída às touradas à corda pelos grupos inquiridos.

À semelhança da hipotética relação, exposição de risco – percepção de risco, também aqui se verificou, que aqueles que valorizaram as touradas à corda são aqueles, a que maior exposição de risco se submetem.

5.25 Valorização da profissão

Na questão 6.7 do questionário, onde se perguntava “*Qual a importância da sua profissão?*”, solicitava-se que assinalassem a sua posição de acordo com o seu grau de concordância numa escala de Likert com 5 níveis (em que 1 representava nada e 5 muito).

Realizou-se uma análise de fiabilidade tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.74, o que significa que a escala utilizada parece fiável para o estudo em causa.

Em relação ao grupo dos capinhas, na sua totalidade (100%), os inquiridos concordaram que a sua profissão é “muito” importante, assinalando o nível 5.

Mais uma vez se verificou a atenção deste grupo para com temas de ordem social, como a questão do emprego ou profissão. Refira-se que a profissão aqui referida, não é a de capinha, mas sim a atividade profissional que estes indivíduos desempenham.

No grupo dos pastores, as suas opiniões repartiram-se entre o nível 5 (71,4%) e o nível 4 (28,6%), ambos níveis de elevada importância (figura 5.45).

Não foi assinalado nenhum outro nível, para além dos anteriormente mencionados.

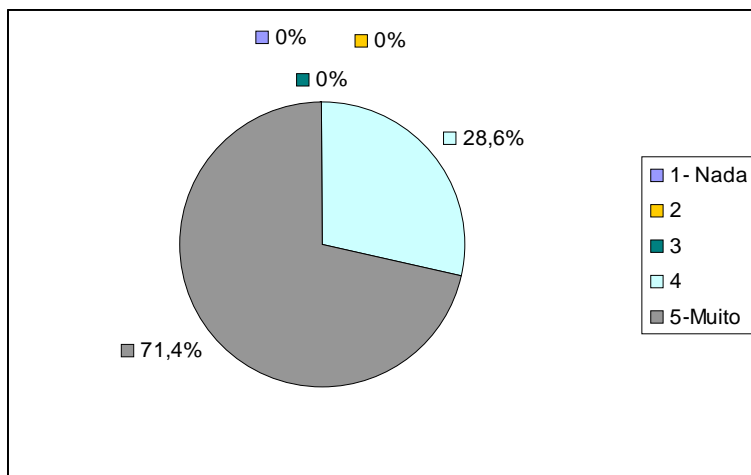


Figura 5.45 – Importância atribuída à profissão pelos pastores.

Este foi um grupo mais ponderado do que o grupo dos capinhas, relativamente à valorização da profissão.

Quanto aos ganaderos, 88,9% dos inquiridos assinalaram o nível máximo de importância da escala (nível 5) e 11,1% assinalaram o nível médio-alto de importância (nível 4), como se pode observar na figura 5.46.

Não foram assinalados os níveis 1, 2 e 3 de importância.

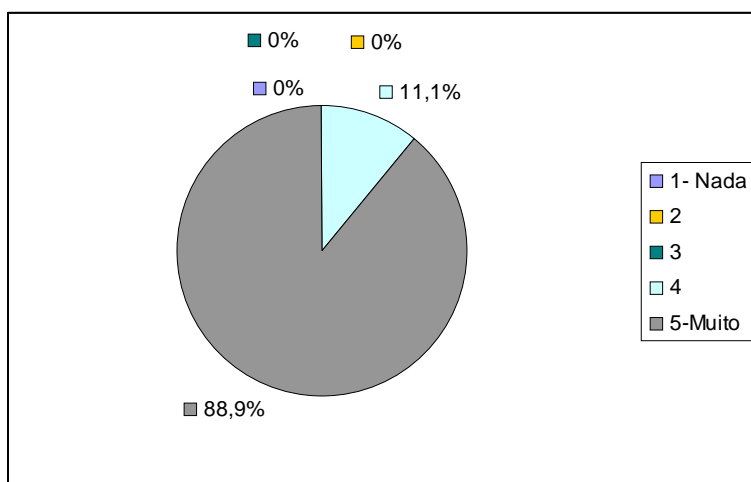


Figura 5.46 – Importância atribuída à profissão pelos ganaderos.

A seguir aos capinhas, os ganaderos inquiridos foram o grupo que mais importância atribuiu à profissão.

Na figura 5.47, resumem-se as posições do público: 66,7% dos inquiridos consideraram que a profissão é um assunto “muito” importante (nível 5), 25% assinalaram o nível médio-alto (nível 4) e os restantes inquiridos (8,3%) consideraram que a profissão é um assunto de média importância (nível 3).

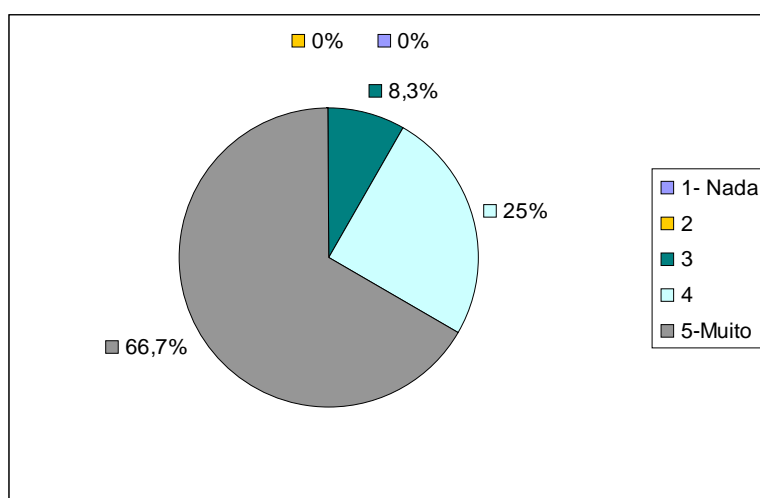


Figura 5.47 – Importância atribuída à profissão pelo público.

O público foi o grupo que menor importância atribuiu à profissão, contudo, os níveis mais baixos da escala (níveis 1 e 2), não foram utilizados pelos inquiridos deste grupo.

Na figura 5.48, apresenta-se a distribuição de todas as respostas, onde se verificou que nenhum dos grupos inquiridos selecionou os níveis 1 e 2, ou seja, os níveis que atribuíam menor importância ao assunto. Pelo contrário, a maioria (78%) assinalou o nível máximo da escala (nível 5), destacando-se aí os capinhas e os ganaderos.

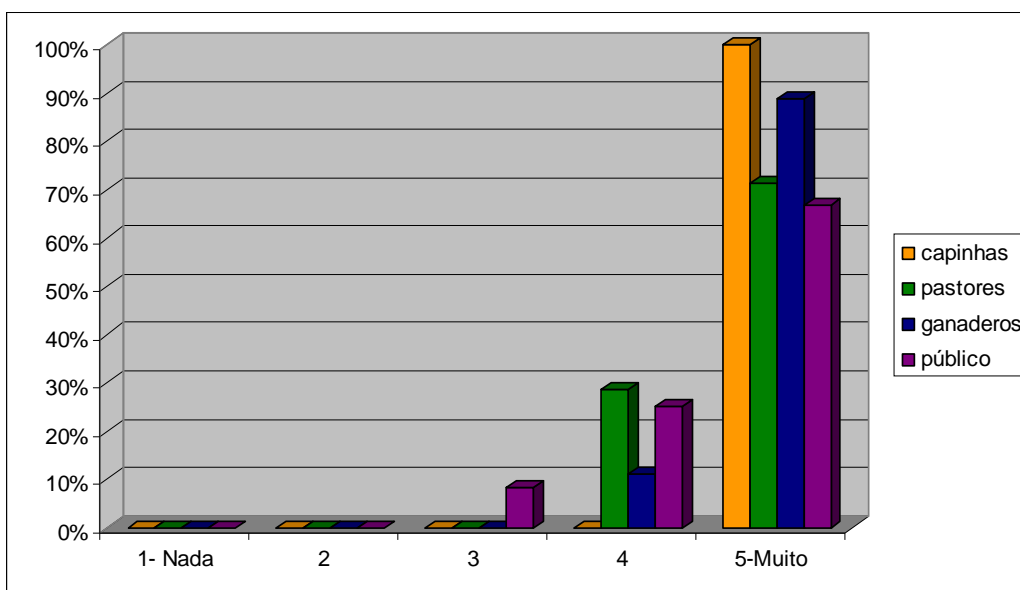


Figura 5.48 – Comparação da importância atribuída à profissão pelos grupos inquiridos.

A profissão pareceu ser um assunto, em que houve grande concordância entre todos os respondentes.

5.26 O afeto pelos animais

As questões correspondentes às alíneas 6.8 e 6.9 do questionário foram, analisadas em conjunto, para todos os grupos.

Na alínea 6.8, pedia-se aos inquiridos que escolhessem cinco de entre sete animais dados, *a) cão, b) gato, c) vaca, d) touro, e) cavalo, f) elefante e g) pássaro*, numerando os animais escolhidos de um a cinco por ordem de preferência, onde 1 seria o que mais gostava e 5 o que menos gostava. Os inquiridos, tinham ainda a possibilidade de não assinalar nenhuma das opções, ou apresentar *outro* animal à sua escolha.

Na alínea 6.9, solicitava-se aos inquiridos que assinalassem o ou os animais que erradicariam mais facilmente, de entre as seguintes opções: *a) barata, b) formiga, c) caracol, d) rato, e) coelho, f) cão*, podendo os inquiridos não assinalar nenhum ou apresentar *outro* à sua escolha, pretendendo-se com isso, verificar se havia alguma repulsa por algum animal.

Na análise hierárquica de clusters, cujo agrupamento foi feito por variáveis, utilizando como método de agrupamento, o método de Ward, e em que o afastamento era medido pela distância Euclidiana, foi nítida a associação cão/cavalo,

cão/cavalo/vaca e cão/cavalo/vaca/touro como se pode ver no dendrograma da figura seguinte (figura 5.49).

Verificou-se que havia um grupo pouco representativo, que correspondeu a 6% de todos os inquiridos, que não era característico e que na sua perspetiva erradicariam o cão, o coelho ou então não erradicariam nenhum animal.

Poder-se-ia hipotetizar que, 6% dos inquiridos tinham uma consciência ambiental elevada, ou no caso da erradicação de cães e coelhos, ter tido uma experiência negativa com esses animais.

No que respeita aos animais que afirmaram gostar mais, foi sem dúvida o cão, o cavalo, o gato, a vaca, o touro e o pássaro, com 96%, 96%, 82%, 76%, 64% e 54% respetivamente, os que preferiam.

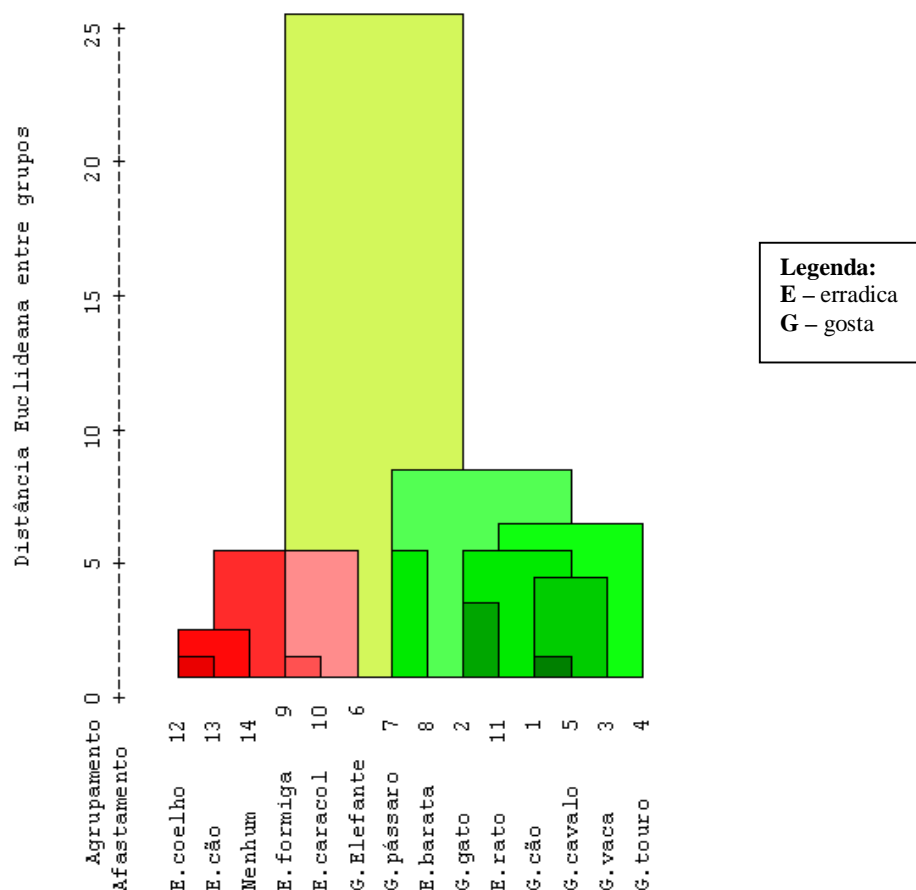


Figura 5.49 – Dendrograma da análise de clusters, referente aos agrupamentos das perceções dos inquiridos neste estudo, relativamente aos animais.

A análise de clusters por indivíduos, forneceu um conjunto muito grande de agrupamentos, cuja interpretação era difícil e como tal poderia ser especulativa, referindo-se apenas que, houve dois grupos pouco representativos da amostra que se encontravam muito afastados um do outro, foi o grupo constituído por pessoas do público que afirmaram gostar de cães, gatos, cavalos e pássaros, e que erradicariam as baratas e os ratos, e o grupo constituído por capinhas que afirmaram gostar de cães, gatos, vacas, touros e cavalos e que erradicariam as baratas e os ratos.

O que distinguiu os dois grupos, foi o facto de haver uns (capinhas) que disseram gostar do maior número de animais do que os outros (público).

Em média, os capinhas, pastores e ganaderos referiram uma maior variedade de animais de que gostavam, do que o público em geral. Também em média, os capinhas e pastores erradicariam menos animais do que os ganaderos e o público em geral.

Uma comparação de médias do total de animais, que os capinhas, pastores e ganaderos gostavam, revelou ser significativamente diferente, a um nível de confiança de 95%, do total de animais médio que o público em geral disse gostar. Sendo a média dos primeiros (capinhas, pastores e ganaderos), superior à do público.

Também é significativamente diferente, a 95% de confiança, que os capinhas, pastores e ganaderos erradicariam em média menos animais que o público.

Não pareceu que a proteção dos animais fosse mais defendida pelo público em geral, do que por aqueles que estão envolvidos na “festa brava”.

Haveria que estudar-se mais pormenorizadamente esta hipótese, dando a entender que os melhores defensores dos animais seriam aqueles que os “usam” (animais).

Admitindo ser significativa e representativa esta análise, parece que os envolvidos na “festa brava” gostam mais de animais, do que o público em geral, e caso tivessem que erradicar algum, tinham maiores dificuldades em fazê-lo do que o público.

Parece haver, por parte dos envolvidos na “festa brava”, maior respeito pelos animais do que o público em geral.

5.27 Valores ético-morais e sociais

Na questão 6.10 do questionário, enunciada do seguinte modo: “ *Classifique a importância que atribui à: a) dignidade da pessoa humana, b) dignidade dos animais, c) direitos humanos, d) bem-estar animal, e) participação social, f) educação, g) propriedade e h) nacionalidade*”, pedia-se aos inquiridos que se posicionassem numa escala de Likert com cinco níveis de importância, onde o nível mínimo (nível 1) qualificava a questão como “nada” importante, e o nível máximo (nível 5) qualificava a questão como “muito” importante, de modo a expressarem o seu interesse em relação às oito temáticas expostas.

Para medir a consistência interna das variáveis e a sua validade, realizou-se uma análise de fiabilidade tendo-se obtido, coeficientes alfa de Cronbach de 0.66 para *a*), 0.81 para *b*), 0.54 para *c*), 0.84 para *d*), 0.87 para *e*), 0.58 para *f*), 0.91 para *g*) e 0.92 para *h*), o que para as alíneas *b*, *d*, *e*, *g* e *h*, significa que a escala utilizada era fiável para o seu estudo. Para as alíneas *a*, *c* e *f*, a escala utilizada para o seu estudo só pode ser considerada razoável.

De acordo com o gráfico da figura 5.50, que organiza os dados obtidos, verifica-se em geral, que todos os conceitos apresentados foram, considerados pelos capinhas inquiridos de muita importância.

Os conceitos de educação e propriedade foram, os mais valorizados pelos capinhas inquiridos, com 90% das opções no nível 5 (nível qualificativo de muita importância). Apenas 10% dos capinhas, consideraram que a propriedade era um assunto de pouca importância (nível 2). Na educação, nenhum dos inquiridos se posicionou em níveis de pouca importância (níveis 1, 2 ou 3). De seguida, com 80% de opções no nível de máxima importância (nível 5), apresentaram-se a dignidade dos animais e os direitos humanos, respetivamente. Nesta última questão, somente 10% dos capinhas, consideraram preocupar-se pouco (nível 2) com os direitos humanos. Não houve opção nenhuma em níveis de baixa preocupação (níveis 1, 2 ou 3) no que diz respeito à dignidade dos animais.

A dignidade da pessoa humana, o bem-estar animal e a participação social, contaram com, 70% de opções dos capinhas, no nível de muita importância (nível 5).

A nacionalidade foi o assunto que menos importância obteve por parte dos entrevistados, com apenas 50% de opções no nível máximo da escala (nível 5).

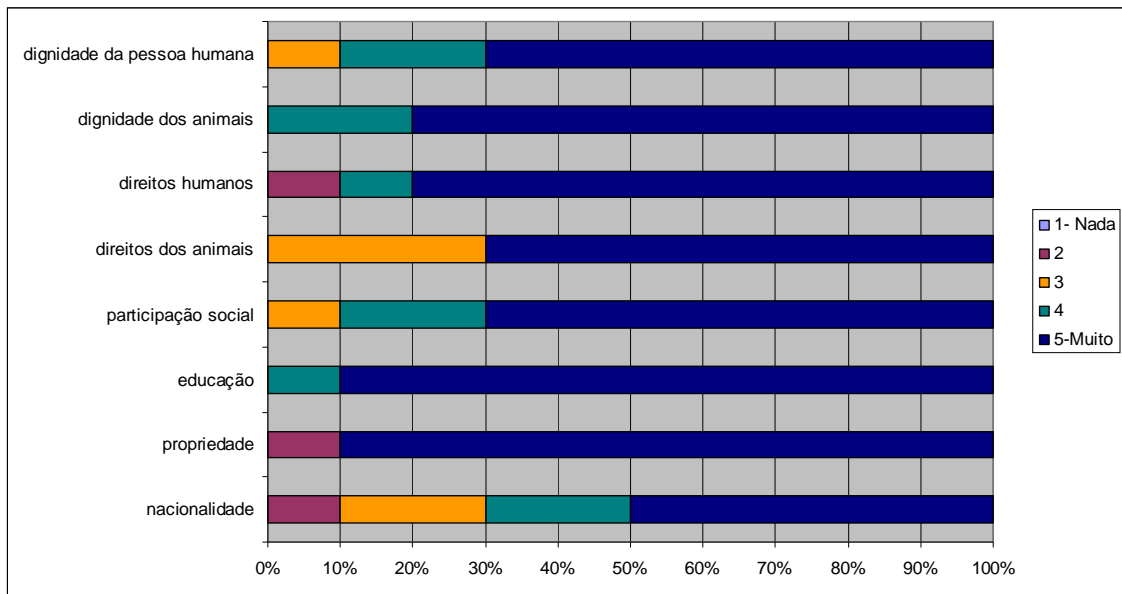


Figura 5.50 – Importância atribuída pelos capinhas a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.

A educação e a propriedade foram os assuntos considerados de maior importância para os capinhas. A nacionalidade foi o tema considerado menos importante para este grupo.

Contrariamente ao expectável, os capinhas inquiridos parecem ter muito respeito pela dignidade dos animais, em sentido contrário ao verificado por Lima & Schmidt (1996), relativamente a questões ambientais, onde o conhecimento, a preocupação e a sensibilidade dos portugueses se relacionam mais com a degradação ambiental, a degradação do seu corpo, nomeadamente doenças, colocando em último lugar a “proteção dos animais”.

As respostas dos capinhas, curiosamente foram coincidentes com aquelas verificadas em Santa Maria no Brasil, em 2008, no trabalho de Cavalheiro, sobre a consciência ambiental dos alunos de uma escola Básica, onde verificou que uma grande percentagem de alunos entendia que a dignidade dos animais devia ser uma temática a ser explorada na Educação Ambiental, ou seja, no próprio contexto educativo valorizou-se muito a dignidade dos animais. Por outro lado, no presente estudo verificou-se que as habilitações dos capinhas entrevistados, não ultrapassaram o ensino básico, podendo de algum modo haver uma relação, entre as perspetivas ambientais vigentes nos indivíduos com baixa escolaridade e a importância que atribuíram à educação.

O interesse pelas questões ambientais e problemáticas dos animais tem colhido cada vez mais interesse, tanto pela sociedade em geral, como pelas organizações ambientalistas.

Na figura 5.51, condensam-se as opiniões dos pastores. Os direitos humanos e a educação foram os assuntos considerados de maior importância, com 85,7% de opiniões no nível máximo da escala (nível 5). Nos direitos humanos os restantes inquiridos (14,3%) assinalaram o nível médio de importância (nível 3). Na educação, os restantes 14,3% de inquiridos assinalaram o nível 4, correspondente a um nível médio-alto.

Segue-se nessa ordenação, a dignidade da pessoa humana e a propriedade, com 71,4% de opções no nível máximo de importância (nível 5). Nas restantes opções, os restantes inquiridos (28,6%) optaram pelo nível 4, que atribui à temática, uma importância relativamente alta.

A dignidade dos animais surge, com 57,1% de opções no nível de muita importância (nível 5) e 42,9% de opções no nível logo abaixo da escala valorativa (nível 4).

As restantes alíneas, relacionadas com os direitos ou bem-estar dos animais, participação social e nacionalidade surgem com 42,9% de respostas, assinaladas no nível de muita importância (nível 5), por parte dos inquiridos.

Verificou-se, que dos três assuntos mencionados, a nacionalidade arrecadou mais opções no nível 4 (57,1%), sendo das três questões a mais importante, seguindo-se a participação social com 42,9% de preferências no mesmo nível e por fim os direitos dos animais, em última posição com 28,6% de opções no nível 4. O nível assinalado pelos restantes inquiridos nestas três últimas temáticas foi, o nível médio de importância (nível 3), assumindo um valor mais elevado (28,6%), na temática dos direitos dos animais.

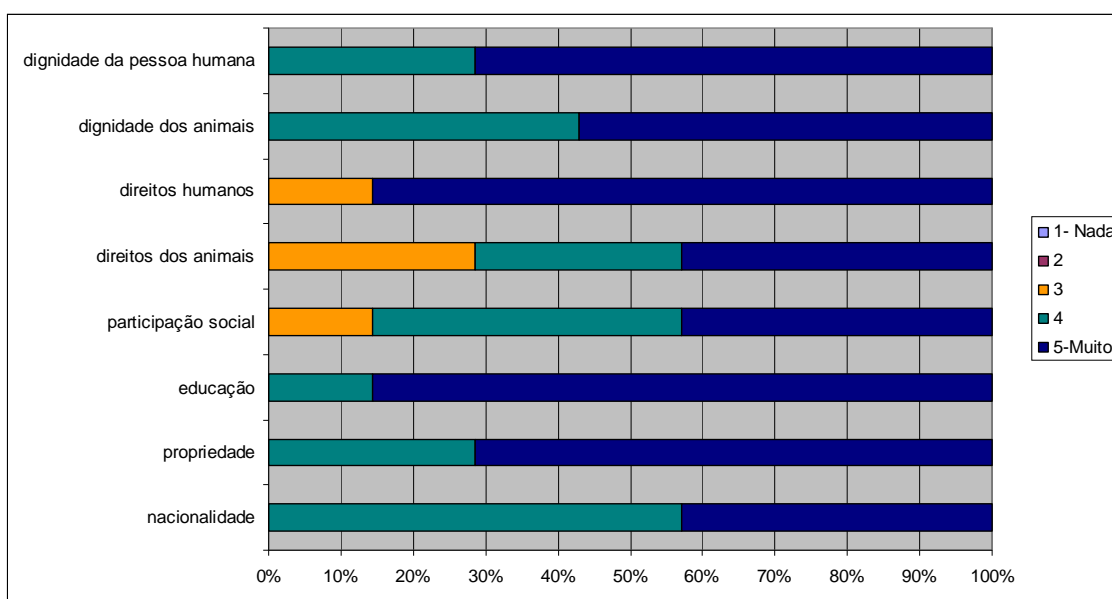


Figura 5.51 – Importância atribuída pelos pastores a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.

Os direitos humanos e a educação foram as temáticas mais importantes para os pastores inquiridos. Os direitos ou bem-estar dos animais, a participação social e a nacionalidade foram os assuntos menos valorizados por este grupo.

Em relação aos ganaderos entrevistados, constatou-se (figura 5.52), que os assuntos mais significantes para este grupo são, os direitos humanos e a educação, assinalados pela totalidade dos inquiridos (100%) com o nível 5.

A dignidade da pessoa humana, apareceu com 88,9% de opções no nível de muita importância (nível 5), seguidamente, ainda do ponto de vista do maior grau de importância (nível 5), surgiram assuntos como a dignidade e os direitos ou bem-estar dos animais, participação social e propriedade, todos com 55,6% de respostas no nível considerado. A nacionalidade foi a que recolheu, o menor número de opções (44,4%) no nível de máxima importância (nível 5), por parte dos entrevistados. Consequentemente, do ponto de vista dos níveis mais baixos, tem-se a propriedade e a nacionalidade, assinaladas por 11,1% dos inquiridos, no nível representativo da ausência de importância (nível 1), que pela primeira vez é assinalado, pois não tinha sido até aqui utilizado, por nenhum dos outros grupos.

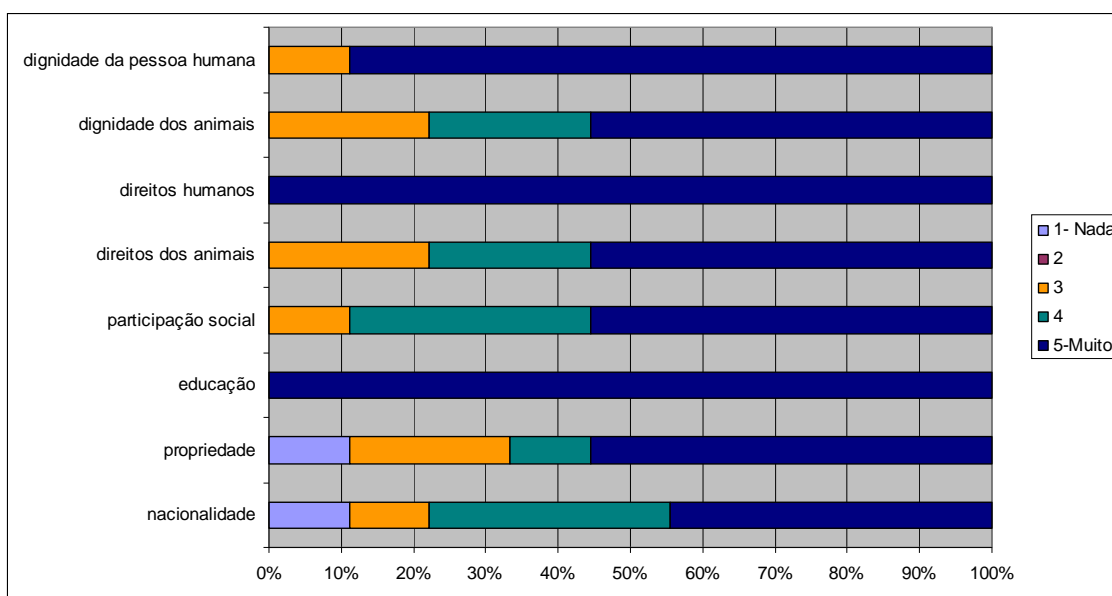


Figura 5.52 – Importância atribuída pelos ganaderos a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.

Tal como os pastores, os direitos humanos e a educação foram os assuntos mais importantes para os ganaderos. A nacionalidade foi a temática com menos interesse para este grupo.

Para o grupo das pessoas do público (figura 5.53), os assuntos de maior importância são a dignidade da pessoa humana e os direitos humanos com 91,7%, de posições, no nível mais elevado da escala (nível 5). Com 83,3% de opções do público no nível 5, qualificativo de muita importância, encontra-se a educação, estando de seguida o bem-estar ou direito dos animais, classificado como um assunto muito importante (nível 5), por 75% dos inquiridos. A questão da dignidade dos animais recolheu, também valores elevados de importância, com 70,8% de opções dos entrevistados no nível 5. A questão da participação social, contou com mais de metade (58,3%) das opções no nível 5.

As alíneas que recolheram, menor número de opções no nível elevado de importância (nível 5) foram, as referentes à propriedade e nacionalidade, com 25% e 50% de opções respetivamente.

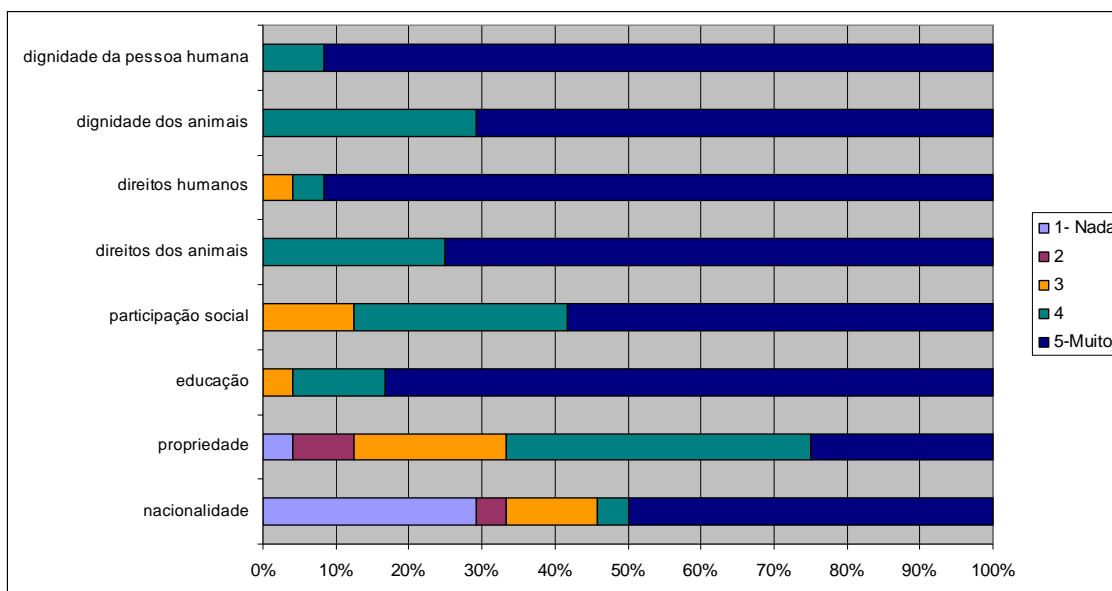


Figura 5.53 – Importância atribuída pelo público a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.

A dignidade da pessoa humana e os direitos humanos foram, os assuntos mais valorizados pelo público inquirido. O assunto menos valorizado por este grupo foi, a propriedade.

Comparando o conjunto de todas as respostas (figura 5.54), percebe-se que o assunto de maior importância para os entrevistados é o referente aos direitos humanos, com 80% de respostas no nível correspondente, ao nível muito importante (nível 5). Questões como a educação e a dignidade da pessoa humana aparecem a seguir, onde 88% e 84% de opções assinaladas recaem no nível 5.

Curiosamente, a seguir às questões da dignidade e direitos humanos, surge a dignidade dos animais e o bem-estar ou direitos dos animais, com 68% e 66% de opções, no nível máximo da escala (nível 5).

Numa posição, pode-se dizer que neutra, aparece a participação social, que recolheu 58% de opções concordantes, com o nível de muita importância (nível 5).

As alíneas referentes, à propriedade e nacionalidade recolheram metade (50%) e menos de metade (48%), respetivamente, de opções no nível máximo da escala (nível 5), tendo mesmo, por parte de 4% e 16% de inquiridos, recolhido opções no nível nulo de importância (nível 1).

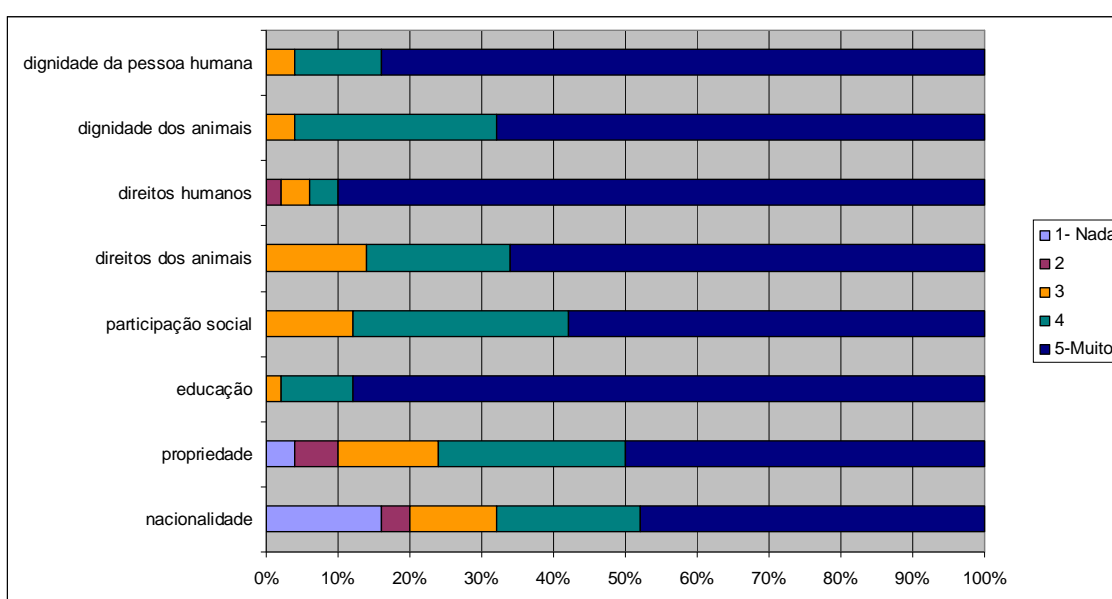


Figura 5.54 – Importância atribuída por todos os inquiridos a questões relacionadas com valores ético-morais e sociais.

Em geral, os direitos humanos e a educação foram as temáticas mais importantes para os inquiridos. A nacionalidade foi o tema que recolheu menos interesse por parte de todos os grupos.

5.28 Os capinhas e a adrenalina associada às touradas à corda

No questionário dado aos capinhas, havia também a questão numerada com 6.11, enunciada do seguinte modo: “*Classifique o grau de adrenalina sentido durante a atividade de tourear.*”, em que se solicitava aos inquiridos que se posicionassem numa escala de Likert com cinco níveis qualificativos, que permitiam classificar o grau de adrenalina sentido pelos entrevistados durante uma tourada à corda, desde reduzido (nível 1) a muito elevado (nível 5).

Para medir a consistência interna das variáveis e a sua validade, realizou-se uma análise de fiabilidade tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.56, o que significa que a escala utilizada é razoável para o estudo da questão, apesar de pouco fiável.

Como se pode observar na figura 5.55, a maior parte dos capinhas (90%) classificou o grau de adrenalina sentido durante uma tourada à corda, como sendo muito elevado (nível 5). Os restantes inquiridos (10%), posicionaram-se no nível elevado (nível 4).

Nenhum inquirido utilizou os níveis restantes (níveis 1, 2 e 3).

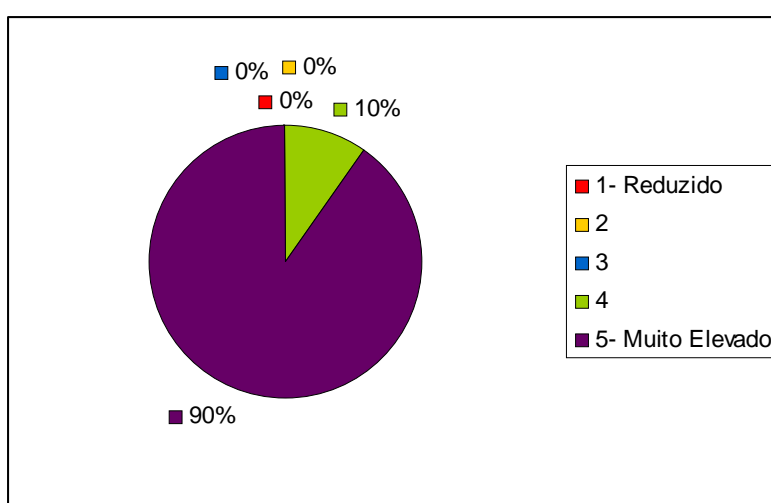


Figura 5.55 – Representação do grau de adrenalina sentido pelos capinhas durante uma tourada à corda.

Como se esperava, o grau de adrenalina que os capinhas dizem sentir, durante a atividade de tourear, é muito elevado.

5.29 A preocupação com fenómenos de risco

Pretendeu-se averiguar, até que ponto a perceção de risco variava em função do tipo de risco, e que acontecimentos potencialmente perigosos constituíam, para cada grupo de inquiridos, maior motivo de preocupação.

Na questão 7, enunciada da seguinte forma: *“Relativamente ao risco de vida associado a cada um dos fenómenos abaixo indicados, refira qual é o seu grau de preocupação.”*, solicitava-se assim aos inquiridos que escolhessem o grau de preocupação, através de uma escala de Likert, com seis níveis – três deles dizendo respeito a preocupações de menor importância (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”) e os outros três referentes a preocupações de

maior importância (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”) – para treze fenômenos que usualmente preocupam as pessoas. Os fenômenos que se selecionaram foram os *ciclones*, as *guerras*, as *cheias*, o *terrorismo*, os *sismos*, as *doenças*, o *aquecimento global*, os *acidentes rodoviários*, a *poluição atmosférica*, a *poluição da água*, a *criminalidade*, os *incêndios*, as *touradas à corda* e se assim o quisessem podiam indicar *outros* fenômenos.

Para medir a consistência interna das variáveis e a sua validade, realizou-se, tal como vem sendo feito, uma análise de fiabilidade, tendo-se obtido um coeficiente alfa de Cronbach de 0.96 para as alíneas referentes aos ciclones, aos incêndios e às touradas, 0.95 para as alíneas referentes às guerras, ao terrorismo, ao aquecimento global, aos acidentes rodoviários, à poluição atmosférica e à criminalidade, 0.94 para as alíneas referentes às cheias e aos sismos, 0.93 para as alíneas referentes às doenças e à poluição da água.

Os resultados esquematizados na figura 5.56 dão a entender, que as situações de risco apresentadas aos capinhas, originaram preocupações muito variáveis.

Os ciclones surgiram com 80% de preocupações dos inquiridos, tendo em conta os três níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me imenso”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me bastante”). Apenas 20% afirmaram preocupar-se “pouco” com esse fenômeno.

Nas guerras, 70% dos capinhas posicionaram-se nos níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me imenso”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me bastante”), enquanto que 20% afirmaram preocupar-se “pouco” e 10% afirmaram não se preocupar com esse assunto.

As cheias foram um assunto, que preocupou de modo geral os capinhas inquiridos, não tendo havido nenhum inquirido que escolhesse os níveis mais baixos de preocupação para esse risco, apenas os mais elevados, onde 40% afirmaram preocupar-se “imenso”, 50% preocupar-se “muito” e 10% preocupar-se “bastante”.

O terrorismo, os acidentes rodoviários e a poluição atmosférica, apresentaram-se com iguais níveis de preocupação por parte dos capinhas: 40% afirmaram preocupar-se “imenso”, 20% preocupar-se “muito”, 20% preocupar-se “bastante” e 10% preocupar-se “pouco” e nada, respetivamente.

Os sismos reuniram 80% das preocupações deste grupo, nos dois níveis mais elevados (40% afirmaram preocupar-se “imenso” e 40% afirmaram preocupar-se

“muito”), 10% dos inquiridos afirmaram estar “pouco” preocupados e os restantes 10% afirmaram não se preocupar com o fenómeno.

As doenças suscitaram a preocupação máxima (“preocupa-me imenso”) a mais de metade dos inquiridos (60%), tendo os restantes capinhas optado igualmente, por níveis de preocupação elevada (20% “preocupa-me muito” e 20% “preocupa-me bastante”), não havendo claramente nenhum inquirido “pouco” preocupado com o assunto.

Quanto ao aquecimento global, também não houve nenhum inquirido que se posicionasse em níveis baixos de preocupação, pelo contrário, mais de metade dos capinhas (60%) afirmaram preocupar-se “imenso” com o fenómeno e 40% afirmaram preocupar-se “bastante”, num sentido semelhante ao verificado por Figueiredo (2007).

A poluição da água foi uma preocupação evidente para os capinhas. Mais uma vez, não houve nenhum entrevistado que se posicionasse em níveis baixos de preocupação. 40% dos inquiridos, consideraram preocupar-se “imenso” com esse assunto, 20% consideraram-se “muito” preocupados e 40% “bastante” preocupados com a poluição da água.

A criminalidade suscitou vários graus de preocupações por parte dos inquiridos: 40% afirmaram preocupar-se “imenso”, 20% preocupar-se “muito” e 10% preocupar-se “bastante”. Os restantes inquiridos, consideraram ser um assunto “pouco” ou nada preocupante (20% e 10% dos inquiridos respetivamente). Seguiram-se os incêndios, onde apenas 20% dos capinhas afirmaram preocupar-se “muito pouco” com o fenómeno, 20% “bastante”, 10% “muito” e 50% “imenso”.

Relativamente às touradas, 10% dos inquiridos afirmaram que tal atividade não os preocupava e 30% afirmaram que os preocupava “muito pouco”. Apesar disto, 40% dos capinhas afirmaram preocupar-se “imenso” com as touradas, 10% afirmaram preocupar-se “muito” e os restantes 10% afirmaram preocupar-se “bastante” com as touradas.

A preocupação com o risco das touradas, por parte dos capinhas posiciona-os nos mesmos níveis de preocupação que as guerras, fenómeno aparentemente distante da realidade atual.

Parece haver por parte dos capinhas, uma certa negação do risco das touradas, pois é aí que surge em média o menor grau de preocupação, todavia, essa diferença não é estatisticamente significativa.

Nenhum elemento deste grupo indicou *outro* fenómeno de preocupação.

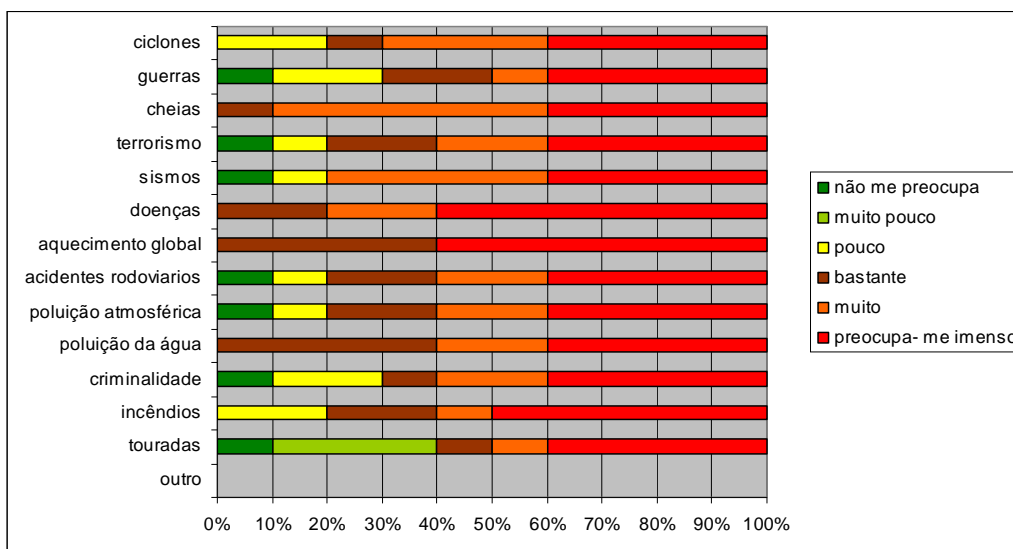


Figura 5.56 – Preocupações dos capinhas inquiridos acerca dos vários fenômenos de risco.

Ao longo da realização dos inquéritos aos capinhas, sempre que surgia a pergunta em questão (questão 7), chegados ao risco das touradas à corda, em que tinham de manifestar o seu grau de preocupação, os capinhas inquiridos sentiam a necessidade de explicar a sua escolha. Não encaravam a questão do ponto de vista da importância do risco físico como se pretendia, mas sim do ponto de vista cultural, ou seja, revelavam que a única preocupação que tinham em relação às touradas à corda, era a sua extinção. A alienação em relação ao objetivo da pergunta foi evidente neste ponto.

Assim sendo, entenda-se aqui que o “preocupa-me muito” é relativo ao risco de desaparecimento da tourada, em vez de risco físico. Neste contexto, não se forma claro qual é efetivamente “o risco” que, os capinhas veem nas touradas.

As doenças foram o fenómeno, que representou maior preocupação para os capinhas.

Na tabela 5.5, sintetizaram-se e ordenaram-se por ordem crescente, de acordo com média ponderada, os resultados obtidos em relação ao grau de preocupação dos inquiridos, para cada um dos riscos apresentados. Verificou-se que os capinhas, raramente responderam com níveis de preocupação baixos. Todos os fenômenos referidos obtiveram da parte deles, preocupações médias referentes a graus superiores a 4.

	Frequência (%) de respostas nas categorias						Grau de preocupação (média)
	1 não me preocupa	2 muito pouco	3 pouco	4 bastante	5 muito	6 preocupa-me imenso	
touradas	10%	30%	0%	10%	10%	40%	4,0
guerras	10%	0%	20%	20%	10%	40%	4,4
criminalidade	10%	0%	20%	10%	20%	40%	4,5
terrorismo	10%	0%	10%	20%	20%	40%	4,6
acidentes rodoviários	10%	0%	10%	20%	20%	40%	4,6
poluição atmosférica	10%	0%	10%	20%	20%	40%	4,6
sismos	10%	0%	10%	0%	40%	40%	4,8
ciclones	0%	0%	20%	10%	30%	40%	4,9
incêndios	0%	0%	20%	20%	10%	50%	4,9
poluição da água	0%	0%	0%	40%	20%	40%	5,0
aquecimento global	0%	0%	0%	40%	0%	60%	5,2
cheias	0%	0%	0%	10%	50%	40%	5,3
doenças	0%	0%	0%	20%	20%	60%	5,4

Tabela 5.5 – Grau de preocupação dos capinhas para os riscos apresentados (n=10).

Reunindo e analisando os dados expostos na figura 5.56 e da tabela 5.5, construiu-se uma escala hierárquica de preocupações médias (onde o verde representava preocupações mínimas e o vermelho representava preocupações máximas), como a que se pode observar na figura 5.57, de forma a realçar os riscos que suscitaram maiores e menores preocupações dos capinhas.

As doenças, as cheias e o aquecimento global, ocuparam o grau máximo de preocupações. Este nível de preocupação com as cheias, por exemplo, poderia estar relacionado com o facto de no dia 15 de dezembro de 2009, algumas freguesias da ilha Terceira terem sido severamente atingidas por este fenómeno, ficando muitas pessoas desalojadas. Essa imagem poderia estar presente na sua mente, dada a proximidade temporal entre esse evento e este estudo. Todavia, não passa de uma hipótese exploratória. Seguiu-se a poluição da água como fenómeno de grande preocupação. É de notar, que na figura 5.56 a poluição da água deixava algumas dúvidas quanto à sua ordenação, mas analisando a tabela 5.5, tornou-se evidente que foi um fenómeno em que não houve escolhas de preocupação baixa, por isso, se comparada com outros fenómenos e com o seu “peso” relativo, por exemplo com o terrorismo, a poluição da água encontrava-se mais perto da preocupação máxima observada neste estudo.

À medida que se descia na escala, constatou-se que os incêndios, sismos e ciclones surgiam ainda com graus de preocupação elevados, embora mais baixos do que os anteriormente mencionados. No que diz respeito a preocupações médias, surgiram neste nível a poluição atmosférica, os acidentes rodoviários e o terrorismo, seguidos de perto da criminalidade e guerras. Por fim, aparecem as touradas, que se apresentaram como um fenómeno menos preocupante.

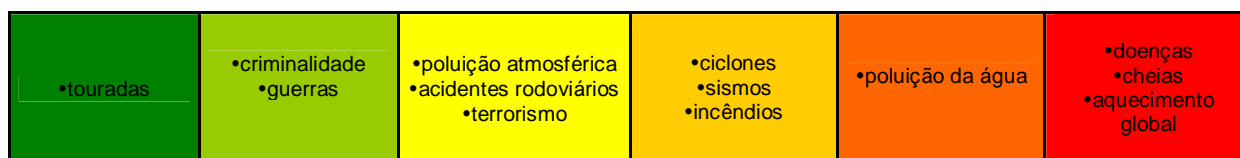


Figura 5.57 – Escala de preocupações médias dos capinhas, associadas aos fenómenos de risco apresentados.

Neste grupo, pareceu haver claramente um confronto entre fenómenos ligados à decisão humana, considerados pelos inquiridos como menos preocupantes, e fenómenos, na sua maioria, ligados às consequências dessas decisões, traduzidos em fenómenos de risco ambiental, considerados pelos capinhas como mais preocupantes.

Neste ponto analisou-se a perceção de risco dos pastores. Além de controlarem a corda durante uma tourada, os pastores ajudam o ganadero, normalmente durante todo o ano nas tarefas necessárias para a gestão da ganaderia, como por exemplo, na mudança do gado bravo dos pastos, na alimentação diária dos touros, na manutenção das vedações dos pastos e nos tratamentos de saúde dos animais.

Os principais resultados do inquérito a este grupo de indivíduos, encontram-se na figura 5.58. Verificou-se que em relação aos ciclones, 28,6% dos inquiridos consideraram preocupar-se “imenso”, 14,3% preocupar-se “muito” e 28,6% preocupar-se “bastante” com este fenómeno. Apenas 14,3% dos entrevistados afirmaram estar “muito pouco” preocupados, em oposição a 14,3% “pouco” preocupados com o assunto.

Relativamente às guerras, 28,6% dos pastores afirmaram não estar preocupados com esse fenómeno, enquanto que a maioria (71,5%) optou por níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

As cheias suscitam pouca preocupação apenas a 14,3% dos inquiridos, enquanto que 42,9% afirmaram estar “bastante” preocupados e 42,9% “muito” preocupados com o assunto.

O terrorismo, a poluição atmosférica e a poluição da água, situaram-se em iguais níveis de preocupação: 28,6% dos pastores afirmaram preocupar-se “imenso”, 28,6% “muito” e 28,6% “bastante”. 14,3% dos inquiridos afirmaram não estar preocupados.

As doenças parecem ser o risco que mais preocupa os pastores, com 28,6% a preocupar-se “imenso”, 57,1% a preocupar-se “muito” e apenas 14,3% a preocupar-se “muito pouco”. No entanto, os sismos tiveram 28,6% de opções no nível “preocupa-me imenso”, 42,9% em “preocupa-me muito” e 28,6% em “preocupa-me bastante”, que se atendermos ao facto dos pastores não terem apresentado qualquer escolha nos níveis

mais baixos de preocupação, este risco ultrapassou as doenças, tendo assumido assim, o maior grau de preocupação de todas as temáticas.

No que diz respeito ao aquecimento global, 14,3% dos inquiridos não estavam preocupados com o assunto e outros 14,3% afirmaram preocupar-se “pouco”. Por outro lado, 14,3% estavam “bastante” preocupados com o assunto, outros 14,3% preocupavam-se “imenso”, estando a maioria (42,9%) “muito” preocupada com as alterações climáticas.

Nos acidentes rodoviários, apenas 14,3% dos inquiridos afirmaram não estar preocupados com esse risco, enquanto que todos os outros (85,8%) afirmaram o contrário (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

Dos três últimos riscos apresentados, as touradas apareceram como sendo o risco menos preocupante, com 28,6% de opções “preocupa-me muito pouco” e 14,3% “preocupa-me pouco”. 57,2% dos inquiridos revelaram níveis mais elevados de preocupação relativamente às touradas, pelas razões apontadas anteriormente. De seguida, a criminalidade surgiu com 28,6% de inquiridos, “muito pouco” ou “nada” preocupados com o assunto, enquanto que a maioria (71,5%) se posicionou nos níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

Nesta análise restam os incêndios, que dos três últimos riscos, foi claramente aquele que gerou maior preocupação (85,8%), onde apenas 14,3% dos pastores entrevistados afirmaram estar “muito pouco” preocupados com o assunto.

Nenhum elemento deste grupo indicou *outro* fenómeno de preocupação.

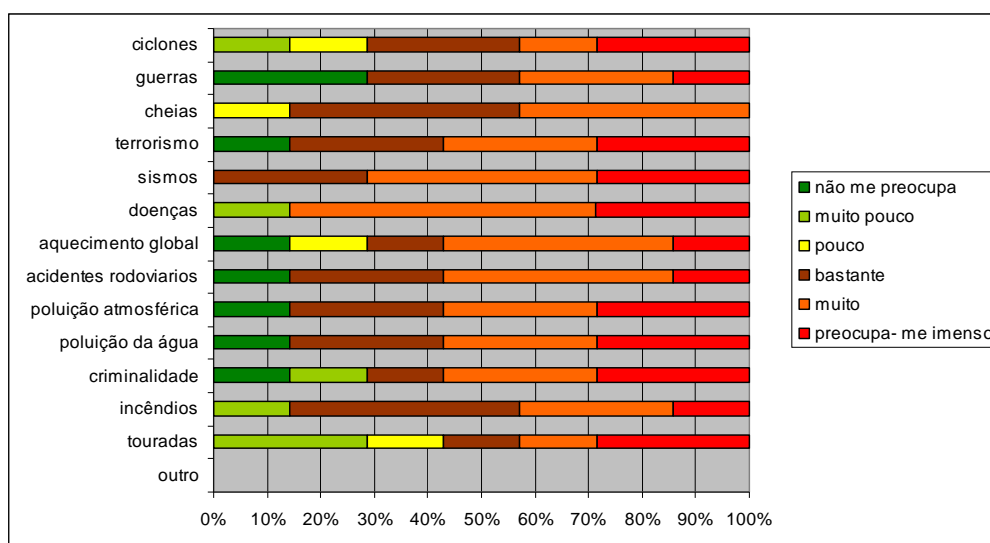


Figura 5.58 – Preocupações dos pastores inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.

O nível máximo de preocupação (“preocupa-me imenso”), nunca ultrapassou 30% de opções nos vários fenómenos de risco, por parte dos pastores inquiridos.

O fenómeno considerado pelos pastores, como mais preocupante, foram os sismos.

Tal como anteriormente, construiu-se uma tabela (tabela 5.6) que contém o grau médio de preocupações. Ao observar essa tabela verifica-se, que quando questionados sobre o grau de preocupação que os problemas apresentados lhes suscitavam, os pastores inquiridos raramente responderam com níveis inferiores a 3. Todos os riscos referidos obtiveram por isso, níveis de preocupação médios entre 3 e 5.

	Frequência (%) de respostas nas categorias						Grau de preocupação (média)
	1 não me preocupa	2 muito pouco	3 pouco	4 bastante	5 muito	6 preocupa-me imenso	
guerras	28,6%	0%	0%	28,6%	28,6%	14,3%	3,7
touradas	0%	28,6%	14,3%	14,3%	14,3%	28,6%	4,0
aquecimento global	14,3%	0%	14,3%	14,3%	42,9%	14,3%	4,1
criminalidade	14,3%	14,3%	0%	14,3%	28,6%	28,6%	4,1
ciclones	0%	14,3%	14,3%	28,6%	14,3%	28,6%	4,3
cheias	0%	0%	14,3%	42,9%	42,9%	0%	4,3
acidentes rodoviários	14,3%	0%	0%	28,6%	42,9%	14,3%	4,3
incêndios	0%	14,3%	0%	42,9%	28,6%	14,3%	4,3
terrorismo	14,3%	0%	0%	28,6%	28,6%	28,6%	4,4
poluição atmosférica	14,3%	0%	0%	28,6%	28,6%	28,6%	4,4
poluição da água	14,3%	0%	0%	28,6%	28,6%	28,6%	4,4
doenças	0%	14,3%	0%	0%	57,1%	28,6%	4,9
sismos	0%	0%	0%	28,6%	42,9%	28,6%	5,0

Tabela 5.6 – Grau de preocupação dos pastores para os riscos apresentados (n=7).

Reuniram-se os dados numa escala hierárquica de preocupações médias (exposta por ordem crescente de preocupações, onde o verde representava preocupações mínimas e o vermelho representava preocupações mais elevadas), como a apresentada na figura 5.59, onde se obteve num dos extremos, as guerras, seguidas de muito perto pelas touradas, sendo os riscos que geraram menores preocupações aos pastores. No extremo oposto surgiram os sismos e as doenças, como sendo riscos de elevadas preocupações, seguindo-se em sentido decrescente de preocupação, mas ainda num nível elevado, o terrorismo, a poluição atmosférica e a poluição da água. A meio da escala, representados em níveis de média preocupação, observaram-se riscos como o aquecimento global e a criminalidade por um lado, e os ciclones, as cheias, os acidentes rodoviários e os incêndios por outro.

Pode dizer-se, que este nível de preocupações, com os sismos e os ciclones, eram esperados, visto que a ilha Terceira, e em geral o arquipélago dos Açores, apresentam as condições geológicas e climatéricas propícias à ocorrência destes fenómenos. No que

diz respeito aos sismos, é do conhecimento geral que tanto podem ser de origem vulcânica como tectónica, esta última deve-se ao facto de a ilha Terceira se encontrar situada na cordilheira submarina, Crista Média Atlântica (MAR- *Middle Atlantic Ridge*) que é atravessada por uma falha transformante chamada Rift da Terceira, o que faz com que os Açores possuam um alto nível de sismicidade. Mesmo assim, a probabilidade de ocorrência de terremotos na Terceira, é inferior à probabilidade de ocorrência desses fenómenos em alguns locais do território continental português (Rodrigues, 2006).

Quanto às condições climatéricas do arquipélago dos Açores, são definidas pela sua posição geográfica em pleno Oceano Atlântico Norte, localizado numa faixa de transição entre massas de ar de características tropicais e massas de ar mais frias, sendo influenciado também pelas correntes marítimas, nomeadamente pela corrente quente do Golfo, o que propicia o aparecimento frequente de ciclones. Também aqui, há um efeito protetor do Anticiclone dos Açores, que deflete os ciclones e tempestades tropicais para norte do arquipélago (Rodrigues, 2006).

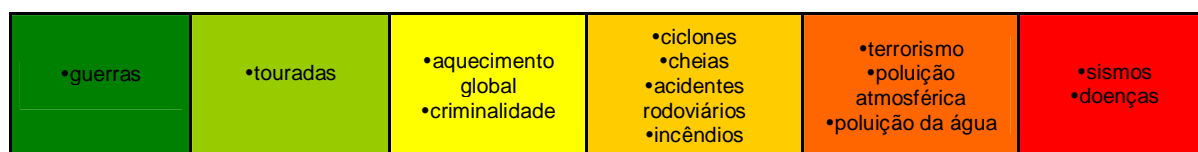


Figura 5.59 – Escala de preocupações médias dos pastores, associadas aos fenómenos de risco apresentados.

Neste grupo constatou-se, que os sismos foram considerados como um dos fenómenos mais preocupantes, facto que pode estar associado ao que se mencionou anteriormente. Por outro lado, à semelhança dos capinhas, as doenças foram consideradas também como um fenómeno muito preocupante por parte dos pastores, embora a preocupação dos capinhas, em relação ao tema, tenha assumido um valor sensivelmente mais elevado.

Também os pastores assumiram preocupações elevadas relacionadas, na sua maioria, com fenómenos de risco ambiental. No entanto, neste grupo não se verificou uma oposição tão clara, entre riscos inerentes a decisões humanas e as suas consequências.

Abordando as mesmas questões com os ganaderos, verifica-se que as suas preocupações, quanto aos riscos apresentados, diferem um pouco das anteriores (figura 5.60).

Os ciclones obtiveram preocupações muito elevadas por parte dos ganaderos, a maioria (88,9%) afirmou preocupar-se “bastante” e “imenso” com esse risco.

Nas guerras, 11,1% e 22,2% dos inquiridos optaram por níveis de muito pouca e pouca preocupação, enquanto que os restantes 66,6% se posicionaram em níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

As cheias foram até aqui, o assunto de menor preocupação para os ganaderos. 77,7% consideraram que as cheias são um risco de elevada preocupação, apenas 11,1% afirmaram não se preocupar e 11,1% preocupar-se “pouco”.

Quanto ao terrorismo, tal como anteriormente nos pastores, este risco apareceu com elevados níveis de preocupação, sendo até um pouco mais elevados. 33,3% dos ganaderos afirmaram preocupar-se “imenso”, 33,3% preocupar-se “muito” e 11,1% preocupar-se “bastante” com o assunto.

Neste estudo, os sismos e as doenças pareceram ser os riscos que mais preocupam os ganaderos, não tendo havido nenhuma opção de preocupações de níveis mais baixos (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”). Nos sismos, 22,2% dos entrevistados consideraram ser um assunto de “imensa” preocupação, 44,4% de “muita” preocupação e 33,3% de “bastante” preocupação. A maioria (55,5%) dos inquiridos afirmaram, que as doenças eram um assunto “bastante” preocupante, 11,1% “muito” preocupante e 33,3% consideraram esta problemática imensamente preocupante.

O aquecimento global suscitou aos ganaderos (88,9%) preocupações elevadas (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”), apenas 11,1% dos inquiridos afirmaram preocupar-se “pouco” com o tema.

Nos acidentes rodoviários verificou-se, que apenas 22,2% dos inquiridos afirmaram preocupar-se “pouco”, e os restantes ganaderos “bastante” (55,6%) e “imenso” (22,2%).

A poluição atmosférica e a criminalidade obtiveram iguais níveis de preocupação mínima: 11,1% dos entrevistados consideraram preocupar-se “muito pouco” e outros 11,1% preocupar-se “pouco”. Quanto a preocupações mais elevadas, a criminalidade pareceu aqui ultrapassar a poluição atmosférica, com 22,2% de opções “preocupa-me

bastante”, 33,3% “preocupa-me muito” e 22,2% “preocupa-me imenso”. A poluição atmosférica contou com 44,4% de opções “preocupa-me bastante e 33,3% “preocupa-me muito”.

Na poluição da água, apenas 11,1% dos ganaderos afirmaram preocupar-se “muito pouco” com o assunto, os restantes (88,8%) posicionaram-se nos níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

Os níveis de preocupação dos ganaderos com os incêndios apresentaram-se, mais equilibrados do que os níveis de preocupação com os outros riscos: 44,1% dos ganaderos escolheram níveis de baixa preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”) e 55,5% situaram-se nos níveis mais elevados de preocupação (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

Neste grupo, as touradas surgiram como um tema que preocupa “pouco” (22,2%), “muito pouco” (33,3%) ou nada (22,2%) os ganaderos, sendo apenas para 22,2% uma temática preocupante (“preocupa-me bastante”, “preocupa-me muito” e “preocupa-me imenso”).

Nenhum elemento deste grupo indicou *outro* fenómeno que os preocupasse.

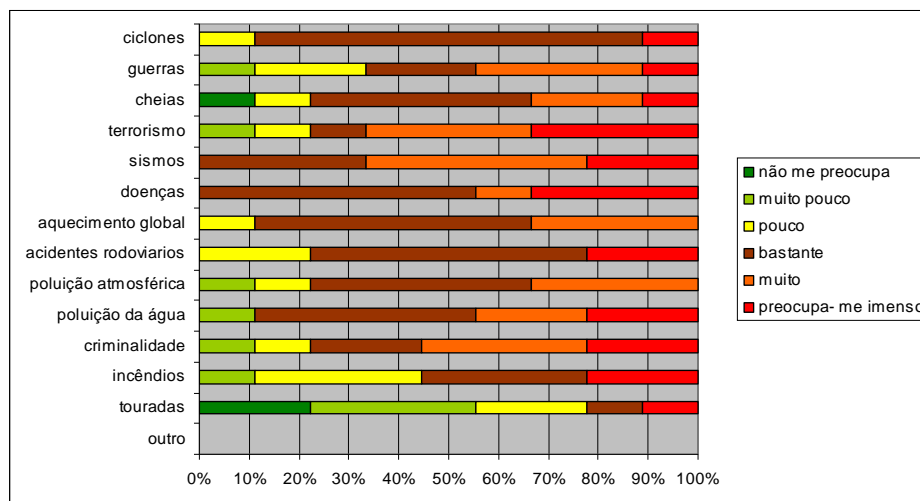


Figura 5.60 – Preocupações dos ganaderos inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.

Os sismos e as doenças foram os fenómenos, que apresentam maior preocupação para os ganaderos. Estas foram as duas únicas temáticas, onde não foram assinalados níveis mais baixos de preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”).

De acordo com a média ponderada dos graus de preocupação dos ganaderos inquiridos (tabela 5.7), verificou-se que em média, os ganaderos responderam com níveis de preocupação superiores ou iguais a 4, e inferiores a 5, à maioria das temáticas.

	Frequência (%) de respostas nas categorias						Grau de preocupação (média)
	1 não me preocupa	2 muito pouco	3 pouco	4 bastante	5 muito	6 preocupa-me imenso	
touradas	22,2%	33,3%	22,2%	11,1%	0%	11,1%	2,7
incêndios	0%	11,1%	33,3%	33,3%	0%	22,2%	3,9
cheias	11,1%	0%	11,1%	44,4%	22,2%	11,1%	4,0
poluição atmosférica	0%	11,1%	11,1%	44,4%	33,3%	0%	4,0
ciclones	0%	0%	11,1%	77,8%	0%	11,1%	4,1
guerras	0%	11,1%	22,2%	22,2%	33,3%	11,1%	4,1
aquecimento global	0%	0%	11,1%	55,6%	33,3%	0%	4,2
acidentes rodoviários	0%	0%	22,2%	55,6%	0%	22,2%	4,2
poluição da água	0%	11,1%	0%	44,4%	22,2%	22,2%	4,4
criminalidade	0%	11,1%	11,1%	22,2%	33,3%	22,2%	4,4
terrorismo	0%	11,1%	11,1%	11,1%	33,3%	33,3%	4,7
doenças	0%	0%	0%	55,6%	11,1%	33,3%	4,8
sismos	0%	0%	0%	33,3%	44,4%	22,2%	4,9

Tabela 5.7 – Grau de preocupação dos ganaderos para os riscos apresentados (n=9).

Na escala hierárquica de preocupações médias (onde o verde representava preocupações mínimas e o vermelho representava preocupações máximas), como se pode observar na figura 5.61, verifica-se que os sismos e as doenças apareceram no nível máximo da escala. Em sentido decrescente de preocupação, o terrorismo, a criminalidade e a poluição da água.

Aqui, o terrorismo ocupou um nível de preocupação mais elevado do que anteriormente nos capinhas, mas já no grupo dos pastores se apresentava como sendo tema de elevada importância. A preocupação com este fenómeno, poderá estar associada ao facto de na ilha Terceira se localizar a Base das Lajes, base esta que a 16 de março de 2003, foi palco da Cimeira das Lajes, com a presença do presidente norte-americano e os primeiros-ministros de Inglaterra, França e Portugal, de então. Deste evento, sairia um ultimato ao Iraque, que se pensava ser possuidor de armas de destruição maciça e autor de vários atos de terrorismo em todo o mundo. Alguns países recusaram o envolvimento no assunto, mas os E.U.A, apoiados por Inglaterra e França, principalmente, decidiram agir. Escolheram o Atlântico como anfitrião para a decisão de uma possível invasão ao inimigo, evento este que contou como já se referiu, com a presença do então primeiro-ministro português, Durão Barroso, o que gerou alguma polémica no povo português devido ao envolvimento consentido de Portugal na guerra, ficando a ilha Terceira e Portugal em geral, suscetível a retaliações por parte dos terroristas.

A preocupação com o terrorismo foi também mencionada noutros estudos, como por exemplo na investigação de Figueiredo (2007), onde os inquiridos (58%) consideraram que o terrorismo era o risco mais preocupante, num conjunto de sete problemas: o terrorismo, a SIDA, as alterações climáticas, a pobreza, o lixo radioativo, a extinção de espécies e a manipulação genética.

Nos níveis de menor preocupação da escala, encontram-se as touradas e os incêndios. As cheias e a poluição atmosférica foram, considerados fenómenos de pouca preocupação, enquanto que os ciclones, as guerras, os acidentes rodoviários e o aquecimento global, foram considerados fenómenos de bastante preocupação por parte dos ganaderos inquiridos.

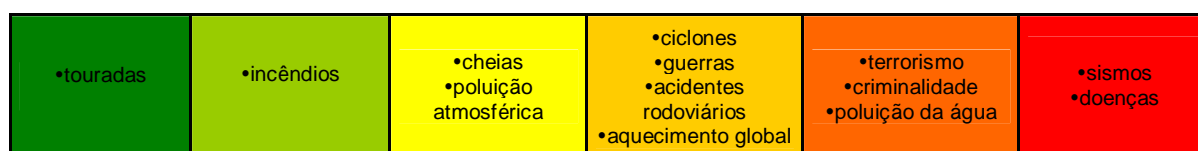


Figura 5.61 – Escala de preocupações médias dos ganaderos, associadas aos fenómenos de risco apresentados.

À semelhança dos pastores, os ganaderos consideraram as doenças e os sismos como sendo fenómenos de elevada preocupação.

Constata-se que existiu concordância por parte dos grupos analisados até aqui, com a atribuição de elevada preocupação com os problemas de saúde.

A preocupação dos ganaderos, com fenómenos de risco ambiental não foi tão elevada como nos capinhas e nos pastores. Tal como no caso dos capinhas, os ganaderos desvalorizaram os riscos das touradas.

Relativamente ao grupo do público verificou-se (figura 5.62), que do ponto de vista da classificação do nível de maior preocupação da escala (“preocupa-me imenso”), as guerras contaram com o maior número de opções (54,2%), seguidas da poluição da água, com 50% de respostas.

O terrorismo e a criminalidade reuniram, 45,8% de opções por parte do público, no nível mais elevado da escala (“preocupa-me imenso”).

A poluição atmosférica aparece assinalada, com 41,7% de opções em “preocupa-me imenso”.

Os sismos, as doenças e o aquecimento global, foram fenómenos assinalados por 37,5% de inquiridos, como sendo fenómenos imensamente preocupantes.

O público inquirido, posicionou-se com 33,3% de opções no nível “preocupa-me imenso”, quando confrontados com os fenómenos respeitantes aos acidentes rodoviários e aos incêndios.

Em sétima posição, de acordo com o nível mais elevado da escala (“preocupa-me imenso”), surgiram os ciclones e as cheias com 20,8% de opções, por parte do público.

Por fim, as touradas, não contaram com qualquer opção dos entrevistados no nível “preocupa-me imenso”.

A poluição da água foi o único fenómeno, que não contou com nenhuma resposta do público, nos três níveis mais baixos de preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”), contrariamente às touradas, que foram o fenómeno que reuniu mais opções do público (58,4%) nesses níveis.

Nenhum elemento deste grupo indicou *outro* fenómeno que os preocupasse.

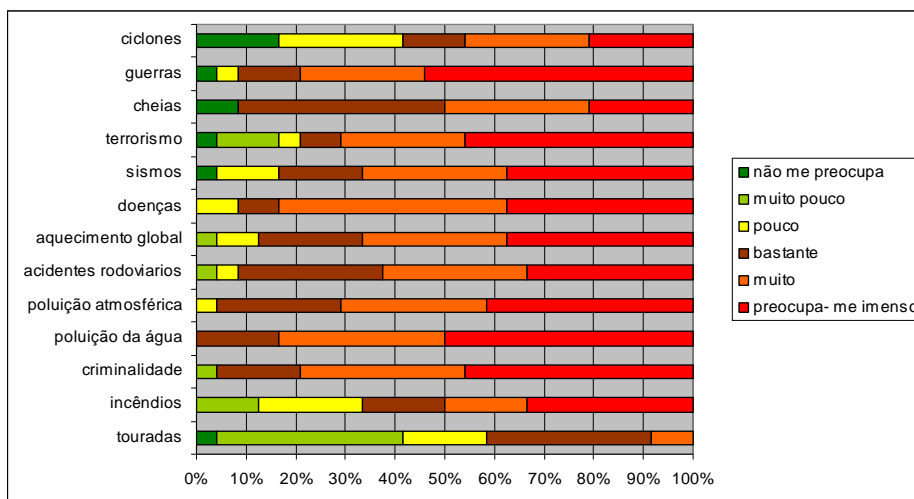


Figura 5.62 – Preocupações do público inquirido acerca dos vários fenómenos de risco.

A poluição da água foi o fenómeno que, os respondentes dizem mais preocupá-los, com uma diferença sensivelmente pequena, em relação aos crimes e guerras.

De acordo com a média ponderada dos graus de preocupação do público (tabela 5.8), verificou-se que os inquiridos responderam, maioritariamente, com níveis de preocupação superiores ou iguais a 3, e inferiores a 5.

	Frequência (%) de respostas nas categorias						Grau de preocupação (média)
	1 não me preocupa	2 muito pouco	3 pouco	4 bastante	5 muito	6 preocupa-me imenso	
touradas	4,2%	37,5%	16,7%	33,3%	8,3%	0%	3,0
ciclones	16,7%	0%	25%	12,5%	25%	20,8%	3,9
incêndios	0%	12,5%	20,8%	16,7%	16,7%	33,3%	4,4
cheias	8,3%	0%	0%	41,7%	29,2%	20,8%	4,5
terrorismo	4,2%	12,5%	4,2%	8,3%	25%	45,8%	4,8
sismos	4,2%	0%	12,5%	16,7%	29,2%	37,5%	4,8
acidentes rodoviários	0%	4,2%	4,2%	29,2%	29,2%	33,3%	4,8
aquecimento global	0%	4,2%	8,3%	20,8%	29,2%	37,5%	4,9
doenças	0%	0%	8,3%	8,3%	45,8%	37,5%	5,1
poluição atmosférica	0%	0%	4,2%	25%	29,2%	41,7%	5,1
guerras	4,2%	0%	4,2%	12,5%	25%	54,2%	5,2
criminalidade	0%	4,2%	0%	16,7%	33,3%	45,8%	5,2
poluição da água	0%	0%	0%	16,7%	33,3%	50%	5,3

Tabela 5.8 – Grau de preocupação do público para os riscos apresentados (n=24).

Na escala hierárquica de preocupações médias (onde o verde representava preocupações mínimas e o vermelho representava preocupações máximas), como a que se pode observar na figura 5.63, a poluição da água, a criminalidade e as guerras surgiram no nível máximo da escala.

A preocupação elevada deste grupo com a criminalidade, foi consentânea com os registos de Gonçalves (2004), relativamente à posição dos portugueses aos novos riscos, onde os resultados de um inquérito (N=702) demonstraram que a insegurança (associada a assaltos, agressões e homicídios), era a maior preocupação dos portugueses, mencionada por 19,9% dos respondentes, entre outros fenómenos de risco como problemas socioeconómicos, contaminação alimentar, droga, desemprego, riscos ambientais, riscos com crianças, acidentes de viação, saúde/doenças, terramotos, incêndios e guerra/terrorismo.

Ainda num nível elevado de preocupação, o público posicionou o aquecimento global, as doenças e a poluição atmosférica, seguidos do terrorismo, dos sismos e dos acidentes rodoviários, num nível abaixo de preocupação.

Em sentido decrescente de preocupação, surgiram os incêndios, as cheias e os ciclones.

Quanto a fenómenos que suscitaram pouca preocupação, verificou-se que mais uma vez as touradas apareceram no nível mínimo, contrariamente ao verificado no grupo dos pastores, que não se consideraram ausentes de preocupação em relação ao assunto.

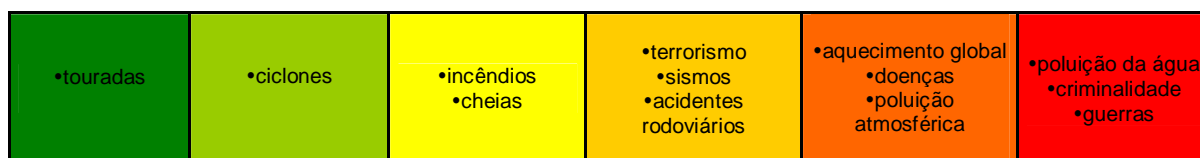


Figura 5.63 – Escala de preocupações médias do público, associadas aos fenómenos de risco apresentados.

O público, tal como os capinhas e ganaderos, não apresentou grandes preocupações de risco em relação às touradas.

Os fenómenos de risco ambiental suscitaram, elevadas preocupações por parte do público, no entanto, alguns fenómenos de risco associados a decisões humanas ganharam destaque com classificações elevadas. Neste contexto, o público foi muito semelhante ao grupo dos ganaderos.

Quanto às preocupações no geral dos inquiridos (figura 5.64), os fenómenos como o terrorismo, as doenças e a poluição da água, obtiveram por parte dos respondentes, 40% de opções em “preocupa-me imenso”. Em níveis baixos de preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”), estes fenómenos reuniram 20%, 6% e 4% respetivamente, de opções por parte dos inquiridos.

As guerras e a criminalidade foram fenómenos mencionados, por 38% dos inquiridos, no total dos três grupos, com “preocupa-me imenso”. Em níveis de baixa preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”), posicionaram-se 20% e 16% de inquiridos, respetivamente.

De seguida, tendo em conta o nível máximo de preocupação (“preocupa-me imenso”), surgiram os sismos, com 34% de inquiridos. Apenas 12% de respondentes consideraram o fenómeno, como sendo nada, “muito pouco” e “pouco” preocupante.

Os fenómenos como o aquecimento global, a poluição atmosférica e os incêndios suscitaram, a 32% dos entrevistados preocupações muito elevadas (“preocupa-me imenso”), enquanto que a 12%, 12% e 30% dos inquiridos, respetivamente, suscitaram preocupações baixas (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”).

Os acidentes rodoviários surgiram, com 30% de inquiridos imensamente preocupados (“preocupa-me imenso”), e 14% dos inquiridos posicionados em níveis de baixa preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”).

Com 24% de opções em “preocupa-me imenso”, apareceram os ciclones, tendo reunido maior número de escolhas (30%), os níveis baixos de preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”).

Por fim, surgiram as cheias com 20% de respostas em “preocupa-me imenso”, e as touradas, com 14% de respostas por parte dos inquiridos no mesmo nível. As touradas foram o fenómeno, que suscitou menores preocupações de risco aos respondentes, com 56% de opções nos níveis mais baixos de preocupação (“não me preocupa”, “preocupa-me muito pouco” e “preocupa-me pouco”), contrariamente às cheias, que reuniram apenas 10% de opções em níveis baixos.

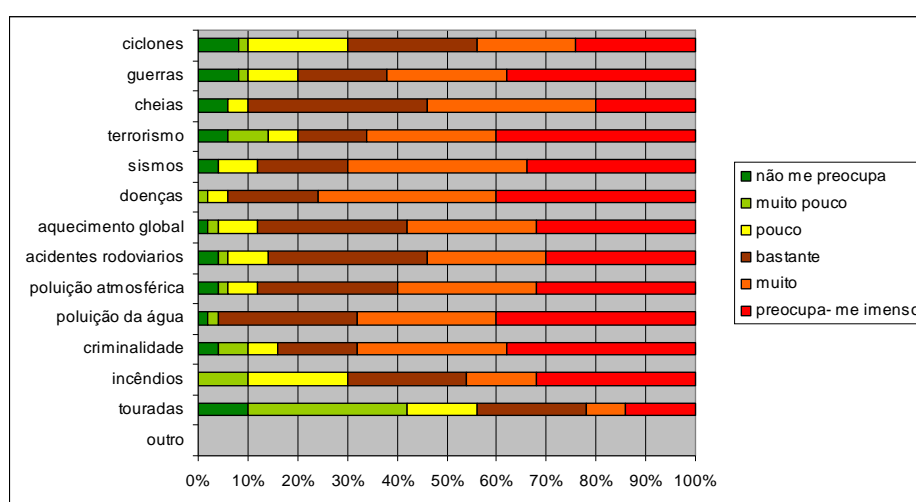


Figura 5.64 – Preocupações de todos os grupos inquiridos acerca dos vários fenómenos de risco.

As doenças, foram o fenómeno de risco que mais preocupa os inquiridos, seguidas de muito perto pela poluição da água.

Ao observar a tabela (tabela 5.9), referente ao grau médio de preocupações do total dos inquiridos, verificou-se que quando questionados sobre o grau de preocupação que os problemas apresentados lhes suscitavam, os inquiridos dos quatro grupos, não responderam com níveis inferiores a 3. Todos os riscos referidos obtiveram por isso, níveis de preocupação médios entre 3 e 5.

	Frequência (%) de respostas nas categorias						Grau de preocupação (média)
	1 não me preocupa	2 muito pouco	3 pouco	4 bastante	5 muito	6 preocupa-me imenso	
touradas	10%	32%	14%	22%	8%	14%	3,3
ciclones	8%	2%	20%	26%	20%	24%	4,2
incêndios	0%	10%	20%	24%	14%	32%	4,4
cheias	6%	0%	4%	36%	34%	20%	4,5
guerras	8%	2%	10%	18%	24%	38%	4,6
acidentes rodoviários	4%	2%	8%	32%	24%	30%	4,6
terrorismo	6%	8%	6%	14%	26%	40%	4,7
aquecimento global	2%	2%	8%	30%	26%	32%	4,7
poluição atmosférica	4%	2%	6%	28%	28%	32%	4,7
sismos	4%	0%	8%	18%	36%	34%	4,8
criminalidade	4%	6%	6%	16%	30%	38%	4,8
poluição da água	2%	2%	0%	28%	28%	40%	5,0
doenças	0%	2%	4%	18%	36%	40%	5,1

Tabela 5.9 – Grau de preocupação de todos os grupos inquiridos para os riscos apresentados (n=50).

Na escala hierárquica de preocupações médias (onde o verde representava preocupações mínimas e o vermelho representava preocupações máximas), que reúne os dados expostos na figura 5.64 e da tabela 5.9, como se pode observar na figura 5.65, pretendia-se realçar os riscos que suscitaram maiores e menores preocupações de todos os respondentes.

As doenças e a poluição da água ocuparam o grau máximo de preocupações, ao contrário do verificado no relatório do Gonçalves (2004), onde as doenças assumiram a quarta posição (9%) nas preocupações dos portugueses inquiridos, relativamente aos fenómenos de risco já mencionados anteriormente.

Também de acordo com o verificado no relatório do Gonçalves (2004), para fenómenos de risco ambiental, que mais preocupavam os portugueses, foi constatado que de entre os fenómenos de risco apresentados (poluição em geral, incêndios, poluição do ar, destruição da camada de ozono, tratamentos de lixo, contaminação alimentar, alterações climáticas, catástrofes naturais, desflorestação e urbanização/industrial), a poluição dos rios e mares, ocupava a terceira posição (11,7%) das preocupações dos portugueses inquiridos e a água potável ocupava a nona posição (2,2%), resultados contrários aos verificados, no todo dos respondentes, nesta investigação.

De seguida, surgiram os sismos e a criminalidade, ainda num grau elevado de preocupação. Em sentido decrescente de preocupação, estavam o terrorismo, o aquecimento global e a poluição atmosférica.

Nos graus de pouca importância, observaram-se as cheias, as guerras e os acidentes rodoviários, seguidos de perto pelos ciclones e incêndios.

Por fim, aparecem as touradas, que se apresentaram como o fenómeno menos preocupante.

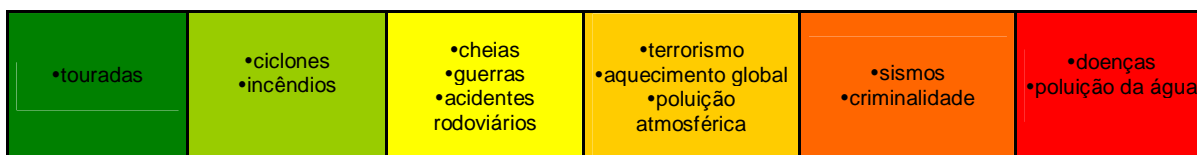


Figura 5.65 – Escala de preocupações médias de todos os grupos inquiridos, associadas aos fenómenos de risco apresentados.

Os fenómenos de risco mais preocupantes para os inquiridos em geral foram, as doenças e a poluição da água. Note-se que as doenças foram mencionadas, por todos os grupos, como sendo um fator de máxima importância, à exceção do grupo do público.

As touradas foram mencionadas, por todos os grupos de inquiridos, à exceção dos pastores, como sendo o fenómeno que nada os preocupa.

Botterill & Mazur (2004) consideraram, que atividades voluntárias são vistas como menos arriscadas do que as involuntárias, o que se verificou aqui também, em relação às touradas, que como se sabe, é uma atividade de risco voluntária.

No caso específico das touradas à corda, o risco é mais acentuado do que nas touradas de praça, pois não existem tantos dispositivos de segurança e o touro que apesar de estar confinado a um determinado espaço, e ser controlado por uma corda, tem à sua disposição muito mais pessoas e obstáculos, os quais na maioria das vezes, consegue ultrapassar facilmente. O público das touradas à corda está sempre mais exposto ao risco, do que o público das touradas de praça.

Os fenómenos associados a riscos ambientais foram na maior parte das vezes mencionados, como sendo muito preocupantes, revelando haver uma elevada consciencialização por parte dos inquiridos, em relação a problemas ambientais.

Pode referir-se, que no relatório do inquérito feito aos portugueses, também os riscos ambientais, em geral, foram o assunto que suscitou maior preocupação por parte dos respondentes (16%) (Gonçalves, 2004).

De forma geral, o risco associado às touradas à corda é desvalorizado, cuja interpretação não “bebe” da justificação de “negação do risco” mas, provavelmente, do facto de haver uma exposição voluntária ao risco, quer dos capinhas quer do público. Diferem desta posição os pastores, por ser um grupo mais profissionalizado, que assume o risco não de forma voluntária, mas por obrigação da profissão. A justificação para

essa percepção parece “beber” um pouco na teoria cultural do risco, mas não justifica por completo.

Num vasto conjunto de problemas apresentados, a percepção de risco parece variar de ano para ano, principalmente se forem comparados estes resultados, com trabalhos anteriores como os de Gonçalves (2004), ou Figueiredo (2007), que se crê ter explicação na agenda da comunicação social.

Também parece estar presente neste trabalho, uma diferente valorização do risco consoante o grau de intensidade, tempo de exposição ao risco: os pastores valorizam muito mais o risco (estão expostos a ele todo o ano), do que os capinhas (exposição temporária) e público e ganaderos (mínima exposição).

5.30 O “espetáculo” versus segurança

No questionário direcionado aos capinhas, havia uma questão (8), enunciada da seguinte forma: *“O que considera mais importante numa tourada? Escolha a opção com que mais se identifica.”*, onde se apresentavam como opção as seguintes hipóteses: *“a) fazer bons passos/ proporcionar bom espetáculo, b) sair ileso, c) convívio, d) confronto com o touro, e) outro. Qual?”*.

A maioria (60%) dos capinhas inquiridos afirmaram, que o mais importante numa tourada à corda era “sair ileso”, e os restantes (40%), revelaram que a sua preferência era fazer “bons passos e proporcionar bom espetáculo”.

Beck (2001) terá afirmado, que os riscos invisíveis são subtraídos ao campo de decisão, e que se os indivíduos vêem o risco, logo não o ignoram. Associada à visibilidade do risco está, a capacidade de prever os seus efeitos.

Ao terem concordado na sua maioria, com a importância de saírem ilesos de uma tourada à corda, os capinhas evidenciaram a boa visibilidade do risco, e conseqüentemente, a aceitação do risco inerente à atividade, prevendo assim os seus efeitos.

5.31 A autoestima e a submissão voluntária ao risco

Na última questão (9) dirigida aos capinhas, e (8) aos outros grupos, os inquiridos eram convidados a responder, positiva ou negativamente, a algumas perguntas de cariz pessoal, de modo a apurar valores de autoestima.

A autoestima dos respondentes, foi determinada através da escala de Rosenberg (Rosenberg, 1965), adaptada de forma a que os inquiridos respondessem positiva ou negativamente aos 12 itens propostos, onde as pontuações do questionário oscilavam entre 0 e 17, e de acordo com os resultados, poder-se-iam adaptar aos seguintes intervalos de autoestima: entre 0 e 5 – autoestima baixa, entre 6 e 10 – autoestima média e entre 11 e 17 – autoestima alta.

A escala de Rosenberg já foi traduzida e adaptada para a população portuguesa, não se descobrindo na literatura problemas decorrentes da sua aplicação, este instrumento já se encontra também, validado por diversos autores como por exemplo, Silber & Tippet, Abramowitz, Jackson & Hagborg, referidos por Sonstroem *et al.* (1992) para diversas populações. Além destes aspetos, esta escala é considerada um dos melhores instrumentos para avaliar a autoestima global (Sonstroem *et al.*, 1992).

As pontuações obtidas no questionário de autoestima dos capinhas, coloca-os no intervalo que define uma autoestima alta, como se pode observar na tabela 5.10. A maioria dos capinhas (40%) obteve 15 valores, 20% obtiveram 13 valores, 20% obtiveram 16 valores e os restantes 20%, o nível máximo da escala (17 valores).

Pontuação obtida	% de inquiridos
13	20
15	40
16	20
17	20

Tabela 5.10 – Pontuação obtida pelos capinhas inquiridos no questionário de autoestima.

Nenhum dos entrevistados deste grupo teve, valores de autoestima nos intervalos de baixa e média autoestima.

No grupo dos pastores, como pode verificar-se na tabela 5.11, a maior parte dos inquiridos obtiveram, tal como o grupo dos capinhas, pontuações dentro do intervalo correspondente a uma autoestima alta: 14,3% dos pastores obtiveram 15 valores, 42,9% obtiveram 16 valores e 28,6% obtiveram 17 valores.

Pontuação obtida	% de inquiridos
8	14,3
15	14,3
16	42,9
17	28,6

Tabela 5.11 – Pontuação obtida pelos pastores inquiridos no questionário de autoestima.

Nesta questão a percentagem de pastores que obteve a pontuação máxima, é mais elevada do que a correspondente aos capinhas. As exceções foram, os 14,3% de inquiridos que obtiveram 8 valores de pontuação, estando estes dentro do intervalo correspondente a uma autoestima média.

Os ganaderos parecem ser pessoas, com mais elevada autoestima. De acordo com a tabela 5.12, todos os inquiridos obtiveram pontuações dentro do intervalo definido para a autoestima alta: 11,1% dos ganaderos inquiridos obtiveram 14 valores, 22,2% obtiveram 15 valores, 11,1% obtiveram 16 valores e 44,4%, ou seja a maioria, obteve pontuação máxima (17).

Pontuação obtida	% de inquiridos
14	11,1
15	22,2
16	11,1
17	44,4

Tabela 5.12 – Pontuação obtida pelos ganaderos inquiridos no questionário de autoestima.

Verificou-se até aqui, que os ganaderos são o grupo com maior autoestima.

Relativamente ao público inquirido, cujos resultados se apresentam na tabela 5.13, verifica-se que a maioria dos inquiridos (29,2%) obteve, uma pontuação de 16 valores, correspondente ao intervalo de alta autoestima. Neste mesmo intervalo, 4,2% dos inquiridos obtiveram 12 valores, 12,5% obtiveram 13 valores, 25% obtiveram 14 valores, 8,3% obtiveram 15 valores e 12,5% obtiveram 17 valores.

Apenas 8,3% das pessoas inquiridas obtiveram 10 valores, pontuação esta, que corresponde ao intervalo de autoestima média.

Pontuação obtida	% de inquiridos
10	8,3
12	4,2
13	12,5
14	25
15	8,3
16	29,2
17	12,5

Tabela 5.13 – Pontuação obtida pelo público inquirido no questionário de autoestima.

As pessoas do público em geral apresentaram, valores correspondentes a uma autoestima elevada.

Comparando todos os grupos de inquiridos (tabela 5.14), pode afirmar-se, que em geral, os entrevistados obtiveram valores elevados de autoestima. As pontuações obtidas pelo maior número de inquiridos foram os valores 16 (26%) e 17 (22%), que se encontram no topo do intervalo correspondente a autoestima elevada.

Pontuação obtida	% de inquiridos
8	2
10	4
12	2
13	10
14	16
15	18
16	26
17	22

Tabela 5.14 – Pontuação obtida pelos inquiridos no questionário de autoestima.

Pode destacar-se nesta análise, o grupo dos ganaderos, do qual 44,4% de inquiridos (ver tabela 5.12) obtiveram a pontuação máxima da escala do questionário.

Nos restantes grupos, as pontuações mais vezes obtidas pelos inquiridos corresponderam, aos valores 15 (obtido por 40% de capinhas inquiridos) e 16 (obtido por 29,2% de pessoas do público e por 42,9% de pastores inquiridos).

De acordo com a análise da autoestima de cada grupo, reuniram-se os dados numa escala (figura 5.66), que pretendia destacar os grupos com mais confiança e os com menos, baseada nas pontuações mais elevadas obtidas pelos inquiridos, no questionário relacionado com o assunto.

Os ganaderos foram o grupo, que se apresentou na primeira posição da escala de autoestima, seguindo-se os pastores e em penúltimo lugar o público.

Esperava-se que o grupo dos capinhas obtivesse a primeira posição na escala, visto serem as personagens que mais “espetáculo” proporcionam nos arraiais das touradas à corda, lidando o touro de forma destemida, mas a análise dos dados referentes à questão da autoestima mostraram o contrário, posicionando os capinhas em último lugar na escala. Apesar de haver diferenças entre grupos, essa não é estatisticamente significativa.

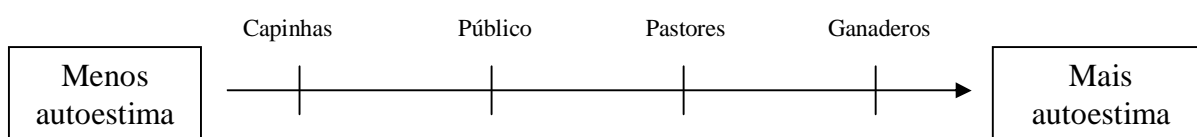


Figura 5.66 – Escala de autoestima dos grupos inquiridos.

Parece haver no presente trabalho, uma inversão do que se pensava saber sobre os envolvidos nas touradas à corda. Embora a figura do capinha seja central nas touradas à corda, a confiança não parece ser o principal atributo para se submeterem ao perigo voluntariamente, ou para se destacarem na multidão dos arraiais.

Observando as touradas à corda, do ponto de vista de atividade geradora de paixões, poderá ser a paixão, a razão pela qual muitos se submetem a este risco, mesmo sabendo da existência de um possível retorno negativo.

A posição privilegiada dos ganaderos na escala de autoestima poderá estar associada, ao “peso” que o seu papel acarreta. Uma ganaderia é comparada por muitos a um partido político, que acolhe e incentiva seguidores, neste caso aficionados, e cabe ao ganadero apresentar um bom produto de incentivo, neste caso o touro. O apoio recebido pelos aficionados é muito importante para o reconhecimento de uma ganaderia, e o reconhecimento poderá dar origem a maiores somas económicas, e por consequência a um aumento de autoestima quando se tem sucesso.

6 CONCLUSÕES E CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo exploratório surgiu, da ausência de estudos que focassem a atenção no risco, inerente às touradas à corda. Pretendeu-se com esta investigação, identificar o modo como os intervenientes no evento percecionam, concebem e se posicionam face ao risco, bem como inventariar os valores envolvidos nessa atividade, de modo a que se pudessem fornecer indicações, para uma comunicação de risco eficaz.

As principais conclusões a que se chegou podem ser explicadas, por modelos interpretativos e explicativos (apresentados nas figuras 6.1, 6.2, 6.3 e 6.4), das variáveis que foram analisadas.

O perfil de risco nas touradas à corda é, muito distinto de grupo para grupo, bem como, a percepção de risco associada às diferentes “tarefas” que cada um desempenha.

Os capinhas foram o grupo com percepções de risco mais elevadas.

Verificou-se, tal como se pode observar no modelo da figura 6.1, que a percepção de risco dos capinhas parece ser afetada pela cultura, religião, baixa autoestima e valores morais e ambientais, que no seu conjunto originam comportamentos baseados na aceitação do risco. No caso das elevadas representações religiosas dos capinhas, parece haver o domínio do risco pelo sagrado. Associada à percepção de risco dos capinhas, está a valorização afetiva do animal.

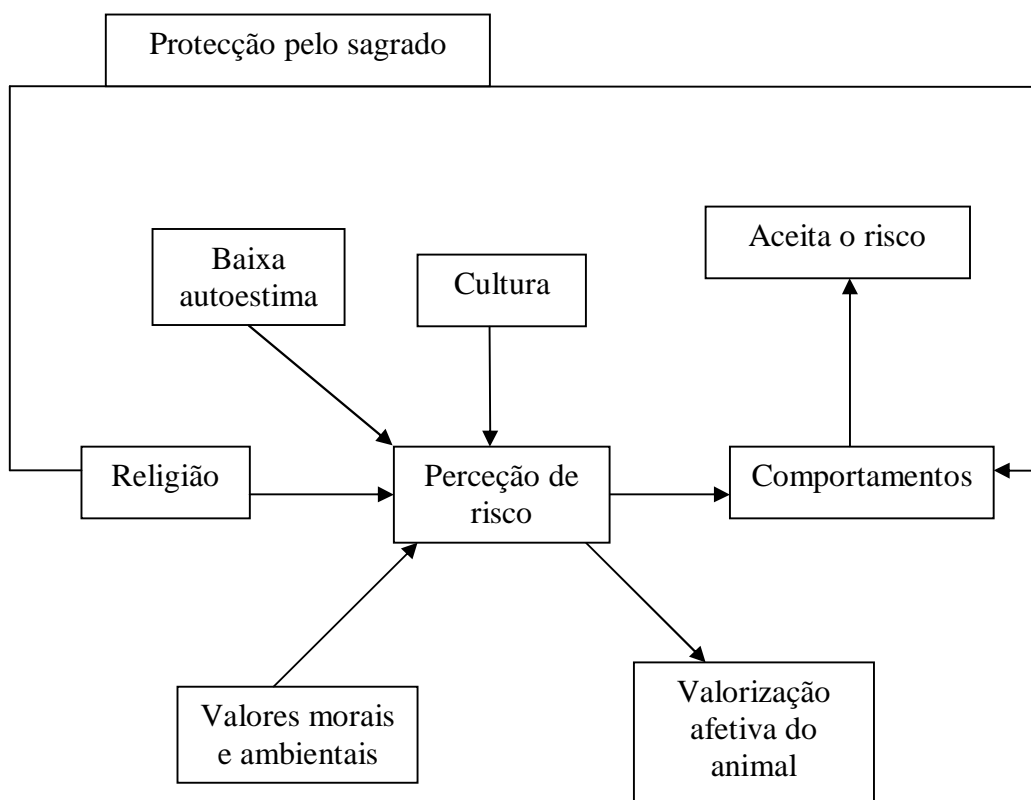


Figura 6.1 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos capinhas.

A cultura e a existência de uma profissão de risco, no que diz respeito à lide do touro no pasto, são fatores que parecem alterar a percepção de risco dos pastores, no contexto das touradas à corda (figura 6.2).

Estes perceberam riscos mais elevados, conforme estivessem mais vulneráveis a esse risco (maior percepção de risco na lide do touro no pasto, do que na lide do touro durante uma tourada a corda), havendo por parte dos pastores, uma atenuação do risco dos outros intervenientes na festa e uma amplificação do risco pessoal.

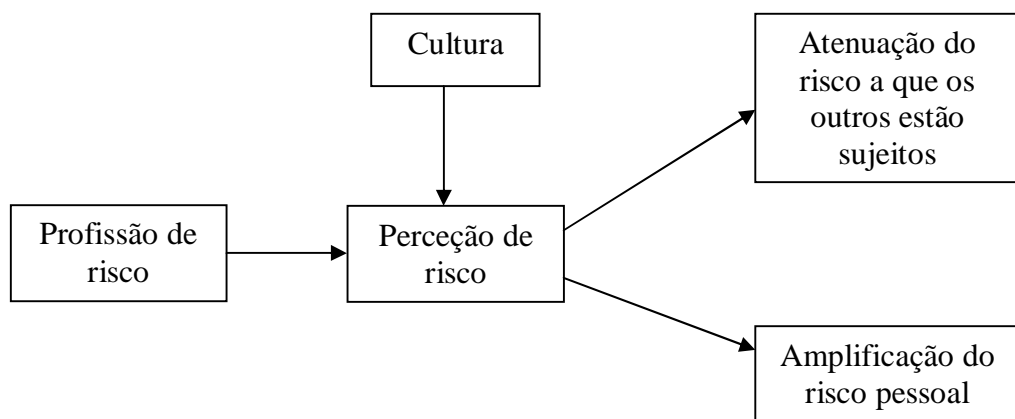


Figura 6.2 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos pastores.

No caso dos ganaderos, como se pode observar na figura 6.3, a percepção de risco pareceu ser afetada pela elevada auto-estima, fatores económicos, culturais e familiares.

Este grupo omite o risco e atenua o risco, a que os outros estão sujeitos.

Também neste grupo se verificou a existência da valorização afetiva do animal.

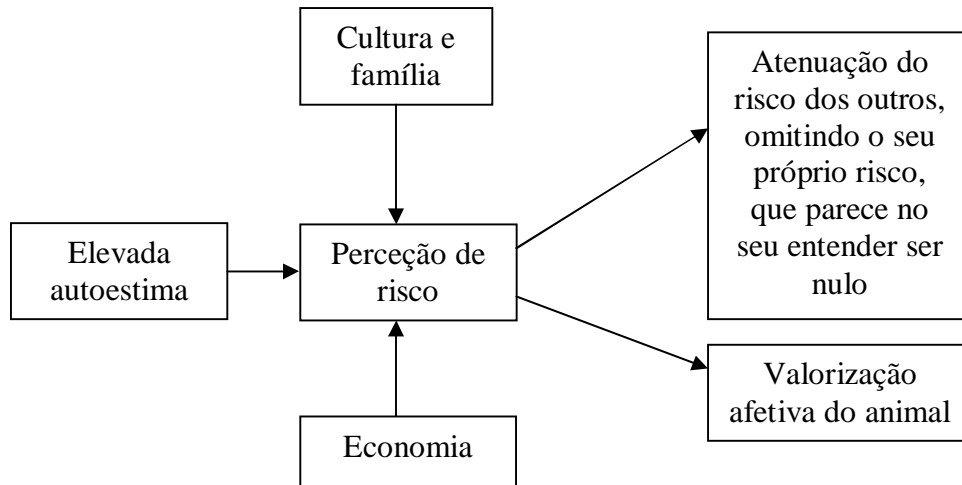


Figura 6.3 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco dos ganaderos.

Contrariamente aos capinhas, o público (figura 6.4) é o grupo que está menos exposto ao risco, e que por sua vez percecionou riscos menos elevados, tendo havido por parte destes uma negação de risco. Esta negação faz com que seja um grupo com perceções atenuadoras de risco, crendo-se haver aqui, uma grande influência cultural na perceção de risco, das touradas à corda.

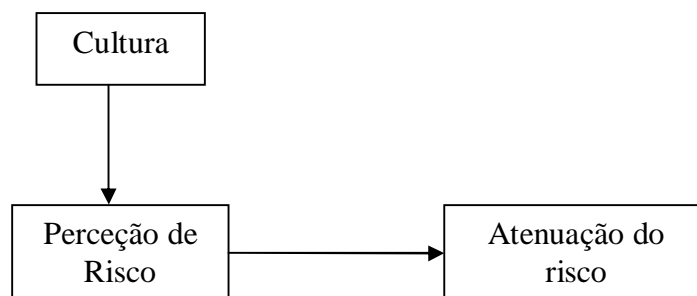


Figura 6.4 – Modelo interpretativo e explicativo associado ao perfil de risco do público.

De todas estas perceções, a mais fácil de explicar é a do público e a mais complexa, a dos capinhas.

Verificou-se que, quanto maior o grau de exposição/vulnerabilidade dos grupos ao risco das touradas à corda, maior foram as percepções de risco. Associadas às percepções de risco mais elevadas, pareceram estar a boa visibilidade e aceitação desses riscos.

O facto de haver por parte do público uma atenuação de risco, pressupõe que possam existir comportamentos, que colocam impedimentos ao curso de ações preventivas mitigadoras desse risco.

As touradas à corda na ilha Terceira são designadas, como uma tradição geradora de paixões e vistas como um fenómeno turístico importante para a ilha Terceira, provavelmente por isso, a informação sobre o risco físico inerente às touradas à corda seja assunto colocado para segundo plano. Refira-se por exemplo, que a morte acidental de um turista, por falta de informação sobre o que envolve a festa, mais precisamente o risco a que se submete, poderá ter impactos muito negativos em termos de promoção turística da ilha. Neste contexto, uma informação de risco acoplada à visão tradicional do que a tourada oferece, seria uma mais valia para a “festa brava” e para a promoção da ilha no estrangeiro do ponto de vista turístico, e admitindo que estas atividades continuarão a ser socialmente aceites.

Com intuito de facilitar a implementação de medidas mitigadores, no que concerne ao risco das touradas à corda, propõe-se as seguintes estratégias comunicativas:

- Deve ser transmitida, essencialmente a turistas, informação que clarifique o risco inerente às touradas à corda, focando:

- riscos físicos (risco de morte, risco de ferimentos e risco de invalidez);

- riscos de perdas de bens (risco de danos em automóveis, em habitações, outros danos materiais);

- fatores que contribuem para o aumento do risco físico (desconhecimento da tradição e da opulência do touro, distração, embriaguez, ruído, pânico, lançamento de foguetes, resíduos abandonados, elevada concentração de pessoas, exposição/vulnerabilidade);

- alertar para comportamentos de risco (homens e mulheres, nativos e turistas, adolescentes, adultos e seniores);

-destacar o facto de não existirem garantias de segurança numa tourada à corda, pois apesar dos esforços dos intervenientes, todos estão perante um animal bravo, o qual é difícil de controlar.

- Ter em conta os sentimentos das pessoas, a preocupação e o medo, de modo a levá-las a modificar o seu comportamento, de forma gradual e pacífica;

- Essa informação pode ser veiculada pela televisão, pelos jornais, revistas, internet, panfletos informativos nos limites dos arraiais num dia de tourada, oferecendo aos que desconhecem o evento, a ideia do que pode encontrar numa tourada, e as precauções a tomar.

Refira-se que seria pertinente também estudar, questões relacionadas com a valorização económica das touradas à corda e investigar a função do touro numa perspetiva de gestão e conservação da natureza, que devido à escassez de tempo e volume de trabalho, não foi possível incluir na presente dissertação.

Apesar disso, julga-se que se introduziu uma abordagem importante, a uma atividade ainda pouco estudada a nível da perceção e comunicação de risco.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- Alexander, D. 2000. *Confronting catastrophe - New perspectives on natural disasters*. Oxford University Press. Oxford.
- ARCTTC, 2000. Associação Regional de Criadores da Tourada à Corda. Disponível em: <http://www.toiroscorda.com/antigo/index.php?op=associacao> – (Data de consulta: 10 de setembro 2010).
- Beck, U. 1992. *Risk society: towards a new modernity*. Sage. London.
- Beck, U. 2000. *World risk society*. Polity. Cambridge University Press.
- Beck, U. 2001. *La société du risque – Sur la voie d’une autre modernité*. Flammarion. Paris.
- Blasco, I. 1908. *Sangre y arena*. Alianza. Madrid.
- Boholm, A. 1998. Comparative studies of risk perception: a review of twenty years of research. *Journal of Risk Research*, 1 (2): 135-163.
- Botterill, L., & Mazur, N. 2004. Risk & risk perception: A literature Review. *A report for the rural industries research and development corporation*. RIRDC Publication. Australian Government.
- Bouysson, J. 1997. *Théorie générale du risque*. Ed. Economica. Paris.
- Capucha, L. 1995. *O Espelho quebrado: Versus e reversus nas tauromaquias populares*. Instituto de Estudos Mediterrânicos. Lisboa.
- Cavalheiro, J. 2008. *Consciência ambiental entre professores e alunos da escola estadual básica Dr. Paulo Devanier Lauda*. Monografia de especialização. Universidade Federal de Santa Maria. Brasil.

- Chester, D., Duncan, A., & Dibben, C. 2008. The importance of religion in Shaping volcanic risk perception in Italy, with special reference to Vesuvius and Etna. *Journal of Volcanology and Geothermal Research*, 172 (3-4): 151-215.
- Colares, M., Troncon, L., Figueiredo, J., Cianflone, A., Rodrigues, M., Piccinato, C., Peres, L., & Coleta, J. 2002. Construção de um instrumento para avaliação das atitudes de estudantes de medicina frente a aspectos relevantes da prática médica. *Revista Brasileira de Educação Médica*, 26 (3): 194-203.
- Comissão Europeia. Disponível em: http://ec.europa.eu/food/animal/welfare/index_pt.htm – (Data de consulta: 3 de setembro 2010).
- Comissão Nacional de Eleições. Disponível em: http://www.cne.pt/dl/resultados_rn_2007.pdf – (Data de consulta: 8 de novembro 2011).
- Damáσιο, A. 2001. *O sentimento de si. O corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Fórum da Ciência. Publicações Europa-América. Lisboa.
- Dayton-Johnson, J. 2004. *Natural disasters and adaptive capacity*. OECD Development Center. Working Paper No. 237. Disponível em: www.oecd.org/dataoecd/30/63/33845215.pdf – (Data de consulta: 7 de junho 2011).
- Declaração Universal dos Direitos dos Animais. Disponível em: <http://www.apasfa.org/leis/declaracao.shtml> – (Data de consulta: 3 de setembro 2010).
- Diário da República- I Série- N.º150. Decreto Legislativo Regional n.º37/2008/A, de 5 de Agosto de 2008. Pág. 5260-5267.
- Diário da República- I Série- N.º62. Decreto Legislativo Regional n.º12/2010/A, de 30 de Março de 2010. Pág. 1026-1028.
- Di Giulio, G. M., Figueiredo, B. R., & Ferreira, L. C. 2008. Disponível em: <http://www.comciencia.br/comciencia/?section=8&id=495> – (Data de consulta: 3 de julho 2011).

- Douglas, M., & Wildavsky, A. 1982. *Risk and Culture*. California University Press. Berkeley.
- Eiser, J., & White, M. 2006. A psychological approach to understanding how trust is built and lost in the context of risk. *Social Contexts and Responses to Risk Network (SCARR)*. Working paper 12. ESRC (Economic & Social Research Council), 1-33.
- Ferreira, I. 2010. *Os professores e o currículo: Percepções e níveis de intervenção dos professores do ensino básico no desenvolvimento curricular*. Mestrado em Supervisão Pedagógica. Universidade Aberta. Lisboa. Disponível em: <http://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/1728/1/Dissertac...pdf> (Data de consulta: 15 de janeiro 2011).
- Ferreira, S. 2008. Conforto térmico e bem-estar do touro na gaiola, durante a tourada à corda. *In Festa na Ilha. Revista Taurina Açoreana*, 12: 10-15.
- Figueiredo, M. 2007. *Percepção de risco sobre alterações climáticas: Estudo exploratório na ilha Terceira, Açores*. Mestrado em Educação Ambiental. Universidade dos Açores. Angra do Heroísmo.
- Freitas, C. M., & Gomez, C. M. 1997. Análise de riscos tecnológicos na perspectiva das ciências sociais. *História, Ciências, Saúde– Manguinbos*, 3: 485-504.
- Ghiglione, R., & Matalon, B. 2005. *O Inquérito*. Celta Editora. Oeiras.
- Goleman, D. 2001. *Inteligência emocional*. Temas & Debates. Lisboa.
- Gomes, E., & Menezes, R. 2008. Aborto e Eutanásia: Dilemas contemporâneos sobre os limites da vida. *Physis: Revista de Saúde Coletiva*, Rio de Janeiro. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/physis/v18n1/v18n01a06.pdf> – (Data de consulta: 10 de fevereiro 2011).

- Gonçalves, M. E. 2004. *Relatório do Inquérito “Os Portugueses e os Novos Riscos”*.
Novos riscos, Tecnologia e Ambiente. Relatório final. OBSERVA (2003).
Lisboa.
- Henriques, E. B. & Queirós, M. 2008. *Verdadeiros medos e falsas confianças: Percepção de risco numa área de elevada perigosidade natural*. Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa. Disponível em: www.geogra.uah.es/inicio/web_11_cig/cdXICIG/.../com-P3-36.pdf – (Data de consulta: 15 de janeiro 2011).
- Hogan, D. J. & Marandola J. 2005. Towards an interdisciplinary conceptualisation of vulnerability. *Population, Space and Place*, 11: 455-471.
- Ishikawa, N. 2006. Actors of bullfighting and their social relations in Oki islands. *Transformation Processes of Cultural Landscapes*. Department of Geography, Nagoya University. Japan.
- Jovellanos, G. M. 1790. *Espectáculos y diversiones públicas*. Cátedra. Madrid.
- Kahan, D., Braman, D., Gastil, J., Slovic, P., & Mertz, C. K. 2005. *Gender, race, and risk perception: The Cultural Status of Anxiety*. Yale Law School, 86.
- Leiserowitz, A. 2003. *Global warming in the american mind: the roles of affect, imagery, and the worldviews in risk perception, policy preferences and behavior*. Phd Dissertation: Environmental Studies Program and Graduate School of the University of Oregon.
- Lima, A., & Schmidt, L. 1996. Questões ambientais – Conhecimentos, preocupações e sensibilidades. *Análise Social*, 31 (1): 205-227.
- Lima, M. L. 2005. *Percepção de riscos ambientais*. In L. Soczka (Ed.), Contextos Humanos e Psicologia Ambiental. Fundação Calouste Gulbenkian. Lisboa.

- Lopes, F. 2003. *Notas Etnográficas*. Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo.
- Lowenstein, G., Weber, E., Hsee, C., & Welch, N. 2001. Risk as feelings. *Psychological Bulletin*, 127 (2): 267-286.
- Lupton, D. 2003. *Risk*. Routledge. London.
- Martha, C., Sanchez, X., & Freixanet, M. 2009. *Risk perception as a function of risk exposure amongst rock climbers*. *Psychology of Sport and Exercise* 10. Disponível em: www.elsevier.com/locate/psychsport – (Data de consulta: 15 de abril 2011).
- Martins, J. M. 2008. *Percepção do risco de desenvolvimento de lesões músculo-esqueléticas em actividades de enfermagem*. Mestrado em Engenharia Humana. Universidade do Minho.
- Merelim, P. 1986. *Tauromaquia terceirense*. Edição da Delegação do Turismo. Angra do Heroísmo.
- Morgan, M., Fischhoff, B., Bostrom, A., & Atman, C. 2004. *Risk communication: A mental models approach*. Cambridge University Press. New York.
- Paniagua, C. 1994. Bullfight: The afición. *Psychoanalytic Quarterly*, 63: 84-100.
- Paniagua, C. 2008. *Psicologia de la afición taurina*. *Ars Medica. Revista de Humanidades*, 2. Disponível em: <http://www.psiquiatria.com/articulos/psicologia/41702/> – (Data de consulta: 15 de março 2011).
- Peacock, W., Brody, S., & Highfield, W. 2005. Hurricane risk perceptions among Florida's single family homeowners. *Landscape and Urban Planning*, 7(2-3): 120-135.
- Peretti-Watel, P. 2000. *Sociologie du risque*. Armand Colin. Paris.

- Peretti-Watel, P. 2001. *La société du risque*. La Découverte. Paris.
- Pimpão, J. H. 2009. Balanço das Touradas à Corda. *Diário Insular*, 29 outubro. Angra do Heroísmo.
- Plapp, T. 2001. Perception and evaluation of natural risks. *Risk Research and Insurance Management*. Working paper 1. Disponível em: <http://www.geo.umass.edu/courses/geo250/perception%20and%20Risk%20Germany.pdf> – (Data de consulta: 12 de janeiro 2011).
- Procuradoria Geral Distrital de Lisboa. Disponível em: http://www.pgdlisboa.pt/pgdl/leis/lei_mostra_articulado.php?artigo_id=109A0133&nid=109&tabela=leis&pagina=1&ficha=1&nversao=#artigo – (Data de consulta: 12 de janeiro 2012).
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. 1998. *Manual de investigação em ciências sociais*. Gradiva. Lisboa.
- Renn, O. 2006. *Risk governance towards an integrative approach*. International Risk Governance Council. Geneva.
- Ribeiro, L. 1982. *Etnografia Açoriana*. Instituto Histórico da Ilha Terceira. Angra do Heroísmo.
- Rodrigues, A. F. 2006. Percepções e riscos das alterações climáticas globais. *Encontro de Educação Ambiental “Sociedades Sustentáveis: o Papel da Educação Ambiental”*. Rede de Núcleos de Educação e Informação Ambiental da Região da Macaronésia. Santana, Madeira.
- Ropeik, D. 2004. The consequences of fear. *Embo Reports*, 5: 555-560.
- Rosenberg, M. 1965. *Society and the adolescent self-image*. Princeton University Press. Princeton, NJ.

- Silva, I. C. 2010. *Fátima Albino, Uma ganadeira da ilha Terceira*. BLU edições. Açores.
- Sjöberg, L. 2000. Factors in risk perception. *Risk Analysis*, 20 (1): 1-11.
- Sjöberg, L. 2001. Limits of knowledge and the limited importance of trust. *Risk Analysis*, 21 (1): 189-198.
- Sjöberg, L., Bjorg-Elin M., & Rundmo, T. 2004. Explaining risk perception. An evaluation of the psychometric paradigm in risk perception research. *Rotunde*, 84: 1-30.
- Sjöberg, L. 2005. The perceived risk of terrorism. *Risk Management: An International Journal*, 7 (1): 43-61.
- Soares, C. 2006. *O risco na sociedade e nos media. Como a imprensa nacional tratou a co-incineração*. Mestrado em Cultura e Comunicação. Universidade do Porto.
- Sonstroem, R. J., Speliotis, E. D., & Fava, J. L. 1992. Perceived physical competence in adults: an examination of physical self-perception profile. *Journal of Sport & Exercise Psychology*, 14: 207-221.
- Slovic, P. 1987. Risk perception. *Science*, 236: 280-285.
- Slovic, P. 1999. Trust, emotion, sex, politics, and science: Surveying the risk-assessment battlefield. *Risk Analysis*, 19 (4): 689-701.
- Slovic, P. & Weber, E. 2002. Perception of risk posed by extreme events. *Conference of Risk Management Strategies in an Uncertain World*. New York.
- Slovic, P., Finucane, M., Peters, E., & MacGregor, D. 2004. Risk as analysis and risk as feelings: Some thoughts about affect, reason, risk and rationality. *Risk Analysis*, 24 (2): 1-12.

- Smith, J. 2005. Dangerous news: Media decision making about climate change risk. *Risk Analysis*, 25 (6): 1471-1482.
- Taylor-Gooby, P. 2004. Psychology, social psychology and risk. *Social Contexts and Responses to Risk Network (SCARR)*, 3: 1-26.
- Thywissen, K. 2006. *Components of risk. A comparative glossary*. UN Institute for Environment and Human Security. Bona.
- US Department of Health and Human Services. 2002. *Communicating in a crisis: Risk communication guidelines for public officials*. Washington D.C.
- Weber, E. U. 2006. Experience-base and description-based perceptions of long-term risk: Why global warming does not scare us (yet). *Climate Change*, 77: 103-120.
- Zinn, J. 2004. Literature review: sociology and risk. *Social Contexts and Responses to Risk Network (SCARR)*, 1: 1-36.

ANEXOS

ANEXO 1 – Inquérito dado ao grupo dos capinhas



INQUÉRITO (Capinhas)

1- Ano de Nascimento _____

2- Habilitações Literárias/ Profissão _____

3- Quando começou a atividade de:

3.1- tourear (tentaderos ou praça)? _____

3.2- tourear na rua, nas touradas à corda? _____

4- A atividade de tourear, entende-a como profissional ou amadora? _____

4.1- Se profissional, quanto ganha? _____

5- Como percebe o risco de:

5.1- **morte** associado às touradas à corda?

	Muito				
Nulo	Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado	
	1	2	3	4	5

5.2- **invalidez** associado às touradas à corda?

	Muito				
Nulo	Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado	
	1	2	3	4	5

6- Assinale na escala abaixo a sua posição relativamente às questões, de acordo com o seu grau de concordância (**1-Nada a 5-Muito**).

6.1- É religioso?

Nada					Muito
	1	2	3	4	5

6.2- É a favor do aborto? _____

6.3- Qual importância que atribui à vida em sociedade?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.4- Concorda com o direito de uma pessoa, que estando muito doente, possa pedir ao médico para lhe dar um comprimido para morrer? _____

6.5- Qual a importância que atribui ao ambiente?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.6- Qual a importância das touradas à corda para si?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.7- Qual a importância que atribui à sua profissão?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.8- Escolha de entre os animais da lista, cinco dos que mais gosta (**indicando 1,2,3,4,5, pela ordem de preferência, onde 1 é o que mais gosta e 5 o que menos gosta**).

- a) cão
- b) gato
- c) vaca
- d) touro
- e) cavalo
- f) elefante
- g) pássaro
- h) nenhum
- i) outro. Qual? _____

6.9- Dos animais seguintes, **qual ou quais** os que mais facilmente eliminava?

- a) barata
- b) formiga
- c) caracol
- d) rato
- e) coelho
- f) cão
- g) nenhum
- h) outro. Qual? _____

6.10- Classifique a importância que atribui à:

a) dignidade da pessoa humana

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

b) dignidade dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

c) direitos humanos

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

d) direitos (bem-estar) dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

e) participação social

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

f) educação

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

g) propriedade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

h) nacionalidade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.11- Classifique o grau de adrenalina sentido durante a atividade de tourear:

Reduzido

Muito Elevado

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7 - Relativamente ao risco de vida associado a cada um dos fenómenos abaixo indicados, refira qual é o seu grau de preocupação.

	Não me preocupa	Muito pouco	Pouco	Bastante	Muito	Preocupa-me imenso
ciclones						
guerras						
cheias						
terrorismo						
sismos						
doenças						
aquecimento global						
acidentes rodoviários						
poluição atmosférica						
poluição da água						
criminalidade						
incêndios						
touradas						
outro						

8- O que considera mais importante numa tourada? Escolha **a opção** com que mais se identifica.

a) fazer bons passos/ proporcionar bom espetáculo

b) sair ileso

c) convívio

d) confronto com o touro

e) outro. Qual? _____

9- Para cada uma das frases assinale com **X** sim ou não, consoante concorde ou discorde da afirmação.

	Sim	Não
1. Penso que tenho mais qualidades do que defeitos.		
2. Creio que a maioria das pessoas são melhores do que eu.		
3. Estou descontente comigo mesmo(a).		
4. Sinto-me muito confiante.		
5. Os meus companheiros estimam-me.		
6. Não sirvo para nada.		
7. Geralmente, os professores gostavam de mim.		
8. Ninguém gosta de mim.		
9. Sou uma pessoa com pouco valor.		
10. Considero-me tão inteligente como os meus companheiros.		
11. Sinto-me muito auto-confiante.		
12. Não sou capaz de resolver os meus problemas.		
13. Considero-me atraente.		
14. Com frequência, não sou capaz de enfrentar as dificuldades.		
15. Às vezes, sinto-me orgulhoso(a) pelos meus sucessos.		
16. Penso que sou parvo(a).		
17. Sinto-me satisfeito comigo mesmo(a).		

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 2 – Inquérito dado ao grupo dos pastores



INQUÉRITO (Pastores)

1- Ano de Nascimento _____

2- Habilitações Literárias/ Profissão _____

3- Quando começou a atividade de pastor nas touradas à corda? _____

4- A atividade de pastor, entende-a como profissional ou amadora? _____

4.1- Se profissional, quanto ganha? _____

5- Como percebe o risco de:

5.1- **morte** associado às touradas à corda?

	Nulo	Muito Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado
	1	2	3	4	5

5.2- **morte** associado à lide do touro no pasto?

	Nulo	Muito Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado
	1	2	3	4	5

6- Assinale na escala abaixo a sua posição relativamente às questões, de acordo com o seu grau de concordância (**1-Nada a 5-Muito**).

6.1- É religioso?

Nada					Muito
	1	2	3	4	5

6.2- É a favor do aborto? _____

6.3- Qual importância que atribui à vida em sociedade?

Nada					Muito
	1	2	3	4	5

6.4- Concorda com o direito de uma pessoa, que estando muito doente, possa pedir ao médico para lhe dar um comprimido para morrer? _____

6.5- Qual a importância que atribui ao ambiente?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.6- Qual a importância das touradas à corda para si?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.7- Qual a importância que atribui à sua profissão?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.8- Escolha de entre os animais da lista, cinco dos que mais gosta (**indicando 1,2,3,4,5, pela ordem de preferência, onde 1 é o que mais gosta e 5 o que menos gosta**).

- a) cão
- b) gato
- c) vaca
- d) touro
- e) cavalo
- f) elefante
- g) pássaro
- h) nenhum
- i) outro. Qual? _____

6.9- Dos animais seguintes, **qual ou quais** os que mais facilmente eliminava?

- a) barata
- b) formiga
- c) caracol
- d) rato
- e) coelho
- f) cão
- g) nenhum
- h) outro. Qual? _____

6.10- Classifique a importância que atribui à:

a) dignidade da pessoa humana

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

b) dignidade dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

c) direitos humanos

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

d) direitos (bem-estar) dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

e) participação social

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

f) educação

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

g) propriedade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

h) nacionalidade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7 - Relativamente ao risco de vida associado a cada um dos fenómenos abaixo indicados, refira qual é o seu grau de preocupação.

	Não me preocupa	Muito pouco	Pouco	Bastante	Muito	Preocupa-me imenso
ciclones						
guerras						
cheias						
terrorismo						
sismos						
doenças						
aquecimento global						
acidentes rodoviários						
poluição atmosférica						
poluição da água						
criminalidade						
incêndios						
touradas						
outro						

8- Para cada uma das frases assinale com **X** sim ou não, consoante concorde ou discorde da afirmação.

	Sim	Não
1. Penso que tenho mais qualidades do que defeitos.		
2. Creio que a maioria das pessoas são melhores do que eu.		
3. Estou descontente comigo mesmo(a).		
4. Sinto-me muito confiante.		
5. Os meus companheiros estimam-me.		
6. Não sirvo para nada.		
7. Geralmente, os professores gostavam de mim.		
8. Ninguém gosta de mim.		
9. Sou uma pessoa com pouco valor.		
10. Considero-me tão inteligente como os meus companheiros.		
11. Sinto-me muito auto-confiante.		
12. Não sou capaz de resolver os meus problemas.		
13. Considero-me atraente.		
14. Com frequência, não sou capaz de enfrentar as dificuldades.		
15. Às vezes, sinto-me orgulhoso(a) pelos meus sucessos.		
16. Penso que sou parvo(a).		
17. Sinto-me satisfeito comigo mesmo(a).		

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 3 – Inquérito dado ao grupo dos ganaderos



INQUÉRITO (Ganaderos)

1- Ano de Nascimento _____

2- Habilitações Literárias/ Profissão _____

3- Quando começou a atividade de:

3.1- criação de touros? _____

3.2- criação de touros para corda? _____

4- A atividade de ganadero, entende-a como profissional ou amadora? _____

4.1- Se profissional, quanto ganha? _____

5- Como percebe o risco de:

5.1- **morte** associado às touradas à corda?

	Muito				
Nulo	Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado	
1	2	3	4	5	

5.2- **morte** associado à lide do touro no pasto?

	Muito				
Nulo	Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado	
1	2	3	4	5	

6- Assinale na escala abaixo a sua posição relativamente às questões, de acordo com o seu grau de concordância (**1-Nada a 5-Muito**).

6.1- É religioso?

Nada						Muito
1	2	3	4	5		

6.2- É a favor do aborto? _____

6.3- Qual importância que atribui à vida em sociedade?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.4- Concorda com o direito de uma pessoa, que estando muito doente, possa pedir ao médico para lhe dar um comprimido para morrer? _____

6.5- Qual a importância que atribui ao ambiente?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.6- Qual a importância das touradas à corda para si?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.7- Qual a importância que atribui à sua profissão?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.8- Escolha de entre os animais da lista, cinco dos que mais gosta (**indicando 1,2,3,4,5, pela ordem de preferência, onde 1 é o que mais gosta e 5 o que menos gosta**).

- a) cão
- b) gato
- c) vaca
- d) touro
- e) cavalo
- f) elefante
- g) pássaro
- h) nenhum
- i) outro. Qual? _____

6.9- Dos animais seguintes, **qual ou quais** os que mais facilmente eliminava?

- a) barata
- b) formiga
- c) caracol
- d) rato
- e) coelho
- f) cão
- g) nenhum
- h) outro. Qual? _____

6.10- Classifique a importância que atribui à:

a) dignidade da pessoa humana

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

b) dignidade dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

c) direitos humanos

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

d) direitos (bem-estar) dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

e) participação social

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

f) educação

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

g) propriedade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

h) nacionalidade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7 - Relativamente ao risco de vida associado a cada um dos fenómenos abaixo indicados, refira qual é o seu grau de preocupação.

	Não me preocupa	Muito pouco	Pouco	Bastante	Muito	Preocupa-me imenso
ciclones						
guerras						
cheias						
terrorismo						
sismos						
doenças						
aquecimento global						
acidentes rodoviários						
poluição atmosférica						
poluição da água						
criminalidade						
incêndios						
touradas						
outro						

8- Para cada uma das frases assinale com **X** sim ou não, consoante concorde ou discorde da afirmação.

	Sim	Não
1. Penso que tenho mais qualidades do que defeitos.		
2. Creio que a maioria das pessoas são melhores do que eu.		
3. Estou descontente comigo mesmo(a).		
4. Sinto-me muito confiante.		
5. Os meus companheiros estimam-me.		
6. Não sirvo para nada.		
7. Geralmente, os professores gostavam de mim.		
8. Ninguém gosta de mim.		
9. Sou uma pessoa com pouco valor.		
10. Considero-me tão inteligente como os meus companheiros.		
11. Sinto-me muito auto-confiante.		
12. Não sou capaz de resolver os meus problemas.		
13. Considero-me atraente.		
14. Com frequência, não sou capaz de enfrentar as dificuldades.		
15. Às vezes, sinto-me orgulhoso(a) pelos meus sucessos.		
16. Penso que sou parvo(a).		
17. Sinto-me satisfeito comigo mesmo(a).		

Obrigado pela sua colaboração!

ANEXO 4 – Inquérito dado ao grupo do público



INQUÉRITO (Público)

1- Ano de Nascimento _____

2- Género F M

3- Nacionalidade/ Residência _____

4- Habilitações Literárias/ Profissão _____

5- Como percebe o risco de:

5.1- **morte** associado às touradas à corda?

	Nulo	Muito Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado
	1	2	3	4	5

5.2- **invalidez** associado às touradas à corda?

	Nulo	Muito Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado
	1	2	3	4	5

5.3- **ferimentos ligeiros** associado às touradas à corda?

	Nulo	Muito Reduzido	Reduzido	Médio	Elevado
	1	2	3	4	5

6- Assinale na escala abaixo a sua posição relativamente às questões, de acordo com o seu grau de concordância (**1-Nada a 5-Muito**).

6.1- É religioso?

	Nada				Muito
	1	2	3	4	5

6.2- É a favor do aborto? _____

6.3- Qual importância que atribui à vida em sociedade?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.4- Concorda com o direito de uma pessoa, que estando muito doente, possa pedir ao médico para lhe dar um comprimido para morrer? _____

6.5- Qual a importância que atribui ao ambiente?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.6- Qual a importância das touradas à corda para si?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.7- Qual a importância que atribui à sua profissão?

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

6.8- Escolha de entre os animais da lista, cinco dos que mais gosta (**indicando 1,2,3,4,5, pela ordem de preferência, onde 1 é o que mais gosta e 5 o que menos gosta**).

- a) cão
- b) gato
- c) vaca
- d) touro
- e) cavalo
- f) elefante
- g) pássaro
- h) nenhum
- i) outro. Qual? _____

6.9- Dos animais seguintes, **qual ou quais** os que mais facilmente eliminava?

- a) barata
- b) formiga
- c) caracol
- d) rato
- e) coelho
- f) cão
- g) nenhum
- h) outro. Qual? _____

6.10- Classifique a importância que atribui à:

a) dignidade da pessoa humana

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

b) dignidade dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

c) direitos humanos

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

d) direitos (bem-estar) dos animais

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

e) participação social

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

f) educação

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

g) propriedade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

h) nacionalidade

Nada Muito

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

7 - Relativamente ao risco de vida associado a cada um dos fenómenos abaixo indicados, refira qual é o seu grau de preocupação.

	Não me preocupa	Muito pouco	Pouco	Bastante	Muito	Preocupa-me imenso
ciclones						
guerras						
cheias						
terrorismo						
sismos						
doenças						
aquecimento global						
acidentes rodoviários						
poluição atmosférica						
poluição da água						
criminalidade						
incêndios						
touradas						
outro						

8- Para cada uma das frases assinale com **X** sim ou não, consoante concorde ou discorde da afirmação.

	Sim	Não
1. Penso que tenho mais qualidades do que defeitos.		
2. Creio que a maioria das pessoas são melhores do que eu.		
3. Estou descontente comigo mesmo(a).		
4. Sinto-me muito confiante.		
5. Os meus companheiros estimam-me.		
6. Não sirvo para nada.		
7. Geralmente, os professores gostavam de mim.		
8. Ninguém gosta de mim.		
9. Sou uma pessoa com pouco valor.		
10. Considero-me tão inteligente como os meus companheiros.		
11. Sinto-me muito auto-confiante.		
12. Não sou capaz de resolver os meus problemas.		
13. Considero-me atraente.		
14. Com frequência, não sou capaz de enfrentar as dificuldades.		
15. Às vezes, sinto-me orgulhoso(a) pelos meus sucessos.		
16. Penso que sou parvo(a).		
17. Sinto-me satisfeito comigo mesmo(a).		

Obrigado pela sua colaboração!